

KATU AHY



ÀMI UTAY

ALDEIA MARAKANÃ

A CONSTRUÇÃO DE UMA ALDEIA INDÍGENA URBANA
FAU - UFRJ | TFG1 2021.2 | ESTUDO FINAL | GUSTAVO LENNON DA SILVA

SUMÁRIO

04 RESUMO

06 INTRODUÇÃO

08 JUSTIFICATIVA

12 ALDEIA MARAKANÃ

37 METODOLOGIA

42 REFERÊNCIAS PROJETUAIS

44 PROJETO

68 MATERIAIS

70 BIBLIOGRAFIA

Para Angelita, Clemente, Maurina e João, amados avós que sempre levarei em meu coração.

RESUMO



MARACANÃ - “Semelhante à um chocalho” em tupi-guarani, som feito por papagaios (maracanã-guaçu) que viviam na região e deram nome ao lugar.

4 Uma proposta arquitetônica com integração e reabilitação de uma estrutura existente (edifício do antigo Museu do Índio) à sua área de entorno, de modo a contribuir para a manutenção da Aldeia Marakanã. O projeto tem o intuito de oferecer uma melhoria nas estruturas e espaços da Aldeia para ampliar o trabalho já executado por ela de promoção da cultura e luta indígena e apoio à comunidade dentro do contexto urbano. Dessa forma é esperado que o projeto auxilie na causa indígena, à medida que alimente uma nova visão das comunidades indígenas que não mais as limite às áreas rurais, mas que legitime sua presença nos centros urbanos.

Palavras-chaves:

Indígena – Aldeia Urbana – Comunidade Pluriétnica – Resistência Aldeia Marakanã.

An architectural proposal with the integration and rehabilitation of an existing structure (the former Museu do Índio building) to its surrounding area, in order to contribute to the maintenance of the Marakanã Village. The project is intended to offer an improvement in the structures and spaces of the Village to expand the work already carried out by it to promote indigenous culture and struggle and support the community within the urban context. Thus, it is expected that the project will help in the indigenous cause, as it feeds a new vision of indigenous communities that no longer limits them to rural areas, but that legitimizes their presence in urban centers.

Key words:

Indigenous - Urban Village - Multiethnic Community - Resistance Marakanã Village.

INTRODUÇÃO



Campanha de vacinação devido à pandemia de COVID-19.

INTRODUÇÃO

No Brasil a cultura indígena sempre foi vista como ponto de origem para a criação de nossa identidade nacional, e com isso a figura da pessoa indígena sempre foi apresentada como “primeiro brasileiro”, “primeiro morador”. De certo modo não se trata de uma visão equivocada, pois de fato os povos indígenas foram os primeiros ocupantes do território que atualmente é o Brasil. A problemática dessa forma de compreensão dos povos originários é a cristalização de sua cultura, isto é, entendê-la como não processual, mas sim cristalizada no tempo¹.

O senso comum da cultura ocidental entende como indígena apenas os indivíduos habitantes de ambientes rurais, em territórios isolados, nudistas, sem acesso à tecnologia e infraestruturas urbanas. Buscando a representação de um indígena folclórico que remeta aos povos da época do descobrimento do Brasil. Todas as representações que fujam desse indígena romantizado (o herói nacional) são questionadas quanto à sua identidade. De modo a agravar ainda mais esse cenário, as representações indígenas em diversas mídias sempre reforçam essa imagem caricaturada do indígena de 1500.

O termo “índio”, que geralmente é o mais utilizado para se referir às comunidades indígenas é uma identidade atribuída por Cristóvão Colombo por acreditar ter chegado às Índias Orientais. Tal termo é mais uma forma de questionamento da identidade indígena, uma vez que ele foi atribuído por um colonizador e engloba de maneira homogeneizante povos e culturas plurais. Além de todo o massacre sofrido pelos povos nativos há de maneira consonante um massacre simbólico, que busca cada vez mais o apagamento de tradições e identidades indígenas, tratando a cultura indígena como uma cultura morta que deve ser exposta em museus como souvenir de um passado colonial.

Porém, indo contra o pensamento da sociedade ocidental, que aceita apenas culturas e formas de organização com estruturas similares às suas, a cultura e identidade indígenas estão vivas e resistindo até os dias de hoje. A adaptabilidade não é um privilégio da cultura ocidental, as culturas indígenas também são capazes de se adaptarem a novas realidades e condições de vida. Isso faz parte de um processo de transfiguração étnica², isto é, a defesa dos povos indígenas contra ação da sociedade ocidental, para não serem assimilados ou destruídos.



Figura 1: Exemplos de representações da pessoa indígena em diferentes mídias.

¹ CALEFFI, 2003.

² RIBEIRO, 1970.

JUSTIFICATIVA



Manifestação em defesa dos direitos indígenas realizada em julho de 2021 na área Central do Rio de Janeiro.

JUSTIFICATIVA

A resistência indígena implica principalmente na possibilidade de ocupação e participação em todos os lugares e esferas. Com isso o indígena contemporâneo pensa com duas mentalidades: a primeira de acordo com seus costumes tradicionais; e a segunda com os costumes da sociedade urbana. No entanto, as instituições de poder não enxergam por essa mesma ótica, vendo na figura indígena uma baixa capacidade para lidar com a organização e estrutura urbana ocidental. A capacidade indígena é sempre questionada por uma visão ainda atrelada à muitas camadas de preconceito, com origens da época colonial. De modo a exemplificar esse cenário, atualmente é comum o questionamento sobre a relação de trabalhos formais dos povos indígenas: “Índio gosta de trabalhar?” Esse pensamento é um resquício colonial relacionado ao fato da questão imunológica não permitir que os indígenas “servissem” para serem escravizados.³

O estatuto jurídico de capacidade civil relativa foi regulamentado em 1928, pela Lei nº 5484, promulgada por iniciativa do SPI, em que o indígena é colocado sob tutela direta do Estado, representado por aquele órgão, estabelecendo-se que dela poderia emancipar-se progressivamente, até sua plena investidura nos direitos e deveres do cidadão brasileiro comum.⁴

Devido à isso, os povos indígenas estão submetidos à um sistema de poder tutelar, que nada mais é do que um dispositivo disciplinar do Estado Brasileiro com objetivo de manter o monopólio nas ações de controlar, definir e administrar a população indígena e seus bens⁵. O primeiro órgão de tutela foi o SPI (Serviço de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais), fundando em 1910 com o objetivo de prover assistência para todos os indígenas do território nacional⁶. Essa assistência teria como principal ação afastar do trabalho catequizador da Igreja Católica, para promover a diretriz republicana da separação entre Estado e religião.

³ MEDEIROS, 2021.

⁴ RIBEIRO, pg 179, 1970.

⁵ ALBUQUERQUE, 2015.

⁶ OLIVEIRA, 1947.

O segundo órgão e atual exercendo a tutela é a FUNAI (Fundação Nacional do Índio), criada em 1967 em substituição ao SPI, com as funções de promoção e proteção dos direitos dos povos indígenas além de administrar, identificar, monitorar e demarcar as Terras Indígenas (TI).

As Terras Indígenas (TI) são porções do território nacional, que depois de passar por todo o processo legal de demarcação e se tornar um bem da União, são habitadas por uma ou mais comunidades indígenas onde elas podem exercer atividades produtivas, religiosas e culturais. Aqui é importante pontuar que Terras Indígenas se configuram como um título burocrático que formaliza perante a legislação áreas de vivência de comunidades indígenas, mas nem todas as áreas ocupadas por comunidades indígenas são Terras Indígenas, para isso elas precisam passar pelo processo burocrático. As fases para o processo de demarcação das Terras Indígenas são as seguintes: Em estudo; Delimitadas; Declaradas; Homologadas; Regularizadas; Interditadas.

São aquelas por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias à sua reprodução física e cultural, segundo seu usos, costumes e tradições. (Parágrafo Primeiro do artigo 231 da Constituição Federal que define as Terras Indígenas).

A demarcação de Terras Indígenas é de suma importância para os povos originários, pois garante um espaço para manutenção do modo de vida, cultura, produção, cosmologia e ritualística indígenas. E assegurar esses espaços é uma ótima ferramenta contra a política assimilacionista que os indígenas estão submetidos desde a chegada dos portugueses. Pela forte relação com recursos naturais, as TI geralmente são demarcadas em áreas rurais, muitas vezes até isoladas. Essa configuração dificulta o acesso das comunidades à serviços de saúde, trabalho, escola, comercialização de artesanato, e principalmente na troca cultural com a sociedade. Estabelecer locais isolados para comunidades indígenas é uma forma de exercer controle sobre eles, e também dificultar a interação com outros povos (isolados em outras áreas) e assim diminuir seu potencial associativo, o que enfraquece

a criação de movimentos de luta e engajamento. Além disso a imobilização de comunidades indígenas em áreas rurais, acaba, por muitas vezes, transformando-as em mão-de-obra mais barata e afastando-as dos centros urbanos e das tomadas de decisões, reduzindo dessa maneira o exercício da sua cidadania.

Desse modo, as TIs não podem ser prisões isoladas onde o indígena exista apenas dentro dos seus limites, ele precisa ter a oportunidade e segurança de ocupar e ser nos mais diversos ambientes e esferas de nossa sociedade. E isso é algo que eles já estão fazendo, como forma de resistência em frente à toda burocracia no processo de demarcação das TIs, que é dificultado cada vez mais pelo interesse dos grandes produtores rurais. O prazo limite estabelecido na Constituição para a demarcação de todas as terras indígenas era até 5 de outubro de 1993, o que não foi cumprido, tendo atualmente muitas TIs em situações jurídicas diferentes.

Em paralelo a isso, é errôneo o pensamento de que indígenas habitarem as cidades é um evento recente. Desde a época colonial era recorrente a edificação de vilas e cidades próximas a aldeias, como forma de ficar próximo da mão-de-obra indígena. Além disso também existiam os descimentos, que era o deslocamento de aldeias do interior para a periferia de vilas com o mesmo objetivo. A população indígena urbana sempre existiu, e vem crescendo com os movimentos migratórios, o seu não reconhecimento é mais um resultado do apagamento histórico sofrido pelos povos originários. Portanto, é imprescindível que também haja a criação de espaços em contexto urbano para promoção da cultura indígena, que garanta sua segurança e respeito.

Atualmente há **680** Terras Indígenas no Brasil, distribuídas nas 5 etapas jurídicas do processo de demarcação.



Figura 2: Distribuição e etapas do processo de demarcação de Terras Indígenas.
Fonte: FUNAI

Distribuição das Terras Indígenas Regularizadas por região administrativa

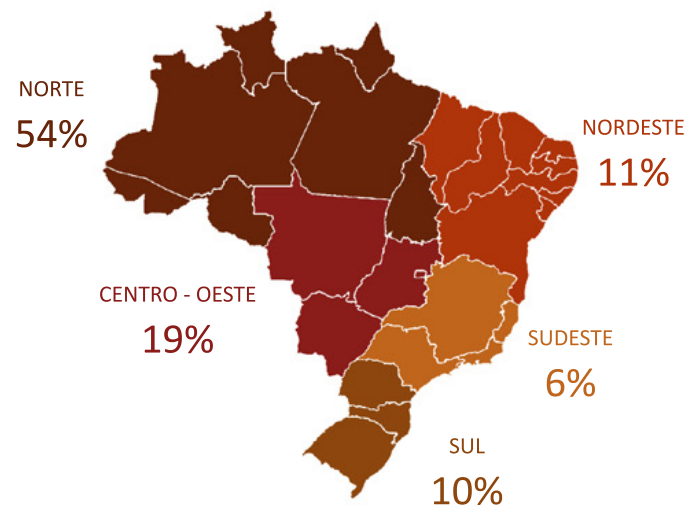


Figura 3: Distribuição de Terras Indígenas no Brasil.
Fonte: FUNAI

JUSTIFICATIVA

É muito importante uma ressalva quanto aos dados populacionais indígenas, principalmente com relação aos indígenas em contexto urbano. A auto declaração é a forma adotada para quantificar a população quanto etnia e raça, mas não se pode deixar de levar em consideração uma imprecisão na quantificação da população indígena, entendendo que historicamente o Brasil passou por toda uma política de embranquecimento populacional e apagamento ancestral. Sendo muito comum o comportamento de omissão de origens indígenas em detrimento de origens europeias, afastando os brasileiros da identidade indígena.

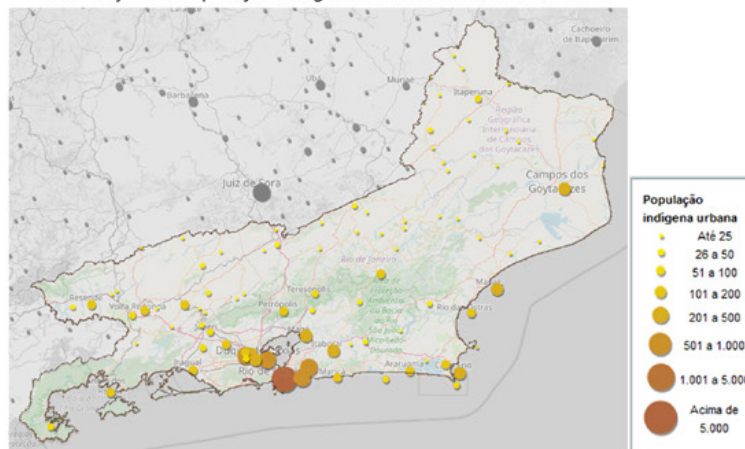
No caso do Estado do Rio de Janeiro

Terras Indígenas Delimitadas no Estado do Rio de Janeiro



Fonte: TERRAS INDÍGENAS NO BRASIL (ISA)

Distribuição da População indígena Urbana no Rio de Janeiro



Fonte: IBGE CENSO 2010



Fonte: IBGE CENSO 2010

Figura 4: Localização das Terras Indígenas no Estado do Rio de Janeiro.

Figura 5: População indígena Urbana no Estado do Rio de Janeiro.

ALDEIA MARAKANÃ



Confecção de faixa para a Vigília em defesa da Aldeia Marakanã em 2020.

HISTÓRICO

Não há registros precisos quanto a origem da edificação, mas a partir de inferências históricas foi estipulada que sua construção pode ser da segunda metade do século XIX. A propriedade foi cedida pela Coroa ao Duque de Saxe, príncipe alemão, oficial da Marina austro-húngara e almirante da Armada Imperial Brasileira, como dote pelo casamento com a princesa Leopoldina. Com a Proclamação da República os bens da Família Imperial foram desapropriados, e toda a área onde o edifício se encontrava passou a ser do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio (MAIC).

Devido às acusações de massacre à população indígena durante o XVI Congresso de Americanistas em Viena no ano de 1908, O Governo Federal do Brasil cria em 1910 o Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPI/LTN)⁷, com o intuito de proteger e integrar os indígenas, bem como estabelecer colônias agrícolas com uso de mão de obra indígena. Ainda em 1910, Marechal Rondon requisita o edifício para servir de sede para o SPI/LTN, e também desenvolver pesquisas de sementes e manutenção da cultura indígena. Em 1918 esses serviços foram separados, a LTN constituindo um órgão próprio e o SPI, ainda vinculado ao MAIC, continuando a prestar assistência às populações indígenas. A partir de 1957 o SPI entrou em declínio, enfrentando problemas de cunho administrativo e ideológico, além de se mostrar ineficiente em conter os avanços nas terras indígenas em diferentes locais do país. Em 1967 o SPI e o Conselho Nacional de Proteção aos Índios (CNPI) foram extintos, sendo substituídos pela Fundação Nacional do índio (FUNAI).

No meio de todo esse processo envolvendo o SPI, em 1953 foi criado por Darcy Ribeiro o Museu do índio, funcionando no segundo pavimento do edifício sede do SPI, o Museu apresentava ao público, por meio de exposições rotativas, o acervo reunido nos onze anos de atividades científicas da Seção

⁷ Decr. nº. 8.072, de 20 de junho de 1910.

de Estudos (SE) sobre os indígenas brasileiros. O Museu do índio funcionou ali até 1977, sendo transferido para uma nova sede no bairro de Botafogo, onde está até hoje. Além do Casarão, no terreno também havia outros edifícios como o Laboratório Nacional Agropecuário (Lanagro) da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) do Ministério da Agricultura, mas que foram demolidos em 2013 em virtude das obras de preparação para a Copa do Mundo de 2014, sediada no Brasil.



Figura 6: Fachada do Museu do índio.
Fonte: INEPAC

O casarão histórico ficou abandonado e sem uso até 2006, quando um grupo de indígenas que já se reunia e organizava um movimento em defesa dos indígenas que habitavam a cidade do Rio de Janeiro desde 2004 passou a ocupá-lo. Inicialmente essa ocupação era composta por 17 etnias com cerca de 47 indígenas, que passaram a revitalizar aquele espaço, construindo pequenas habitações de taipa e plantando árvores frutíferas, plantas medicinais e hortas. A Aldeia Marakanã funcionava como um polo agregador e espaço de organização e visibilidade para a causa indígena dentro da esfera urbana, promovendo um grande trabalho de conscientização popular à medida que aproximava sua cultura e forma de organização para os cariocas.

Desde o início a ocupação insistiu em um diálogo com o poder público, exigindo a participação do Estado na reforma e desenvolvimento do espaço para promoção da causa indígena. No entanto foi apenas em 2012 que o governo do Estado do Rio de Janeiro passou a interagir com a comunidade indígena ali estabelecida, passando a assediá-la por meio de investidas jurídicas para a desocupação do espaço. A partir desse ponto a situação da Aldeia Marakanã passou a ser um problema para os interesses do Estado, recebendo inúmeras tentativas para dissuadi-los a desocupar a área.

Em 2013 os indígenas da Aldeia Marakanã se reuniram com a Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos (SEASDH-RJ), com o objetivo de negociar a retirada do grupo para a demolição do prédio. Para persuadi-los foram apresentadas propostas de pagamento de um aluguel social no valor de 400 reais, e posteriormente seria pensado um novo local para eles ficarem. Essa negociação não obteve um consenso, gerando uma nova proposta encaminhada através de uma carta feita pela SEASDH-RJ e o Governador do Estado (RJ) que apresentava a criação de um Centro de Referência da Cultura dos Povos Indígenas, em local a ser definido, mas nas proximidades do complexo esportivo do Marakanã e a criação de um Conselho Estadual de Direitos Indígenas, para monitorar o Centro de Referência e servir como órgão consultivo do Estado para políticas públicas voltadas às comunidades indígenas do Rio de Janeiro. Essa nova proposta também não obteve consenso, e a área continuou ocupada

pela comunidade.

A comunidade então foi notificada pela Procuradoria do Patrimônio e Meio Ambiente, da Procuradoria Geral do Estado do Rio de Janeiro que o edifício foi adquirido pelo Estado pelo valor de 60 milhões de reais, requerendo então a desocupação da área no prazo de até 10 dias. A ação do Estado e intenção de demolição do Prédio recebeu notas de repúdio e desacordo do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos Humanos do Rio de Janeiro (CEDDH/RJ), além de apoio da então ministra da Cultura Marta Suplicy, defendendo a preservação do imóvel. A comunidade conseguiu uma liminar de manutenção de posse do prédio, conseguindo assim barrar a notificação de desocupação.

Segundo uma nota de 17/01/2013, publicada no Jornal do Brasil em 25/01/2013, Marta Azevedo, presidente da Funai na época, também havia se pronunciado sobre a questão. Na nota ela esclarecia que “as prioridades do órgão são as ações em terras indígenas e nenhum encaminhamento poderia ser dado sobre o pedido, uma vez que tal reivindicação foge às atribuições e competências do órgão indigenista”.

Devido ao apoio da sociedade e engajamento da comunidade junto às autoridades públicas, o governo do Estado do Rio de Janeiro emitiu uma nota com a decisão de preservar e tomba o casarão histórico, mas com o objetivo de desocupar o imóvel dos seus invasores. Posteriormente a posse do edifício retornou para o Estado, e tentativas de divisão do espaço entre os indígenas e o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) foram feitas inicialmente, mas depois desfeitas, não tendo mais planos para a causa indígena permanecer naquele espaço. A comunidade então estava em situação de urgência, no aguardo da iminente ação do Batalhão de Choque da PM, para operar à desocupação da área.

Em 22 de março de 2013 os indígenas foram expulsos sob exagerada força do Batalhão de Choque da PM, esse fato colocou a situação da Aldeia Marakanã em destaque midiático, chocando a sociedade nacional e internacionalmente. A maior parte da comunidade foi realocada em containers improvisados em uma área pública que ficou conhecida como

ALDEIA MARAKANÃ

Colônia Curupaiti em Jacarepaguá.

As manifestações de junho de 2013, as maiores do país até então, superando as manifestações pelo impeachment do presidente Fernando Collor de Mello em 1992, foram fundamentais para ampliar a visibilidade da luta da Aldeia, colocando a expulsão dos indígenas como carro-chefe na frente das marchas. Após esse período de grande levante popular, o governador do Rio de Janeiro na época Sergio Cabral, como forma de melhorar a imagem do seu governo e conseguir uma continuidade na sucessão em 2014 revogou o destino da Aldeia Marakanã, devolvendo o Antigo Museu do Índio aos indígenas. Desse modo foi assinado um protocolo de intenções celebrado entre o Estado do Rio de Janeiro e os indígenas para a implantação do Centro de Referência da Cultura dos Povos Indígenas/Universidade Indígena. Dentre as ações da organização do Centro de Referência está a transferência dos indígenas dos alojamentos da Colônia Curupaiti para um conjunto de 20 apartamentos em um bloco de um conjunto habitacional do “Minha Casa, Minha Vida” na rua Frei Caneca, centro da cidade do Rio de Janeiro, onde a maioria dos indígenas permanece até hoje.

A reocupação da Aldeia Marakanã em agosto de 2013 tinha um caráter diferente da ocorrida em 2006. Agora os ocupantes da Aldeia eram os indígenas que não aceitaram o acordo de morar no “Minha Casa, Minha Vida” e grupos militantes de esquerda, formando ali uma comunidade completamente engajada e politizada. Além da comunidade o espaço da Aldeia Marakanã também mudou, as construções do entorno do prédio histórico tinham sido derrubadas, restando apenas o Casarão e o complexo da LANAGRO. No entanto mais mudanças ainda iriam ocorrer naquele espaço, em dezembro do mesmo ano os edifícios da LANAGRO estavam para serem demolidos, e a comunidade, que entendia que a aquela área também fazia parte da Aldeia Marakanã resolveu ocupá-la.

Esse talvez seja um de muitos momentos emblemáticos da luta da comunidade da Aldeia Marakanã, no dia 16 de dezembro de 2013, José Guajajara, uma das lideranças da ocupação integrante do grupo que organizou

a primeira ocupação em 2006, passou 26 horas em cima de uma árvore no entorno do Casarão. Indígenas e apoiadores da causa ficaram em vigília tentando dar suporte para o líder indígena. Em meio à violência policial a área foi novamente desocupada, e o movimento passou a se reunir no CESAC (Centro de Etnoconhecimento Sociocultural e Ambiental Cauré), localizado no bairro de Thomaz Coelho, espaço gerenciado também por José Guajajara e sua família e que também serviu de abrigo durante a primeira remoção.



Figura 7: José Guajajara sendo retirada da árvore.
Fonte: Beatriz Provasi.

Em 2016 As empreiteiras ligadas às reformas do Complexo Maracanã e o ex Governador Sérgio Cabral passaram a ser investigados sob suspeitas de fraude e corrupção, algo que ajudou a contribuir para a crise financeira que se instaurou no estado do Rio de Janeiro. Com a crise financeira e investigações, os projetos para a área foram paralisados, e com isso a segurança policial sobre a área da Aldeia Marakanã foi diminuindo. A área dos prédios da LANAGRO, nesse momento um estacionamento concretado, foi sendo reocupada de modo gradual. O edifício do antigo Museu do Índio ainda possuía vigilância

policial 24 horas por dia, que só acabou devido à força da ocupação que estava se consolidando cada vez mais no espaço ao lado. Essa terceira ocupação se diferenciou das duas anteriores por se concentrar nos 14.300 m² da área onde se encontra o antigo Casarão.

A Aldeia Marakanã tem resistido até hoje, ainda recebendo ameaças de despejo, inclusive durante a pandemia, o principal motivo que ameaça a ocupação da Aldeia é a instalação do Centro de Referência da Cultura Viva dos Povos Indígenas no prédio antigo, conforme indicado pelo Decreto Estadual nº 44.525 de 30/13. A instalação do Centro de Referência, nos moldes apresentados, não pressupõe uma ação conjunta com as comunidades indígenas do Rio de Janeiro, mas sim em uma ação externa que não atende e nem dá continuidade ao trabalho realizado pelos indígenas durante esses 15 anos de luta e resistência.



Figura 8: Colagem sobre a relação entre identidade indígena, demarcação de terra e senso comum.

ALDEIA MARAKANÃ

BREVE LINHA DO TEMPO



1889

... A área abrangida pelos bairros de São Cristóvão e Maracanã eram originariamente assentamentos indígenas de povos Tamoiós.

Construção do Casarão histórico provavelmente na segunda metade do Século XIX.

Proclamação da República.

Doação da propriedade para o Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio (MAIC).

1910

Criação do Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPI/LNT) para proteção e integração dos indígenas, além do estabelecimento de colônias agrícolas com uso de mão de obra indígena.

1918

Separação do SPI e do LNT.

1939

Instituição do Conselho Nacional de Proteção aos Índios (CNPI).

1942

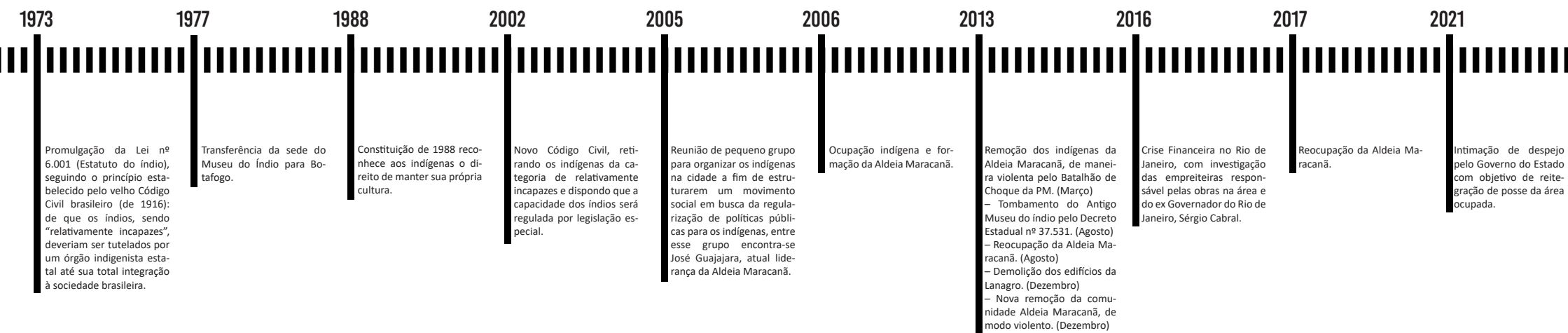
Criação da Seção de Estudos (SE) pelo SPI, com objetivo de documentar, através de pesquisas etnológicas e linguísticas, e de registros cinefotográficos e sonográficos, os aspectos das culturas indígenas, orientando suas atividades de modo a proporcionar diretrizes científicas à ação assistencial do SPI.

1953

Criação do Museu do Índio por Darcy Ribeiro.

1967

Criação da FUNAI para substituir o SPI e CNPI.



ALDEIA MARAKANÃ

ENTORNO

O recorte escolhido para o trabalho é a Aldeia Marakanã (seu terreno de 14.300m² e o casarão), está localizada na Rua Mata Machado nº 126 no bairro Maracanã, na Zona Norte do Rio de Janeiro, mais precisamente ao lado do Complexo Esportivo do Maracanã. O entorno do terreno é composto por alguns pontos importantes como a Quinta da Boa Vista, o Campus Francisco Negrão de Lima da UERJ e o Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ. A área é atendida pelas estações de Trem e

Metrô do Maracanã e São Cristóvão. As vias de acesso à Aldeia têm caracteres bem distintos, sendo a Avenida Radial Oeste uma via mais movimentada de fluxo mais intenso, a Avenida Maracanã com um fluxo mais moderado margeada pelo Rio Maracanã, e a Rua Mata Machado que atualmente permite apenas a circulação de pedestres sendo utilizada como um espaço para atividades de lazer e práticas de exercícios físicos.

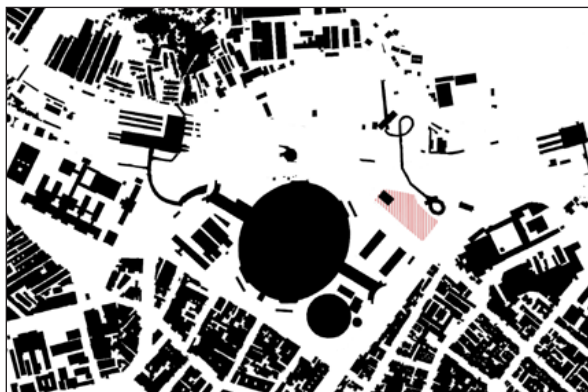


FIGURA-FUNDO



VIAS



EDUCACIONAL



ARBORIZAÇÃO E RIOS



TRANSPORTES



RESIDENCIAL



● ALDEIA MARAKÁ'NÁ

● EDUCACIONAL

● RESIDENCIAL

● LAZER / CULTURAL / ESPORTE

1 ESTAÇÕES TREM E METRÔ MARACANÃ

2 ESTAÇÕES TREM E METRÔ SÃO CRISTÓVÃO

MAPA ANÁLISE DE ENTORNO

ALDEIA MARAKANÃ

CONTORNO

A permanência na Aldeia Marakanã se tornou um grande exemplo de resistência dos povos indígenas, ocupar um espaço considerado sagrado por eles e que desde 1910 já serviu para pesquisas de sementes e preservação da cultura indígena é algo inegociável. Desse modo, assim como seus moradores, a área da aldeia já precisou se reinventar muitas vezes ao logo desses anos de ocupação. Em decorrências das muitas investidas policiais os limites da Aldeia se modificarem bastante, ora se estreitando e ora se ampliando.

Mesmo com as alterações de seus limites, a Aldeia sempre conseguiu receber a sua comunidade e continuar promovendo encontros para a comunidade indígena. É muito difícil estipular com exatidão a quantidade de pessoas na Aldeia, pois ela sempre está recebendo visitantes e outros indígenas recém-chegados ao Rio de Janeiro, chamados por eles de “parentes”. Da mesma forma que recebe muita gente, a aldeia tem um grande fluxo de saída também, por conta das muitas investidas do poder público contra os povos indígenas é muito comum a mobilização dos moradores para outros locais para participação de atos e manifestações. Atualmente há uma grande mobilização em Brasília contra a PL490⁸. Por conta disso existe na aldeia uma organização para nunca deixar o seu espaço desocupado e sem nenhuma atividade acontecendo, como forma de deixar marcada todos os dias a presença indígena naquele local.

⁸ A PL490 é um Projeto de Lei que prevê alterações nas regras de demarcação de terras indígenas a partir de “marco temporal” em que só serão consideradas terras indígenas os lugares ocupados por eles até o dia 5 de outubro de 1988, data da promulgação da Constituição.

2009



2012



2016



2018



Figura 9: Evolução dos limites da Aldeia.
Fonte: Google Earth, com intervenções do autor.



MAPA ESTADO ATUAL DOS LIMITES DA ALDEIA MARAKANÃ

COMUNIDADE

A comunidade da Aldeia Marakanã reúne diversas etnias como os Guaranis do Estado do Rio de Janeiro, Guajajara, Krikati e Tembê do Maranhão, Apurinã do Amazonas, Pataxó da Bahia, Karajá de Goiás, Kaiapó do Pará, Krahô de Minas Gerais, Tabajara do Ceará, Tucano do Amazonas e Xukuru-Kariri de Alagoas, se consolidando como um espaço indígena pluriétnico. Além das etnias citadas, há a presença de muitas outras etnias pela Aldeia, incluindo indígenas de outros países. Esse intercâmbio étnico cultural evidencia outro aspecto da comunidade: a diversidade. Atualmente há cerca de 5 famílias morando de modo mais permanente, isso é, com cabanas/barracas individuais construídas na Aldeia. No entanto, muitos indígenas e visitantes passam pela Aldeia Marakanã, alguns permanecendo por um curto período de tempo e outros por prazos mais longos, em decorrência disso, é muito difícil quantificar em números exatos os seus ocupantes. Esse intenso fluxo de moradores e visitantes enriquece o espaço e as trocas de vivências entre as pessoas, além de estimular o caráter coletivo do lugar.

Os moradores da Aldeia, geralmente são pessoas vindas de outras regiões do país que não têm familiares ou algum lugar para morar no Rio de Janeiro. A causa da migração é bem diversa como busca por trabalho, estudo, atendimento médico especializado, perda de território, entre outras. Dentre as famílias que moram na Aldeia há inclusive indígenas que não falam português, necessitando muitas vezes de auxílio da comunidade para comunicação e orientação. A comunidade da Aldeia Marakanã é composta pelos seus moradores, suas lideranças, seus apoiadores, seus alunos e visitantes.

O perfil social da comunidade também se apresenta de maneira diversificada, tendo pessoas em situação de vulnerabilidade social e financeira, bem como pessoas em situação de melhor estabilidade. Compõe a comunidade pessoas sem instrução formal (aqui ressaltando que isso não invalida seus conhecimentos ancestrais e informais), e também há pessoas com ensino superior e carreira acadêmica. A faixa etária da comunidade é a mais ampla possível, tendo de bebês recém-nascidos à idosos, é interessante

o fato de que as gerações presentes na aldeia não se agrupam de maneira etária, é muito comum a interação entre pessoas de gerações diferentes. Há também um equilíbrio na relação entre gêneros, apresentando uma quantidade de homens e mulheres bem similar. Pessoas LGBTQIA+ também fazem parte da comunidade da Aldeia, e suas pautas, ainda que de maneira tímida, estão presentes nas discussões.

A estrutura social que abraça toda essa diversidade de pessoas na Aldeia Marakanã é bem horizontal. As pessoas que são apontadas como líderes, são as pessoas que geralmente se posicionam à frente na proposição de atividades e organização, mas tudo isso com consenso do grupo. Sempre há tarefas a serem feitas dentro da Aldeia, desde funções básicas como cozinhar a outras mais específicas como a construção do banheiro, mas nada é atribuído a alguém de maneira impositiva, as atividades são desenvolvidas de maneira orgânica, onde cada pessoa escolhe o seu papel, tudo isso em busca de um bem-estar e segurança coletivo.

O espaço da Aldeia Marakanã fomentou muitos movimentos de ressurgência indígena, um grande exemplo disso é o movimento de ressurgência Puri, uma etnia declarada oficialmente extinta, mas que ressurgiu através dos seus descendentes, que utilizam a Aldeia para se reconectarem com sua ancestralidade e se conectaram com outros descendentes. Muitos visitantes chegam na Aldeia por conta desse processo de reconexão e ressurgência, buscando reconhecer e aprender sobre sua ancestralidade indígena.

De modo a desmistificar todo o imaginário e preconceito acerca da relação entre indígenas e tecnologia, a comunidade da Aldeia Marakanã possui um bom engajamento virtual. Por meio das redes sociais a comunidade consegue um alcance bem significativo, conquistando cada vez mais apoiadores e ampliando a visibilidade para seu movimento. Além da divulgação de eventos, as redes sociais auxiliam na promoção de fóruns de discussões e comunicação com outras e aldeias e coletivos indígenas, funcionando como um espaço (virtual) de organização ativista. Além disso, as redes conseguem sensibilizar muitas pessoas, através de imagens e relatos do cotidiano dentro

da Aldeia, inclusive muitas imagens apresentadas no presente trabalho foram recolhidas nas redes sociais da Aldeia.

- REXISTE

ALDEIA

OCUPAR

NDÍGENA

TEKO HAW

MARAKÁ'NÁ

LUTA



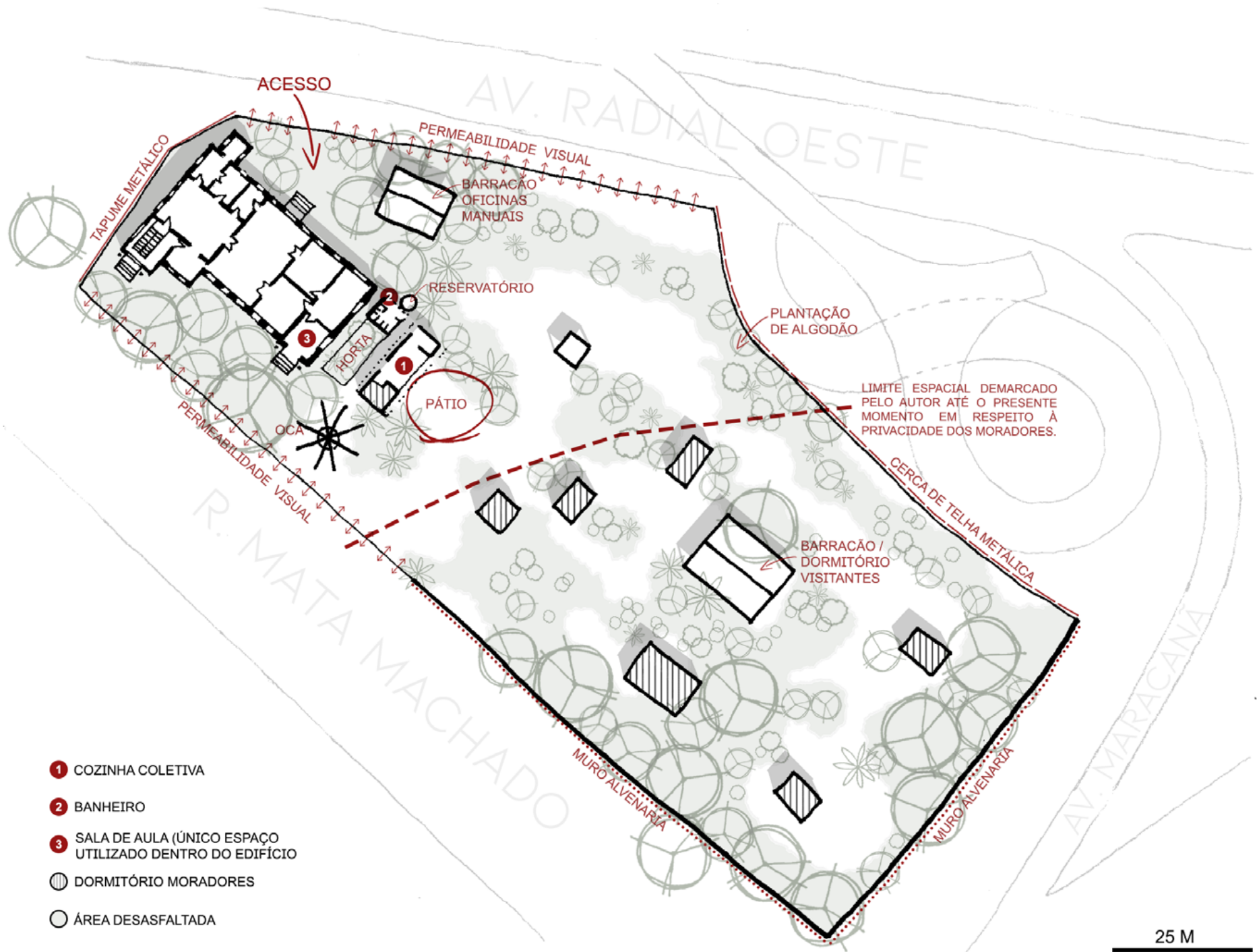
[ALDEIA MARAKANÃ](#)

ALDEIA MARAKANÃ

ESTRUTURAS

O reconhecimento do local ainda encontra-se em desenvolvimento, e alguns espaços da Aldeia ainda não foram visitados. Dessa forma, foram selecionadas as estruturas já reconhecidas, onde foi possível observar e compreender as atividades desenvolvidas nelas. A maioria dessas estruturas abrigam mais de uma atividade, se mostrando espaços bem versáteis.





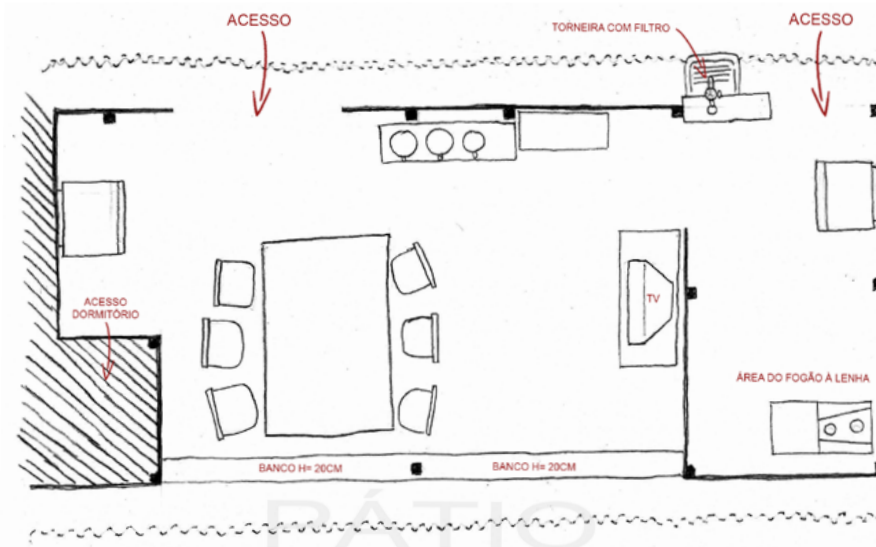
- 1 COZINHA COLETIVA
- 2 BANHEIRO
- 3 SALA DE AULA (ÚNICO ESPAÇO UTILIZADO DENTRO DO EDIFÍCIO)
- DORMITÓRIO MORADORES
- ÁREA DESASFALTADA

MAPA DE RECONHECIMENTO DO TERRENO

ALDEIA MARAKANÃ

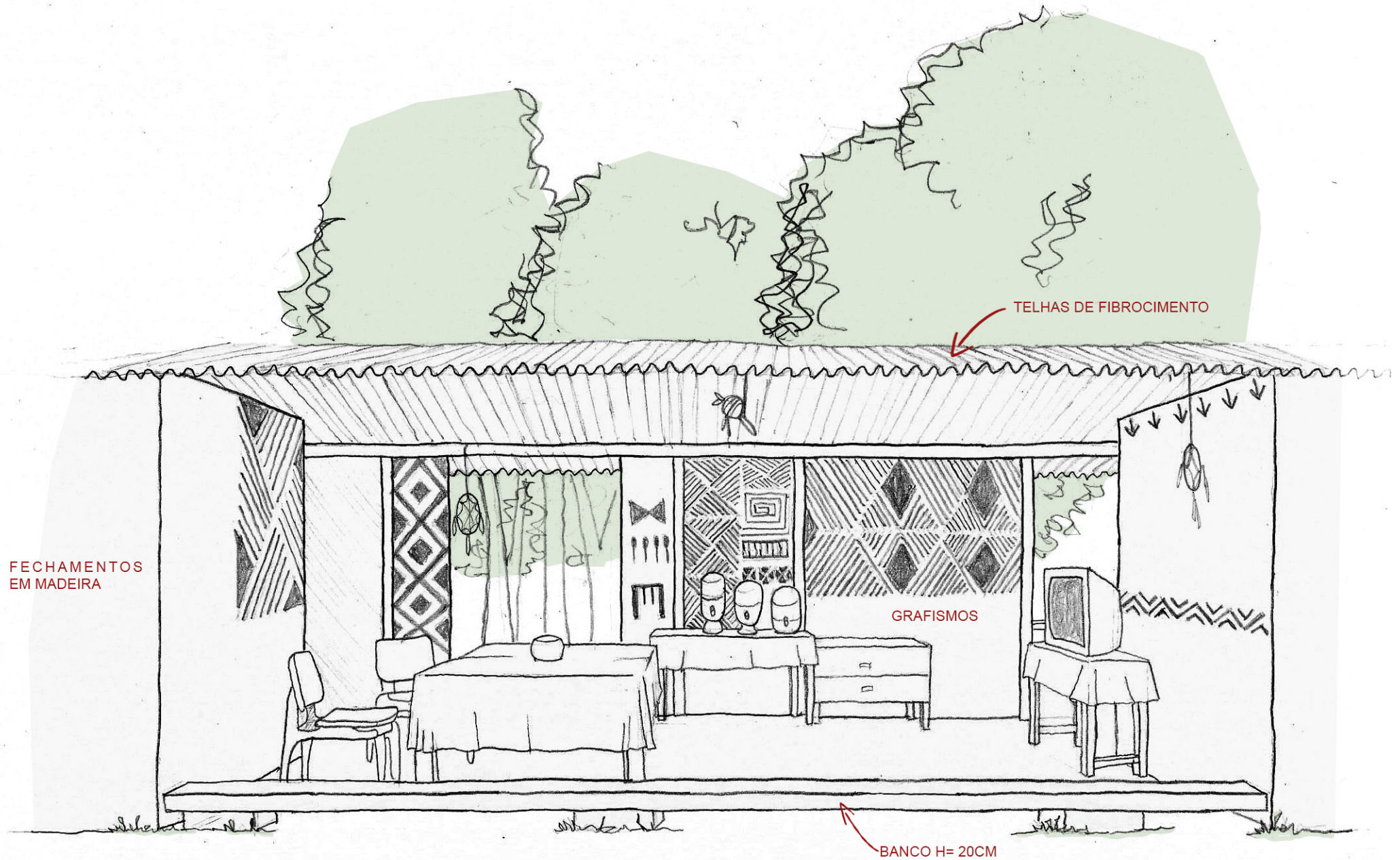
ESTRUTURAS - COZINHA

As refeições da Aldeia são feitas em uma cozinha coletiva de estrutura feita com ripas de madeira, fechamentos com placas de madeira e cobertura com telha de fibrocimento. A pia da cozinha é um tanque de lavar roupas, o fogão é à lenha e fica numa parte isolada da cozinha por conta da fumaça. Em decorrência da falta de apoio institucional (não recebe mais abastecimento de água e nem luz), as estruturas da Aldeia ainda são improvisadas, com a captação de energia apenas à noite dos postes do Marakanã, que constantemente são desligados. Por conta disso as duas geladeiras da cozinha funcionam também como despensas, e as comidas preparadas são consumidas no mesmo dia. Na cozinha há também mesas grandes onde as pessoas podem se reunir para comer e conversar, e na parte da noite também assistir televisão.



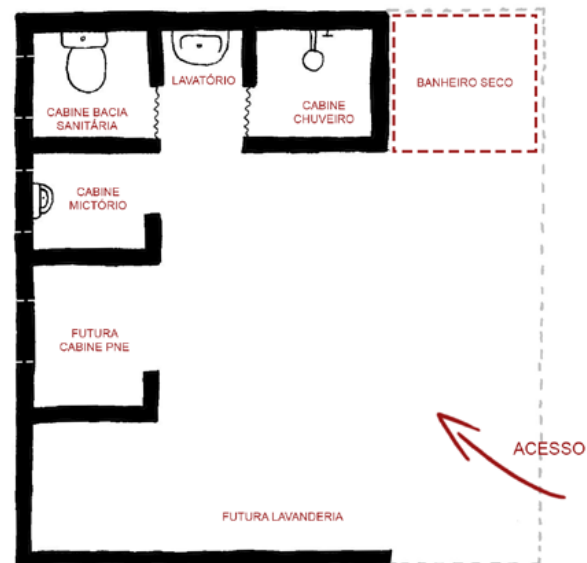
26

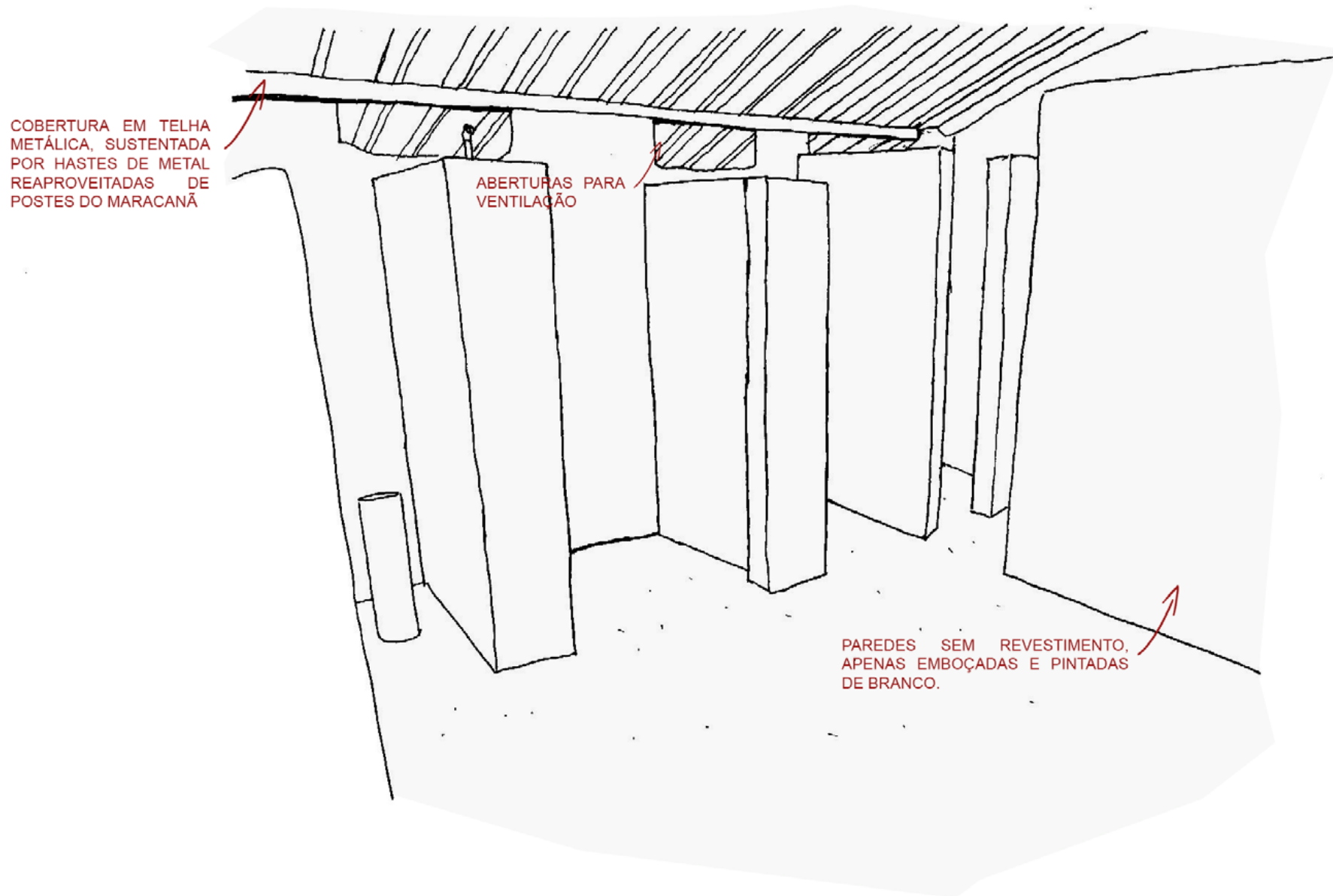




ESTRUTURAS - BANHEIRO

Na época da primeira visita o banheiro da Aldeia era um banheiro seco com apenas 1 cabine, sem conexão à rede de esgoto. Atualmente, em processo de finalização o banheiro da aldeia, construído em alvenaria, possui cabines separadas para chuveiro, bacia sanitária, mictório, e cabine pne, além de lavatório para as mãos também separado e pia com tanque para lavar roupas. Esse novo banheiro é abastecido através de um poço artesiano que alimenta os reservatórios da aldeia (uma caixa d'água de 10.000 litros e outra de 1.000 litros), além de possuir conexão com a rede de esgoto.





COBERTURA EM TELHA METÁLICA, SUSTENTADA POR HASTES DE METAL REAPROVEITADAS DE POSTES DO MARACANÃ

ABERTURAS PARA VENTILAÇÃO

PAREDES SEM REVESTIMENTO, APENAS EMBOÇADAS E PINTADAS DE BRANCO.

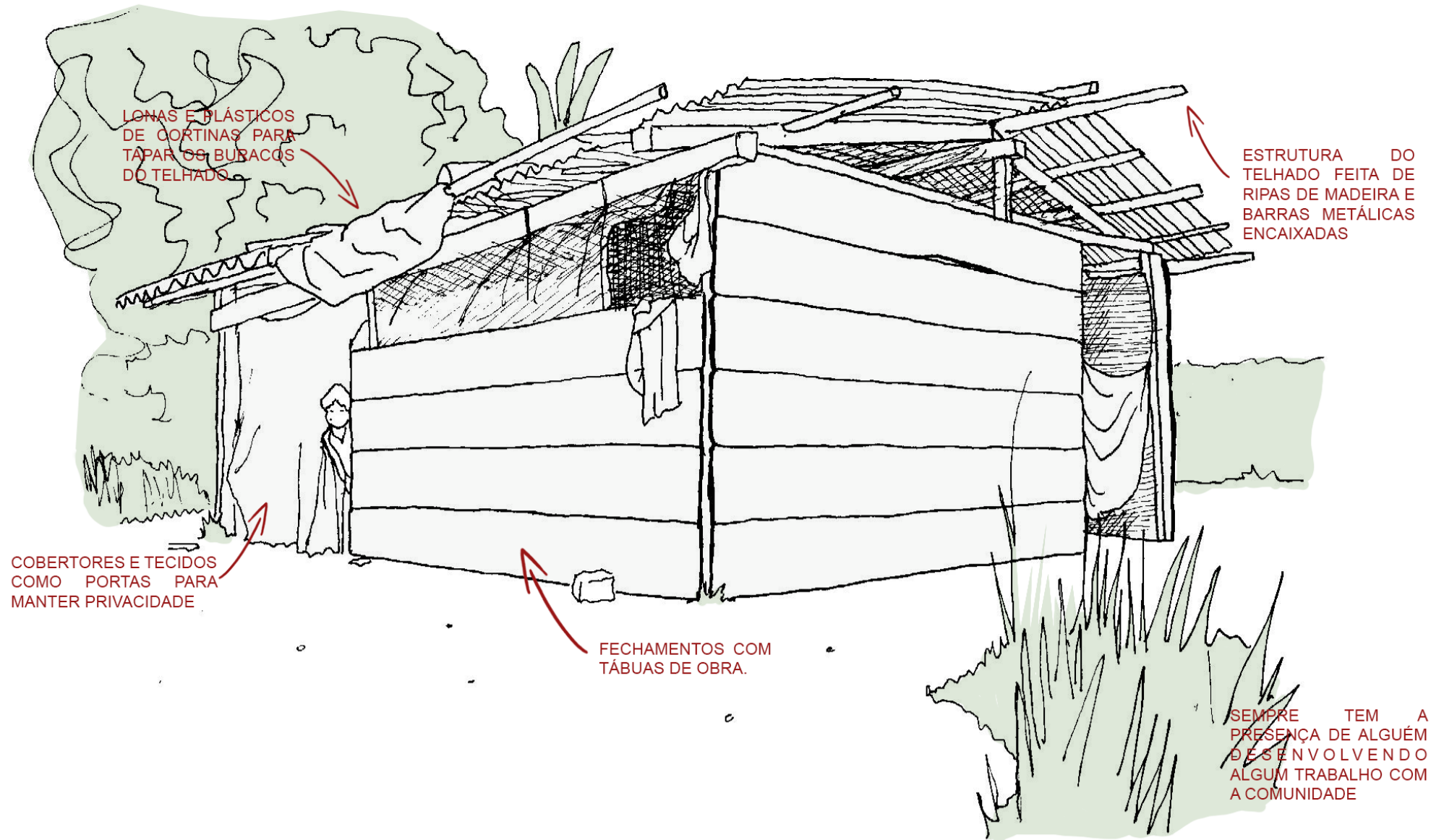
ALDEIA MARAKANÃ

ESTRUTURAS - DORMITÓRIOS/OCAS

Atualmente as 5 famílias que moram na Aldeia estão distribuídas em 7 construções. Essas construções, chamadas de ocas pela comunidade, são barracos improvisados, feitos com materiais de reaproveitamento. Algumas ocas conservam uma estrutura mais formal, com fechamentos em madeiras (tábuas de obra e tapumes) e cobertura em telhas de fibrocimento. Já outras ocas encontram-se em um estado mais precário, feitas com lonas, plástico de piscina e pedaços de madeiras. Pelo atual cenário pandêmico e por respeito à privacidade da comunidade, não foram realizadas visitas dentro das ocas, mas por meio de conversas com os moradores obteve-se a informação de que dentro dessas ocas estão os leitos dos moradores e seus pertences, não tendo nenhuma outra estrutura como banheiro ou cozinha, funcionando como dormitórios.

30





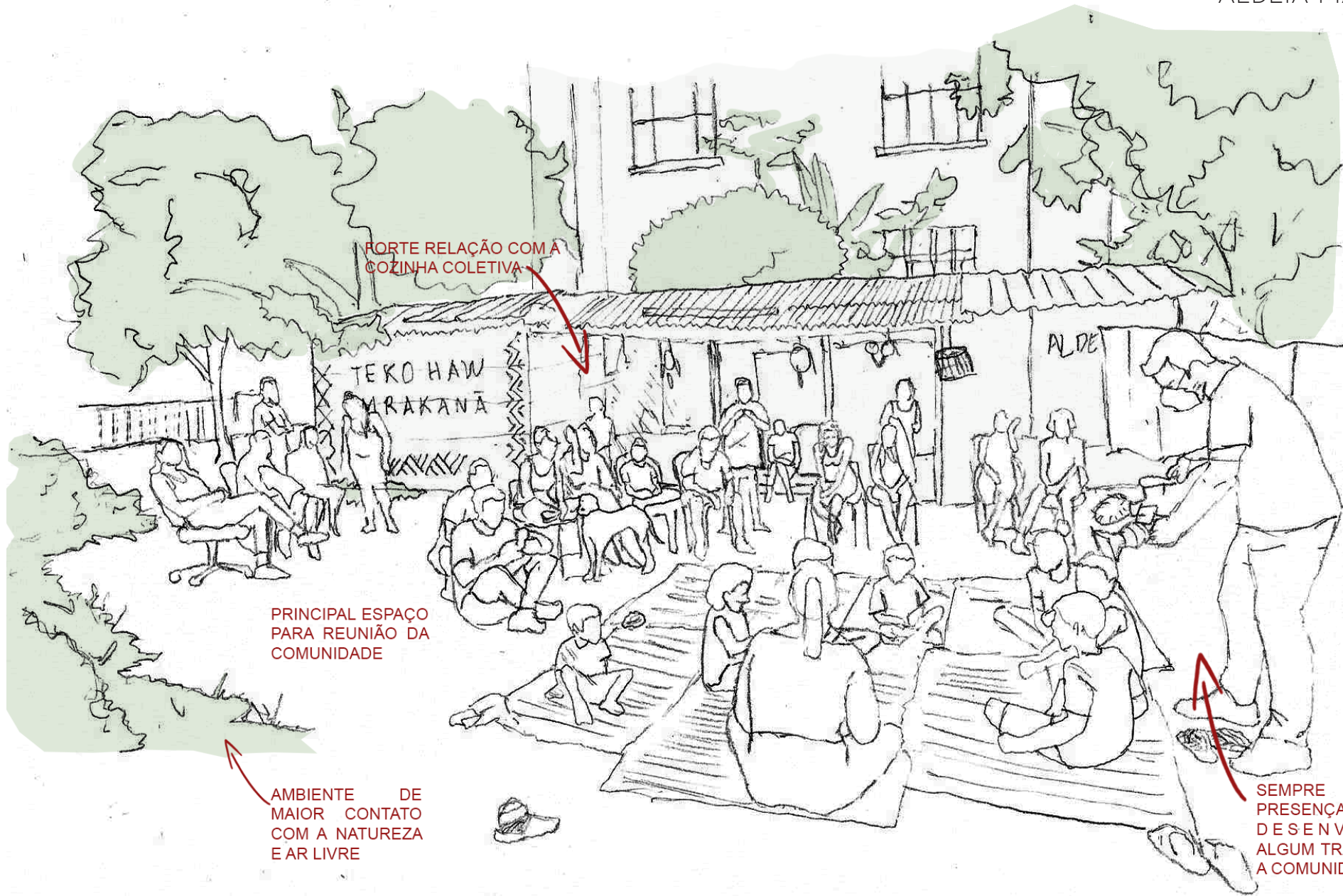
ALDEIA MARAKANÃ

ESTRUTURAS - PÁTIO

Junto à cozinha há um pátio central onde são realizados os principais eventos da Aldeia, reunindo moradores, visitantes e apoiadores no mesmo espaço. Como uma espécie de clareira, cercado pelas árvores, o pátio é o local da Aldeia onde o visitante se questiona se ainda está na cidade. O pátio, de maneira orgânica, acaba sempre reunindo a comunidade em seu espaço, numa analogia poética abraçando a todos, sendo um dos principais locais da Aldeia de espiritualidade e cosmologia indígena. Por ser uma área polivalente, reúne as brincadeiras das crianças (principalmente a árvore com o balanço de pneu), o futebol dos adolescentes, as conversas dos adultos, os rituais espirituais, as oficinas e danças.

32





FORTE RELAÇÃO COM A COZINHA COLETIVA

PRINCIPAL ESPAÇO PARA REUNIÃO DA COMUNIDADE

AMBIENTE DE MAIOR CONTATO COM A NATUREZA E AR LIVRE

SEMPRE TEM A PRESENÇA DE ALGUÉM DESENVOLVENDO ALGUM TRABALHO COM A COMUNIDADE

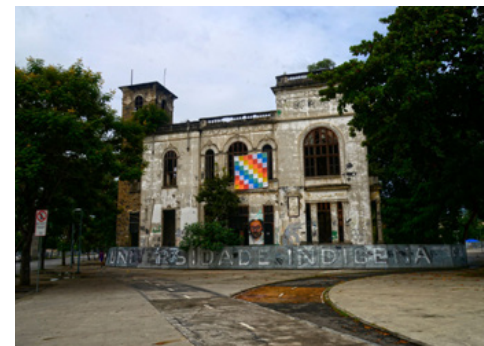
ALDEIA MARAKANÃ

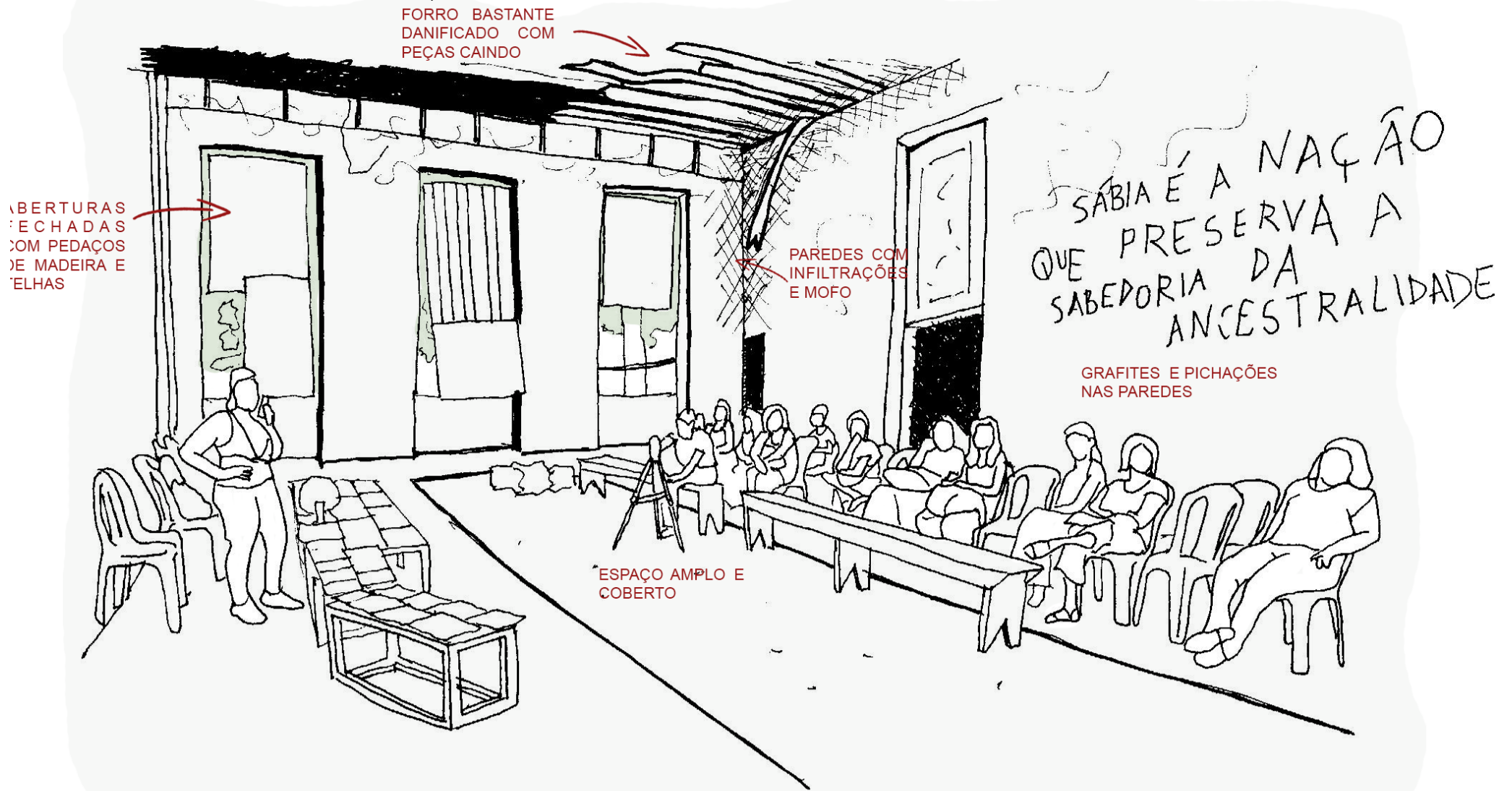
ESTRUTURAS - CASARÃO

O edifício histórico trata-se de um Casarão de estilo eclético, com duas torres diferentes e fachadas assimétricas. É distribuído em 2 pavimentos de pé direito duplo, gerando uma volumetria bem imponente. O casarão possui 3 entradas, duas, incluindo a principal, voltadas para a Rua Mata Machado e a terceira na fachada oposta, voltada para a Avenida Radial Oeste. Ainda é possível reconhecer alguns elementos que compõe as fachadas do edifício como, platibanda com balaustrada, interrompida em alguns momentos por frisos com motivos florais, janelas com vergas retas (térreo) e arco pleno (pavimento superior) adornada com guirlandas, conchas e medalhões, cornija no coroamento, capiteis compósitos para sustentar os balcões, além de águias nas extremidades das platibandas.

Por motivos de segurança devido ao estado que se encontra o antigo Casarão, as reuniões dentro dele se limitam à apenas uma sala, onde são ministradas as aulas e oficinas oferecidas pela Universidade Indígena Aldeia Marakanã, que atualmente estão sendo feitas de modo remoto em razão da pandemia de COVID-19.

34





METODOLOGIA

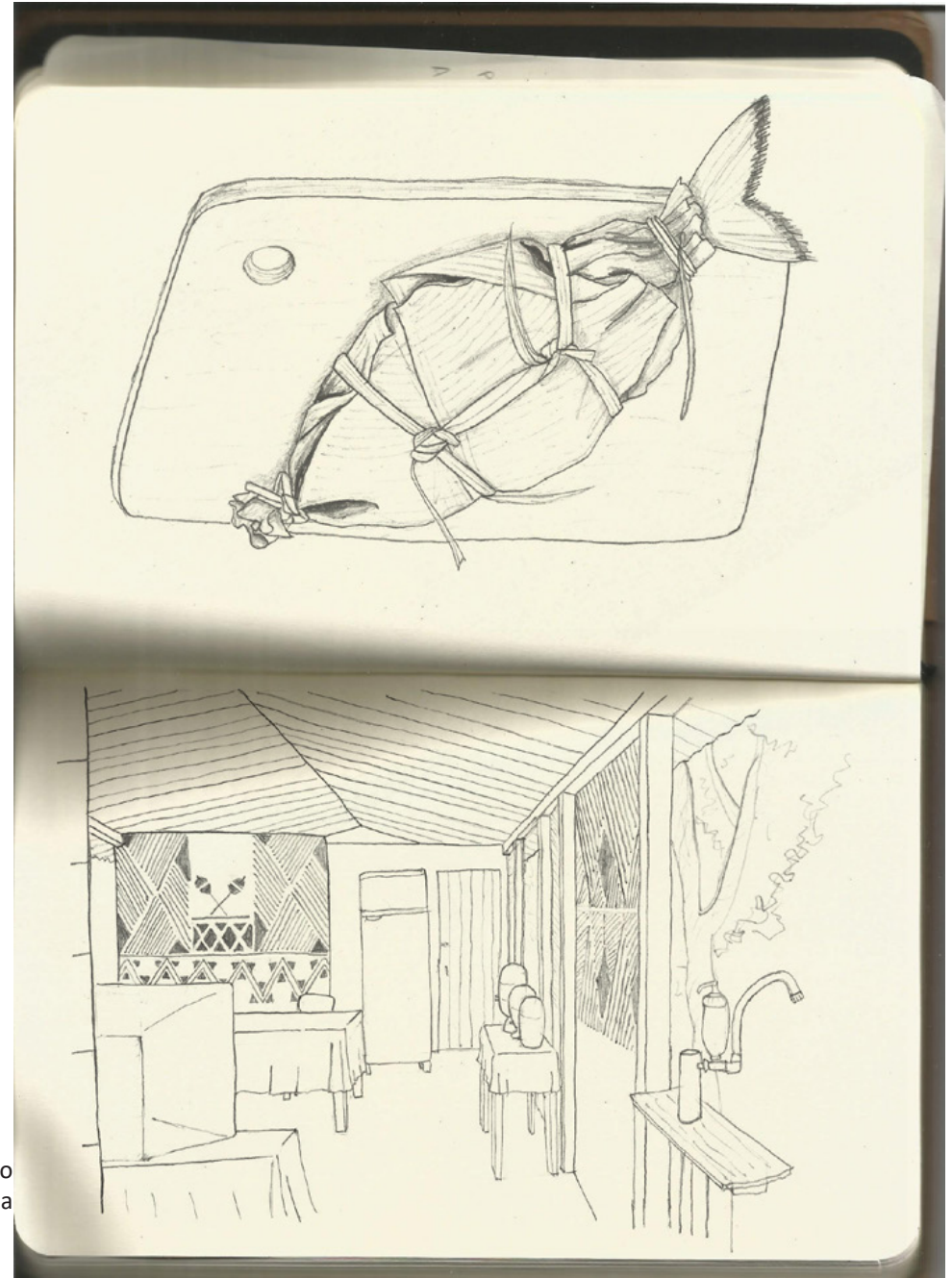


Estrutura de oca desenvolvida com tubos de pvc.

Como primeira etapa metodológica a reunião de dados e informações ajudou a fomentar as direções teóricas para o trabalho, e através dela foi possível reconhecer a necessidade da inserção do campo da antropologia para os avanços na pesquisa. A comunidade da Aldeia Marakanã recebe muitos estudantes e pesquisadores, e por consequência serviu como objeto de estudo para muitos trabalhos acadêmicos de diversas áreas. Tal fato foi muito proveitoso pois resultou na criação de um bom acervo para consulta e pesquisas. Todavia cabe ressaltar que esse fato fez com que durante a primeira visita à Aldeia, para o desenvolvimento do trabalho, ocorresse o questionamento se esse trabalho seria mais um que se importaria apenas com o antigo edifício do Museu do Índio ou se envolveria de fato com a comunidade ali estabelecida. Isso demonstra um pouco da relação que alguns pesquisadores e estudantes tiveram com a Aldeia, servindo de alerta e direcionamento para o desenvolvimento do trabalho.

Devido à pandemia de COVID-19 e como forma de proteção da comunidade, as visitas à Aldeia são feitas de modo espaçado, com frequência de 1 vez por semana e só iniciaram após a vacinação da comunidade e do autor. Inicialmente as visitas seriam subdivididas nos seguintes estágios: Aproximação – Primeiro contato com a comunidade com pedido de aprovação para a elaboração do trabalho; Compreensão – Visitas para reconhecimento do local e seus moradores e visitantes; Participação – Após o estabelecimento de uma relação com a comunidade a integração do autor nas atividades e oficinas da Aldeia; e Proposição – elaboração de propostas e ideias junto à comunidade. No entanto, em virtude do avanço da pandemia as atividades e orientações previstas de modo presencial não puderam seguir, o caminho adotado portanto, foi a participação nos cursos e oficinas oferecidas de modo remoto pela Aldeia. Desta forma o lado experimental do trabalho foi desenvolvido por meio da conversa e produções digitais como experimentações na elaboração de estruturas para futuras ocas e confecção de cartazes para divulgação de cursos e oficinas.

Figura 10: Caderno com croquis da área da cozinha e refeição.



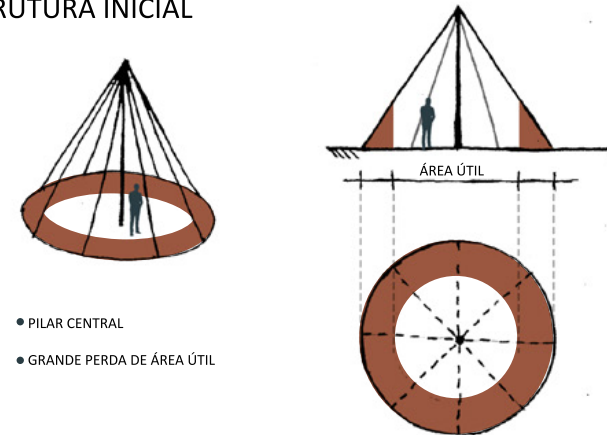
As visitas estão sendo muito importantes para compreensão das relações entre a comunidade e o espaço ocupado. Desse modo, com a intenção de não formalizar e burocratizar a relação do autor durante essas visitas, não foi adotada abordagens nos moldes de entrevistas. As informações obtidas foram colhidas das conversas desenvolvidas e do que está sendo observado na Aldeia. Esse formato está se desenvolvendo de modo orgânico, gerando uma experiência de imersão e uma apreensão do lugar mais sensível. Em contrapartida, essa abordagem torna o desenvolvimento do trabalho um pouco mais lento, se comparado aos métodos tradicionais de projeto, onde a obtenção de informação é feita por meio de diálogos mais diretos dentro de uma lógica de praticidade.

É importante aqui ressaltar que a etapa de projeto será construída entendendo a forma como eles compreendem e ocupam aquele espaço. Não será desenvolvida uma proposta que fuja completamente da realidade sócio econômica deles, mas sim algo factível ao seu modo de produção e que reflita suas formas de existir. Isso foi categoricamente apontado em uma das visitas pois a comunidade já recebeu muitos projetos arquitetônicos desenvolvidos dessa forma, que embora tivessem uma intenção muito boa, acabaram não ajudando muito a Aldeia. Serão desenvolvidas as etapas de estudo preliminar e anteprojeto, com adoção de práticas que adotem processos participativos e colaborativos, além do uso de materiais e técnicas sustentáveis.

A metodologia aqui descrita se desenvolveu e está se desenvolvendo de modo orgânico, para que o trabalho seja elaborado com todo o respeito e cuidado. A etapa de visitas está sendo a mais difícil pelo contexto pandêmico e pelo cuidado do autor ao entender que o espaço da Aldeia não se configura como um espaço burocrático institucionalizado, mas como uma morada de um povo que luta para existir. Com isso as idas à Aldeia não são apenas uma visita de campo, mas um acolhimento da comunidade com o autor, o vendo não só como um estudante pesquisador mas como um indivíduo com o intuito de aprender, participar e colaborar para a luta que a sociedade ainda não enxerga como dela também.

OCA - ALDEIA MARAKANÃ

ESTRUTURA INICIAL



ESTRUTURA EM DESENVOLVIMENTO

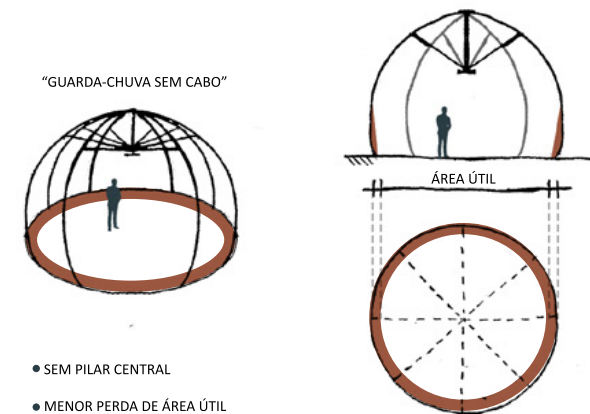
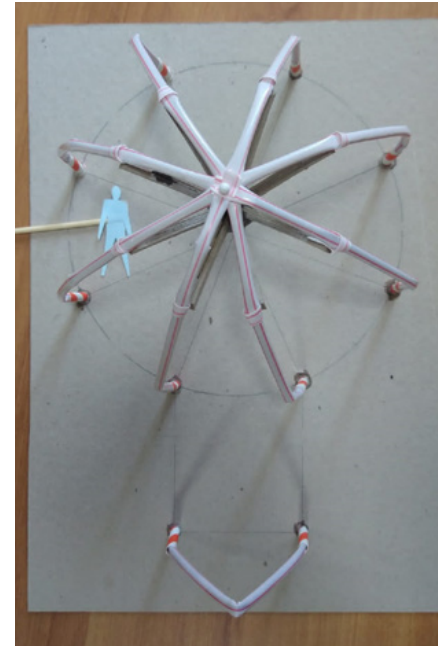


Figura 11: Estudos para o desenvolvimento de estrutura de oca na Aldeia.

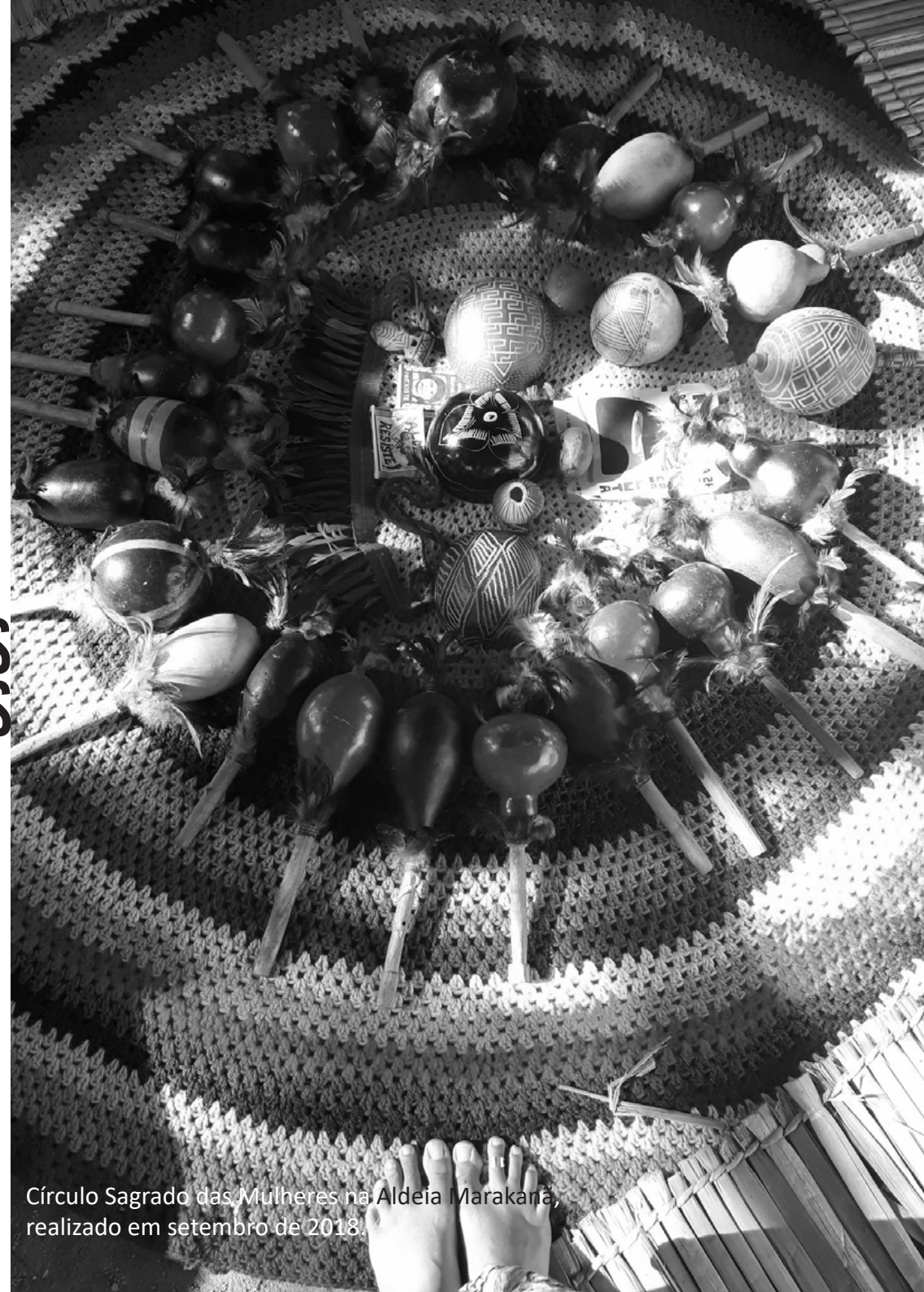
Objetivo geral: Desenvolver projetos e ações para melhoria das estruturas e espaços da Aldeia, de modo a ampliar o trabalho já realizado por ela, e de forma consonante, cooperar na causa indígena, à medida que auxilie na construção de um espaço em contexto urbano para promoção da cultura e resistência dos povos originários.

Objetivos específicos:

- Levar para fora do meio acadêmico as reflexões acerca da vivência indígena e assim criar um canal de conversa que possibilite a aproximação com a causa e a desconstrução de ideias preconceituosas do senso comum;
- Compreender os processos participativos em Arquitetura e Urbanismo, juntamente com os processos de autoconstrução e gestão de recursos limitados;
- Como parte da etapa de compreensão e imersão, auxiliar nas atividades e eventos desenvolvidos na Aldeia;
- Criação de material gráfico e textual que auxilia na divulgação das atividades e história da Aldeia Marakanã;
- Somar material histórico e gráfico, a partir deste trabalho, que auxilie na criação de bases para reconhecimento e estabelecimento de aldeias indígenas urbanas em outras cidades;
- De modo paralelo e pessoal auxiliar no processo do autor de ressurgência étnica, compreendendo assim as causas para a diminuição na autodeclaração e o não reconhecimento da ancestralidade indígena.



REFERÊNCIAS PROJETUAIS



Círculo Sagrado das Mulheres na Aldeia Marakará,
realizado em setembro de 2018.

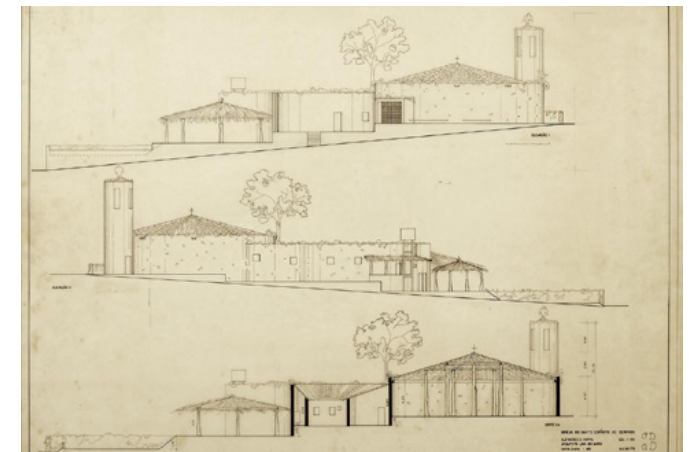
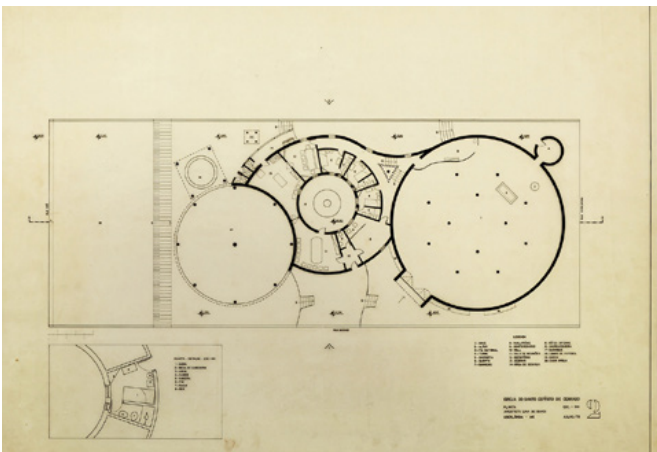
REFERÊNCIAS PROJETUAIS

Igreja Espírito Santo do Cerrado (MG) – Lina Bo Bardi

A igreja foi construída em Uberlândia entre 1975 e 1981 por meio de um sistema de mutirão, sendo desse modo um trabalho conjunto entre arquitetos e moradores. O projeto, desenvolvido por Lina Bo Bardi foi pensado para utilizar os materiais disponíveis no próprio local como tijolos de barro e a estrutura portante de madeira, em aroeira da região. O uso de concreto armado se restringiu apenas aos elementos essenciais como os pilares e vigas dos volumes circulares da igreja e da residência.



Fonte: Imagens retiradas de Arquitectura Viva, disponível em < <https://arquitecturaviva.com/works/iglesia-espirito-santo-do-cerrado-10>>



REFERÊNCIAS PROJETUAIS

Espaço Mandaru - Assembleia Xukuru (PE) - Daniel Guima e Pedro Paes

Construído em 2017 na Aldeia Pedra D'água no Território Indígena Xukuru do Ororubá, em Pernambuco, o pavilhão foi projetado para abrigar a Assembleia Xukuru, encontro que reúne 1500 a 3000 pessoas por dia, durante três dias para debater as questões do Povo Indígena Xukuru do Ororubá. Foi desenvolvido de maneira participativa com a comunidade indígena local e os arquitetos Daniel Guima e Pedro Paes no formato de mutirão utilizando técnicas construtivas e materiais existentes na região como a madeira e a palha.



Fonte: Imagens retiradas de Behance, disponível em <<https://www.behance.net/gallery/62366239/Espaco-Mandaru-Assembleia-Xukuru>>

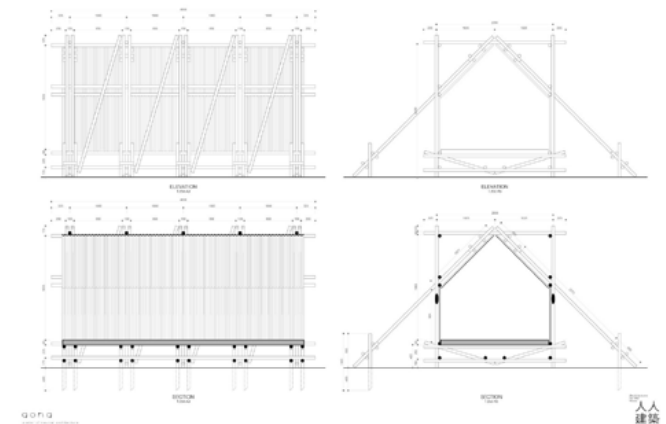
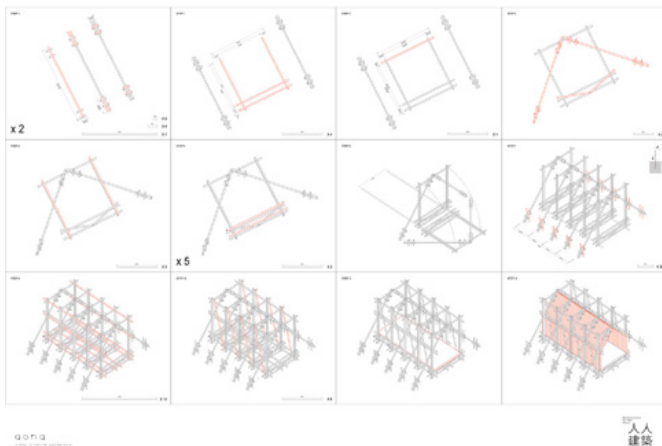


Abrigo Temporário no Nepal - Charles Lai e Takehiko Suzuki

Protótipo de um abrigo de construção rápida desenvolvido em 2015 para vítimas do terremoto no Nepal. Feito com varas de bambu na estrutura e materiais disponíveis no local para os fechamentos. Para a construção do abrigo foi desenvolvido também um manual de construção, sendo possível desse modo que as vítimas do terremoto pudessem construir seus abrigos com maior autonomia.



Fonte: Imagens retiradas de Archdaily, disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/778030/abrigo-temporario-no-nepal-charles-lai-plus-takehiko-suzuki?ad_source=search&ad_medium=search_result_all>



PROJETO



Fachada da Aldeia Marakanã com bandeira Wiphala.

A busca por um programa de necessidades foi um pouco deixada de lado, e o entendimento das estruturas que contribuirão para a Aldeia foi feito por meio da observação das atividades ali desenvolvidas que incluem: práticas sagradas, aulas de línguas, bioconstrução, plantio, tear, artes gráficas, canto, mostra de cinema indígena, rodas de maracá, oficinas de contação de história para crianças, gravação de entrevistas e documentários, e visitação regular de alunos de escolas e universidades.

As direções projetuais foram formuladas através da estrutura organizacional e produtiva da Aldeia, com o objetivo de manter seus processos pessoais. Assim, as orientações de projeto têm o intuito de melhorar as condições das atividades já realizadas e propor estruturas que ofereçam melhores condições para execução dessas atividades.

Tekohaw Marakanã. A palavra *Tekohaw* de origem Tupi-guarani significa “lugar de vida, lugar onde a vida está”⁹. A partir disso o conceito norteador do projeto é “Vida”, como forma de ratificar a cultura indígena como uma cultura viva, que se desenvolve e se mantém até os presentes dias. O partido adotado foi o de mostrar a vida indígena, usando espaços mais abertos, ambientes de usos diversificados e elementos permeáveis.

A técnica construtiva foi um fator muito importante para o desenvolvimento do projeto, de modo a garantir estruturas exequíveis para a comunidade da Aldeia e a mescla de técnicas construtivas indígenas com urbanas/contemporâneas. Por se tratar de uma aldeia indígena em contexto urbano, a mistura de materiais naturais como madeira, bambu, terra com materiais industriais como telha metálica, alvenaria, telha plástica, entre outros, foi imprescindível visto que muitos dos materiais naturais não estão em abundância no local.



⁹ Termo aprendido em uma das aulas do Curso de Tupi-Guarani, ministrado pelo Cacique Urutau.

ORIENTAÇÕES DE PROJETO



DIAGRAMA 01 - Arborização do terreno com indicação das áreas mais densas e que projetam mais sombras.

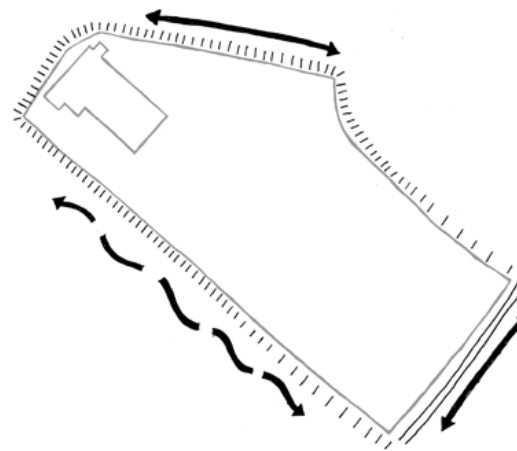


DIAGRAMA 02 - Muros e calçadas, as setas indicam a forma como as pessoas passam, sendo as retas de modo direto e com uma velocidade maior, a forma sinuosa interrompida indica um caminhar mais lento e com paradas. A relação dos muros com o exterior está indicada pela proximidade do tracejado, quanto mais próximo maior a permeabilidade visual e a relação com o exterior.

46

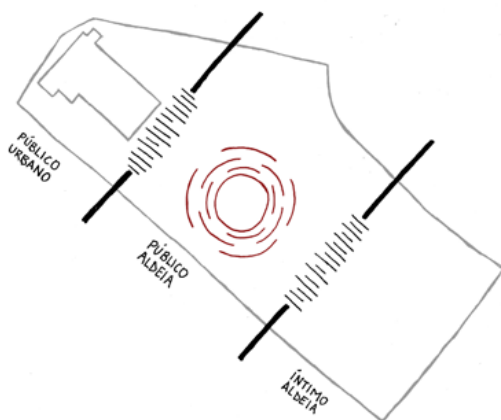


DIAGRAMA 03 - Setorização do terreno de acordo com o grau de relacionamento com a Aldeia, onde o pátio é o elemento central (e vazio) que organiza essa setorização e seus fluxos.

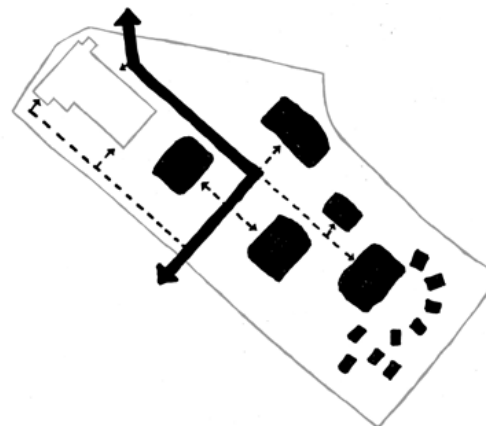


DIAGRAMA 04 - Acessos e fluxos, apresentando os atravessamentos do terreno e as áreas de interesse, dentro do terreno, para projeto.

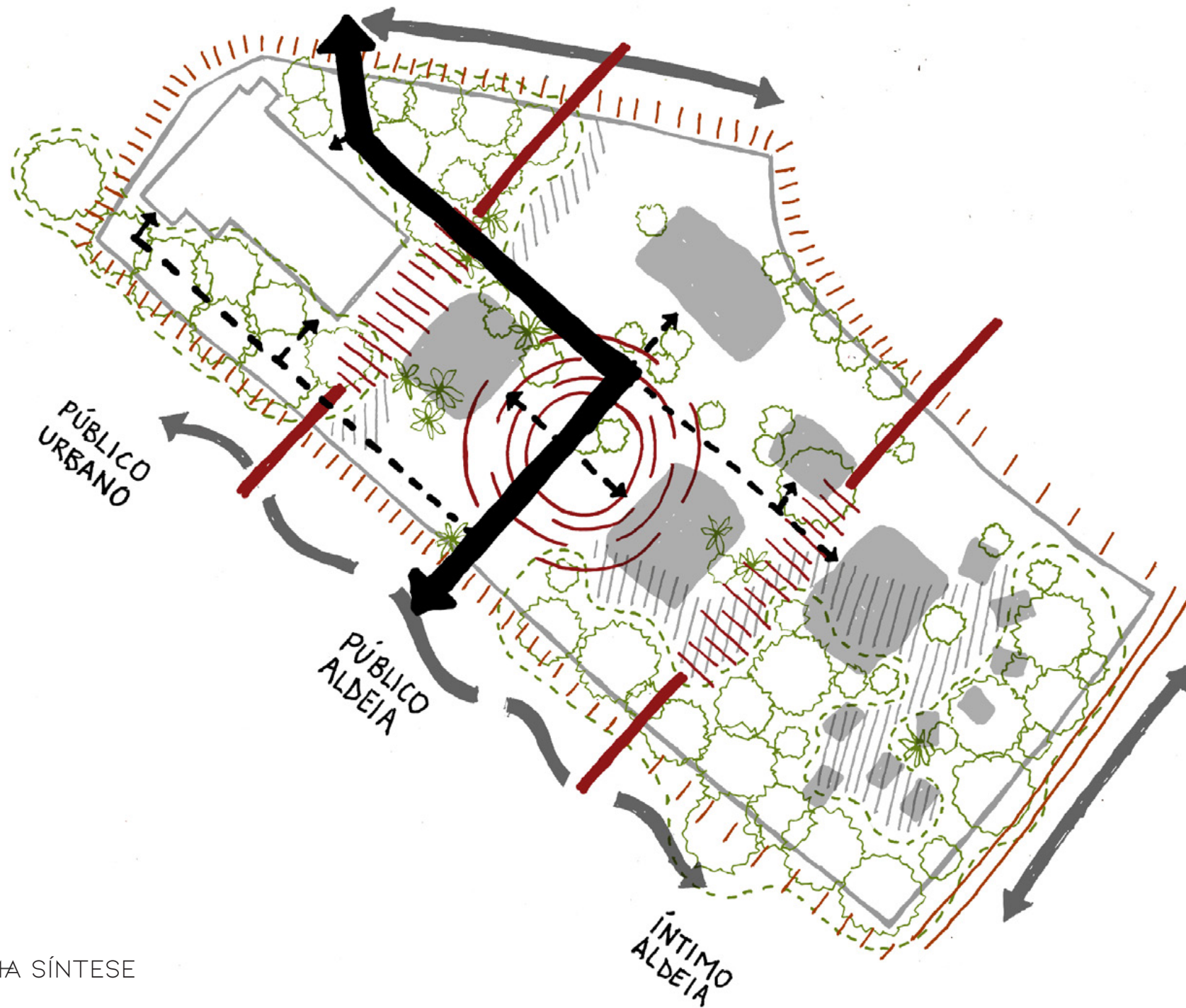
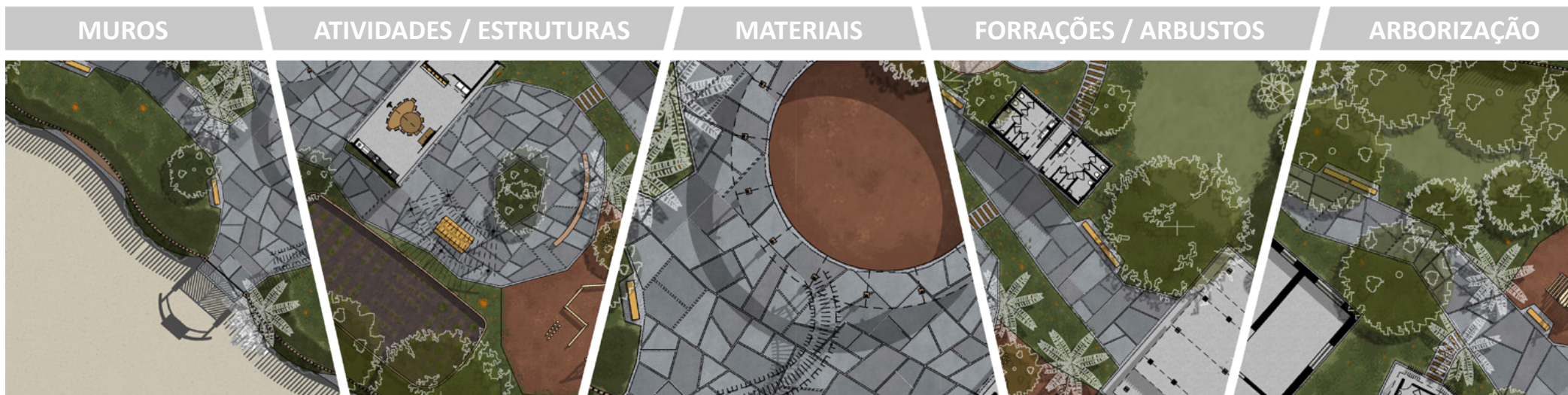
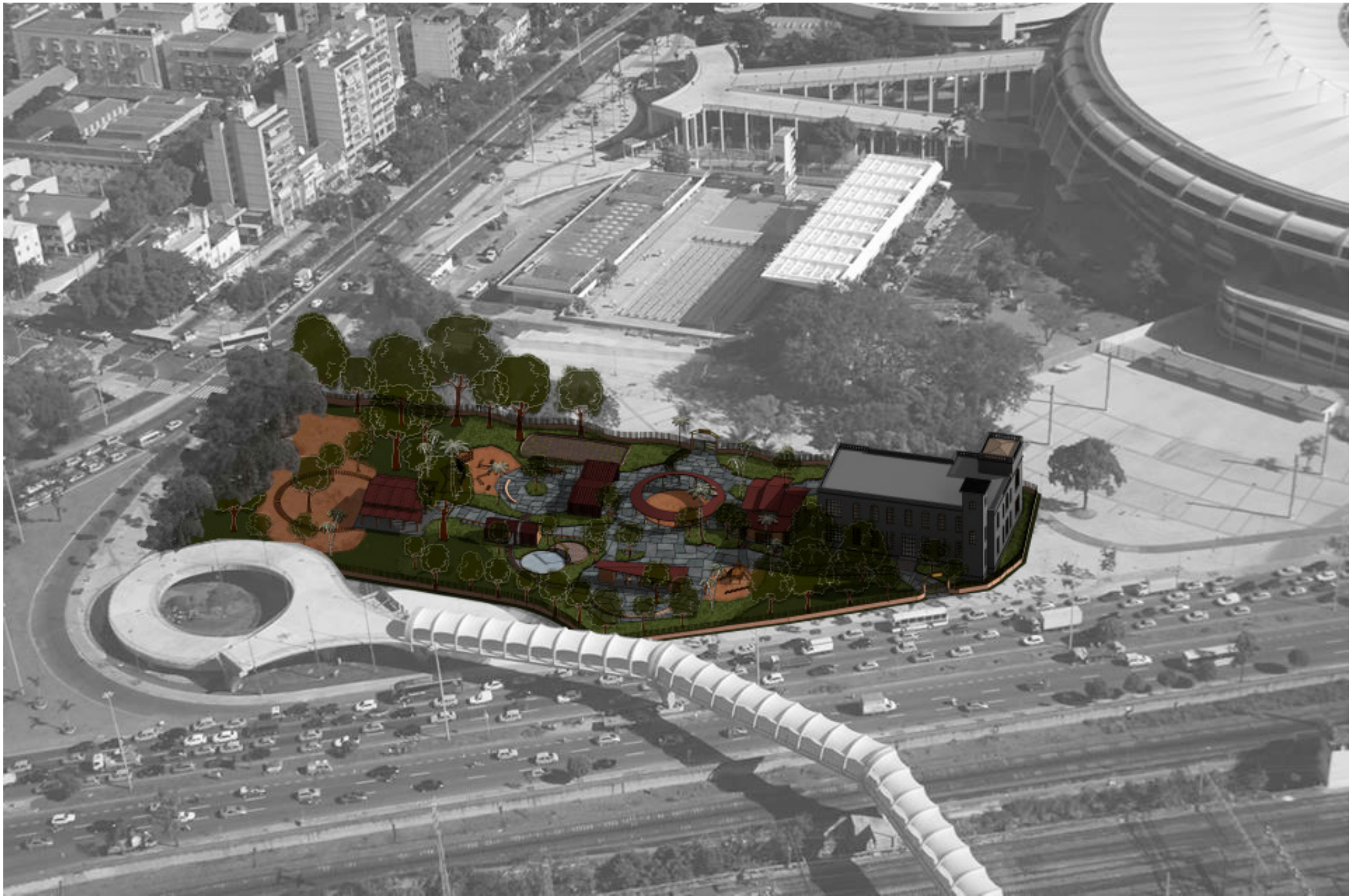


DIAGRAMA SÍNTESE



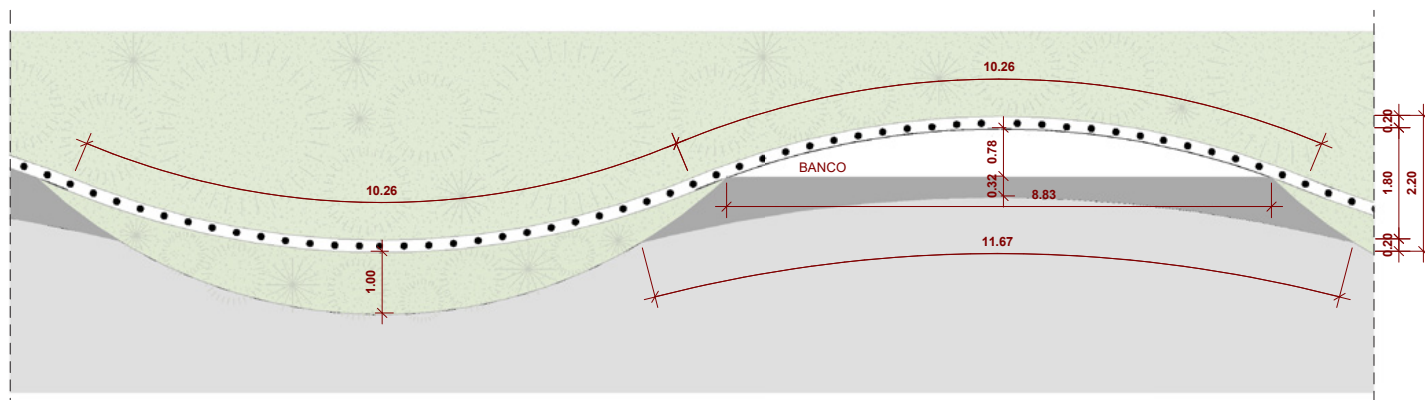
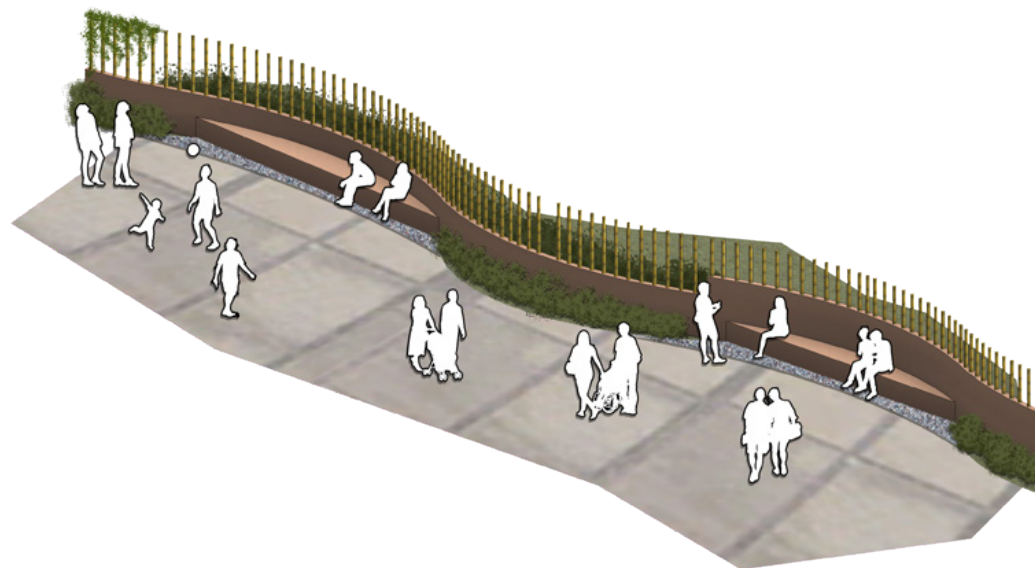
- 1 - CASARÃO
- 2 - PÁTIO
- 3 - ASSEMBLEIA
- 4 - OFICINA
- 5 - COZINHA
- 6 - HORTA
- 7 - BANHEIRO
- 8 - DORMITÓRIO VISITANTES
- 9 - OCAS MORADORES
- 10 - PRAÇA CRIANÇAS
- 11 - FONTE/CHUVEIRÃO



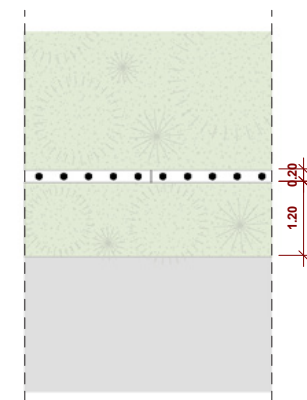


MUROS

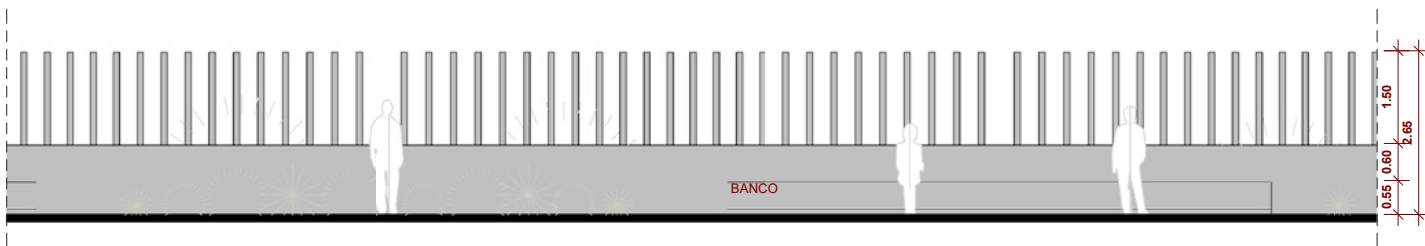
Atualmente toda a área da Aldeia é fechada por cercas, grades e muros feitos de materiais, em sua grande parte, improvisados. Para o projeto foi pensado um limite que ao mesmo tempo que garantisse a proteção da Aldeia (ponto muito enfatizado pela comunidade) também respondesse corretamente a relação com sua respectiva face. A estratégia de projeto adotada foi criar um fechamento que interagisse com o dinâmico perímetro da Aldeia. Para isso foi projetado uma meia parede em alvenaria que ganha altura por meio de uma cerca de bambu, oferecendo e conexão com o exterior através da permeabilidade visual. Seguindo com o muro/cerca há uma camada de arbustos gerando um afastamento que na face voltada para a Rua Mata Machado se alterna com bancos sinuosos (figura ao lado).



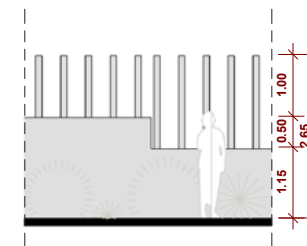
PLANTA BAIXA MURO TRECHO SINUOSO



PLANTA BAIXA MURO TRECHO RETO



CORTE MURO TRECHO SINUOSO

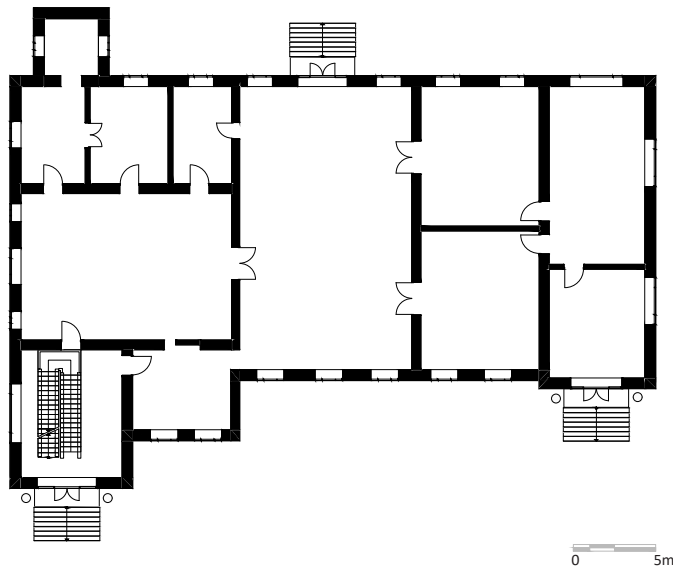


CORTE MURO TRECHO RETO

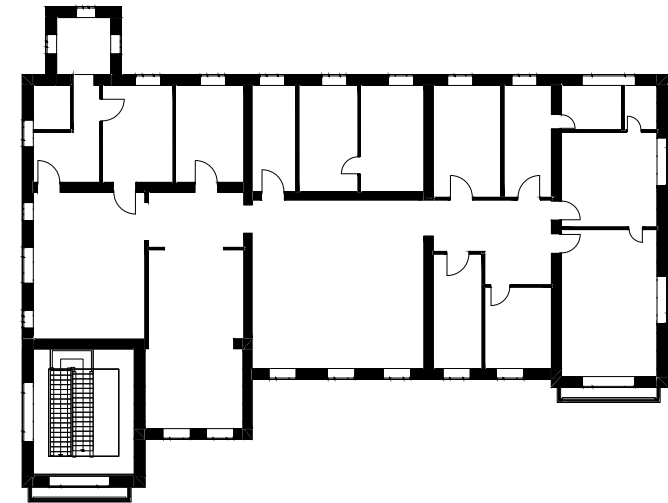


CASARÃO

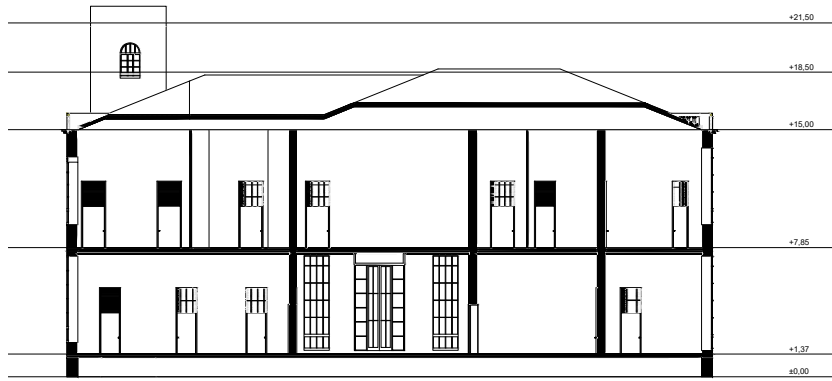
Devido seu estado atual, as atividades da Aldeia se concentram fora do Casarão e pelo seu valor histórico e todas as questões de restauro e patrimônio o presente projeto focou apenas em quais atividades poderiam ser desenvolvidas dentro do Casarão, não gerando produtos mais detalhados. O casarão participa do projeto como principal espaço para as atividades institucionalizadas e digitais tais como acervo de documentos, ações de cidadania, midiateca. Além disso, é importante ressaltar que qualquer alteração na edificação precisaria de uma equipe de profissionais especialistas para garantir a segurança dos usuários e a correta manutenção do patrimônio histórico e arquitetônico.



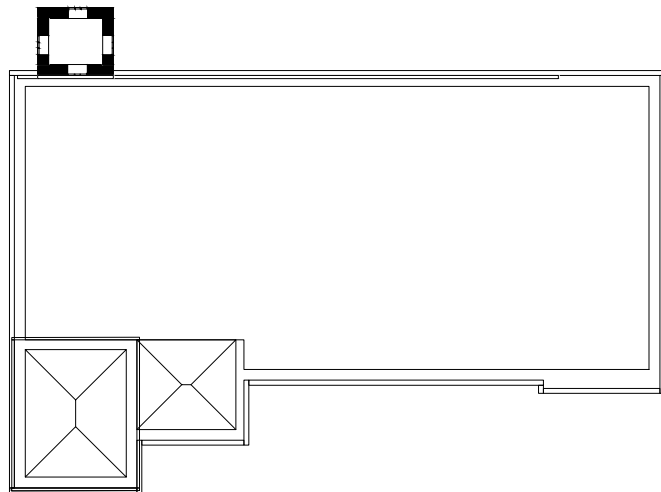
PLANTA BAIXA TÉRREO



PLANTA BAIXA 1º PAV



CORTE LONGITUDINAL



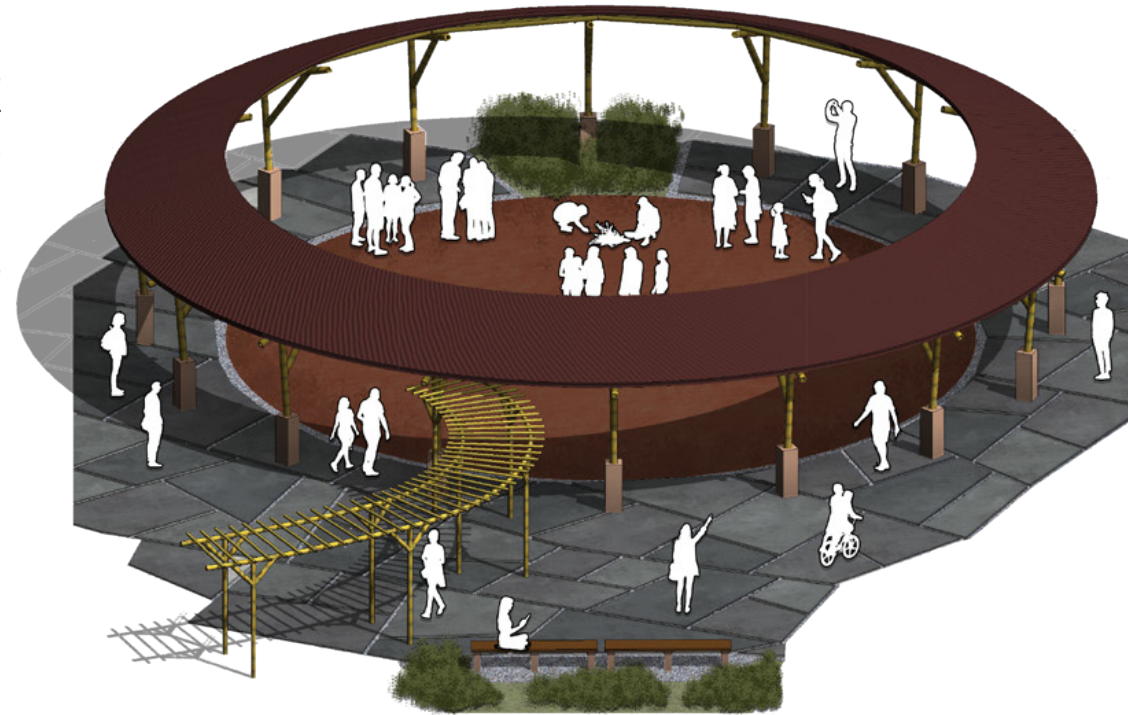
PLANTA COBERTURA



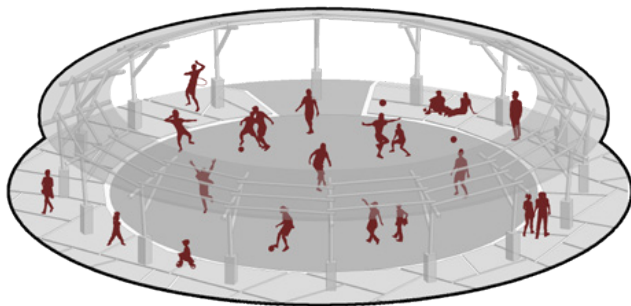
Atividades que poderiam ser desenvolvidas dentro do Casarão.

PÁTIO

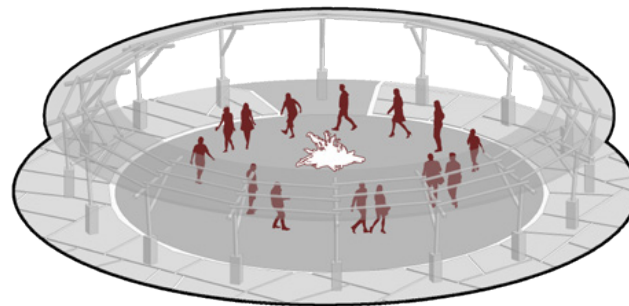
Principal ponto de encontro e articulador dos espaços das Aldeia, o Pátio é o centro do projeto, servindo como organizador espacial e distribuidor de fluxos. Um espaço polivalente que abriga atividades de lazer, cultura e rituais, pensado como um grande círculo vazio a ser preenchido pelas pessoas e suas ações. Como forma de enfatizar essa centralidade vazia a cobertura circular emoldura o chão batido de terra (vista superior), ao mesmo tempo que emoldura o céu e seus astros (sol e lua).



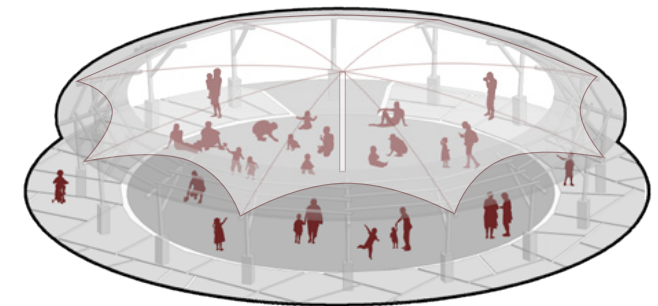
Exemplos de seus usos:



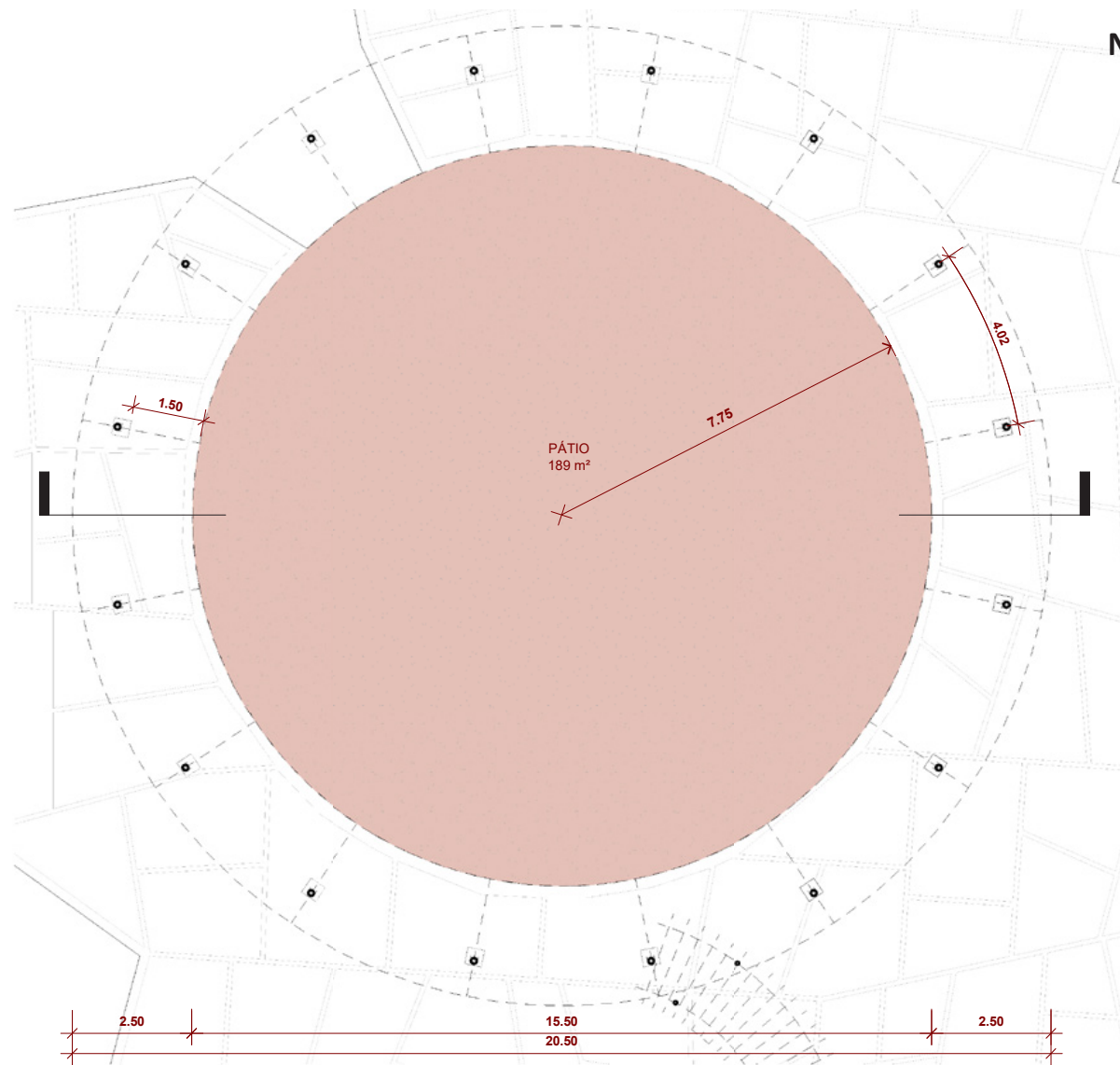
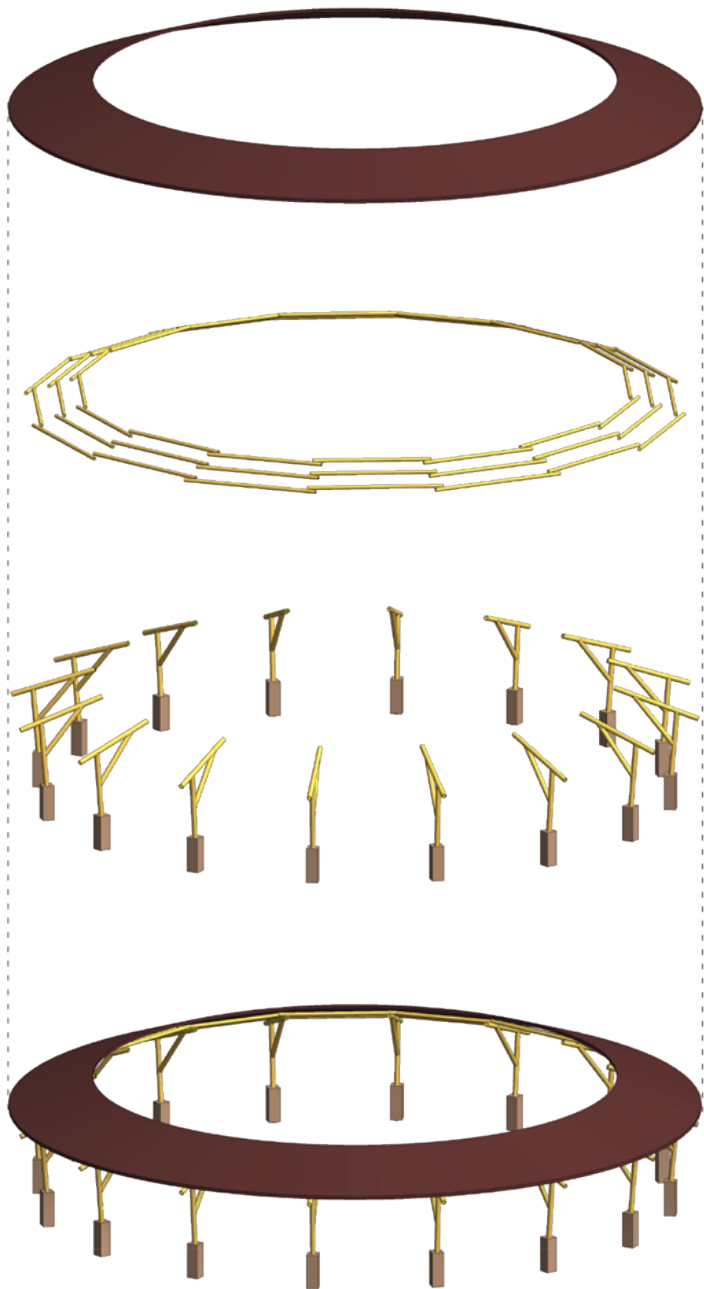
Esporte/lazer



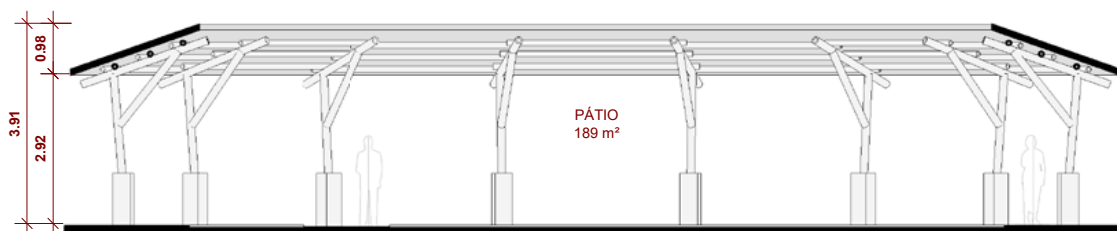
Ritual/Cosmologia



Cultural



PLANTA BAIXA PÁTIO



CORTE PÁTIO



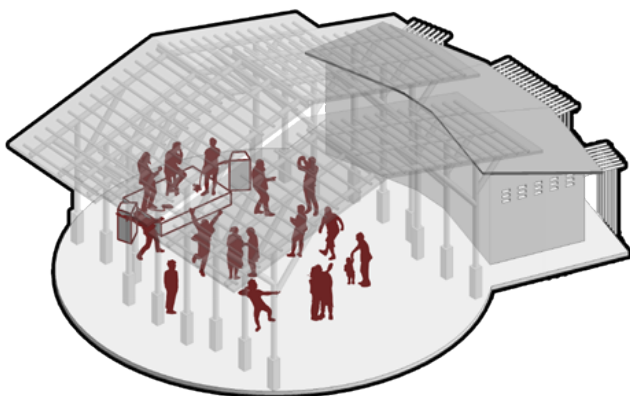
ASSEMBLEIA

A Aldeia recebe muitos eventos de grande porte que atraem muitas pessoas, sendo eles fóruns, reuniões, palestras, cursos, shows etc. Para isso foi pensado um espaço coberto grande que possa abrigar essas atividades em dias de muito sol ou chuvosos. Esse local também pode funcionar como uma sala de aula (exterior) para os muitos cursos oferecidos pela Universidade Indígena da Aldeia Marakanã. Como forma de otimizar os deslocamentos e aproximar das áreas da Aldeia com maior números de pessoas, foi pensando junto à estrutura da Assembleia um bloco de banheiros. Esse bloco de banheiro é dividido em 3 unidades, sendo as duas unidades das extremidades os banheiros masculino e feminino, e o banheiro do meio o para a família.

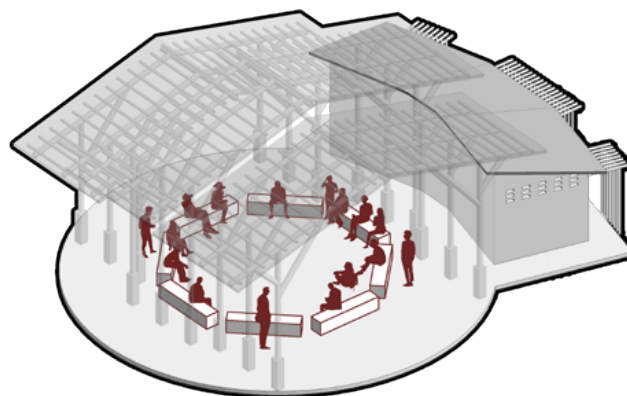


56

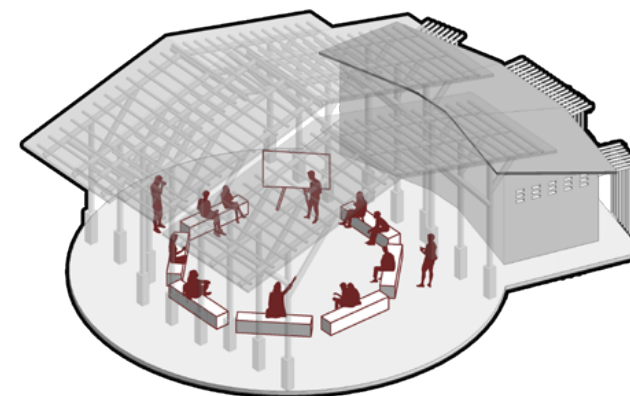
Exemplos de seus usos:



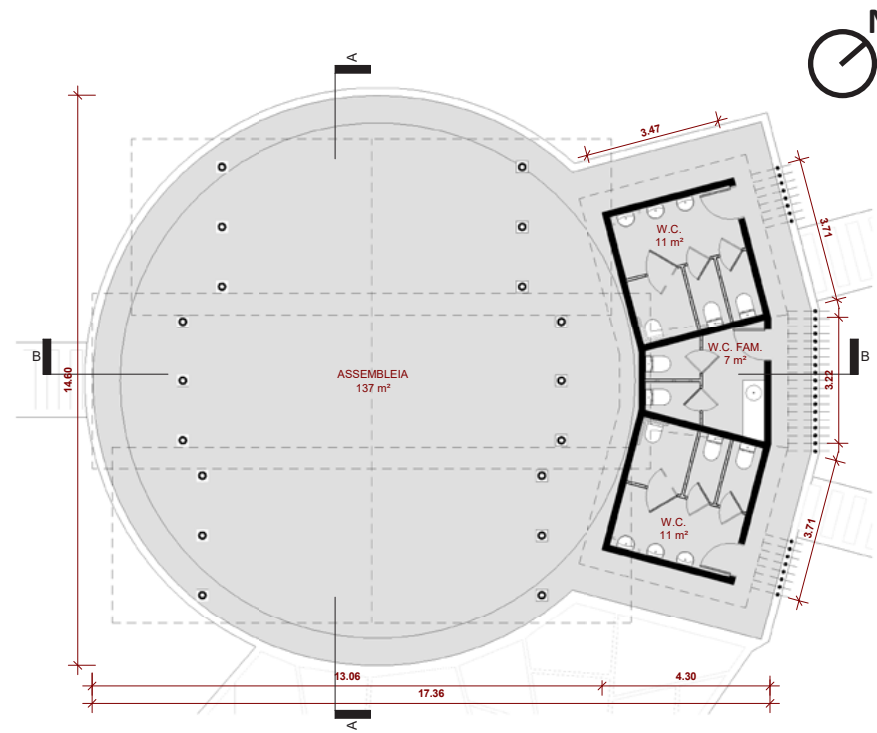
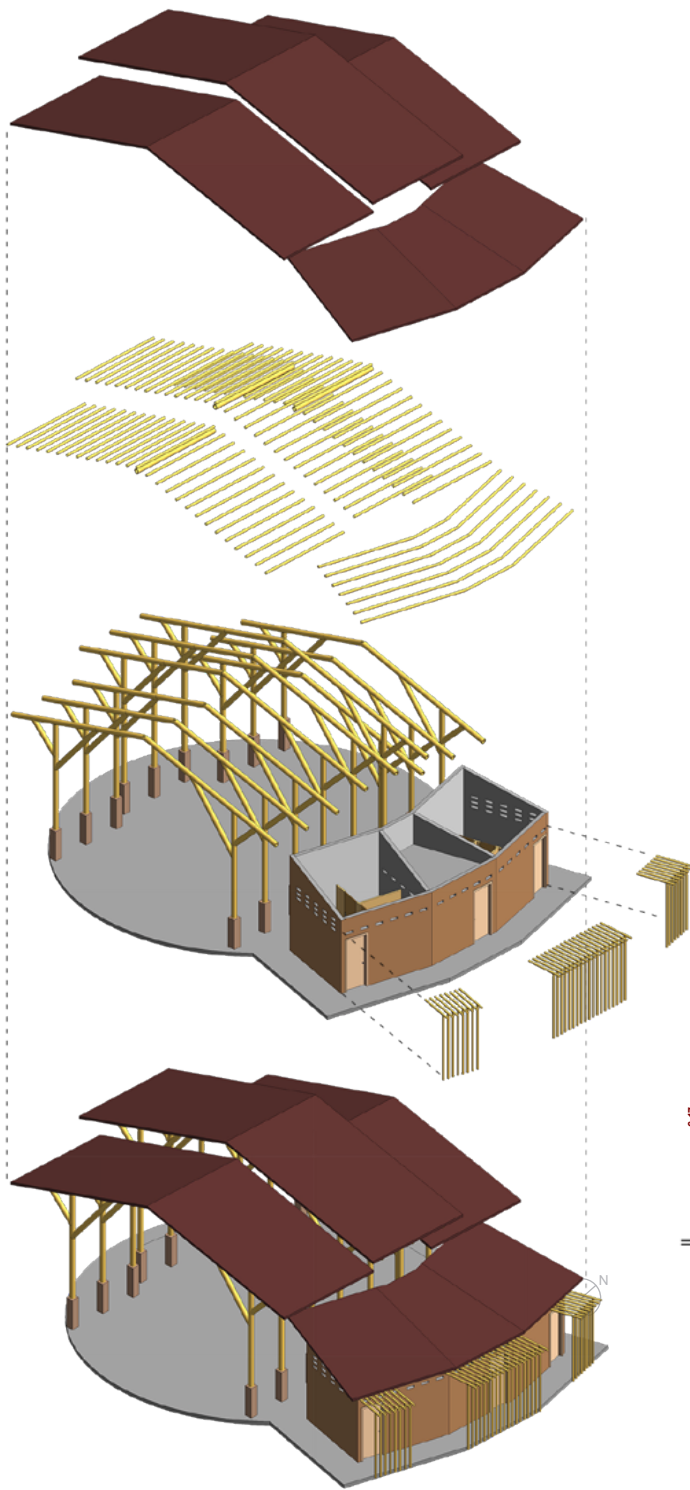
Shows



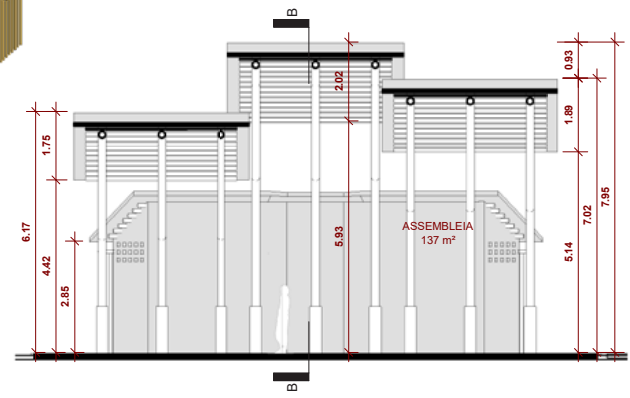
Fóruns/reuniões



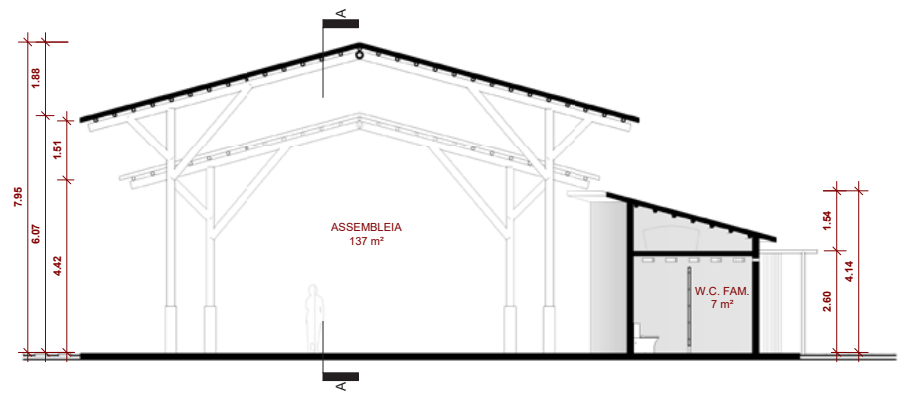
Aulas/oficinas



PLANTA BAIXA ASSEMBLEIA



CORTE AA ASSEMBLEIA



CORTE BB ASSEMBLEIA



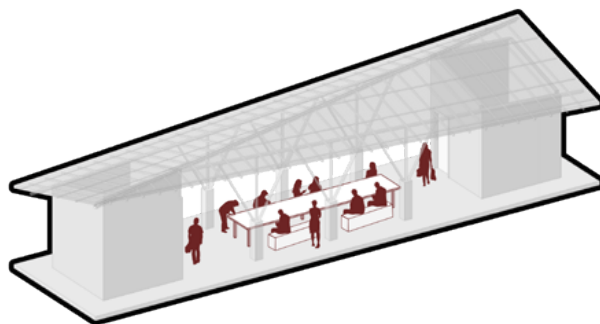
OFICINA

A Aldeia é construída pela sua comunidade, com isso, um espaço voltado para produção, depósito de materiais e depósito de ferramentas foi fundamental. Além de servir como oficina para construção da Aldeia, ela também funciona como espaço para os workshops de produção de tijolos, mobiliários, artesanatos e etc. No projeto o espaço da oficina foi pensando de modo prático como um ambiente com área coberta para separação de materiais e processos em menor escala, mas que possa se ampliar (área descoberta) para atividades maiores que mobilizem mais recursos e pessoas.

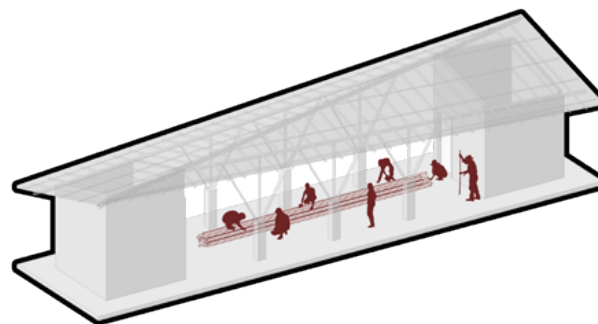


58

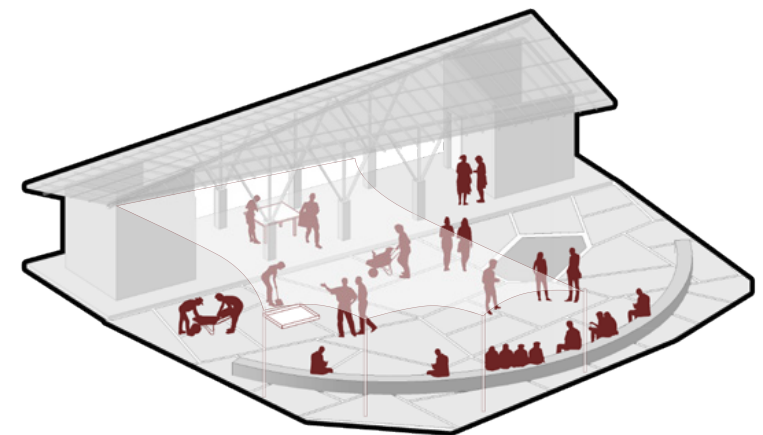
Exemplos de seus usos:



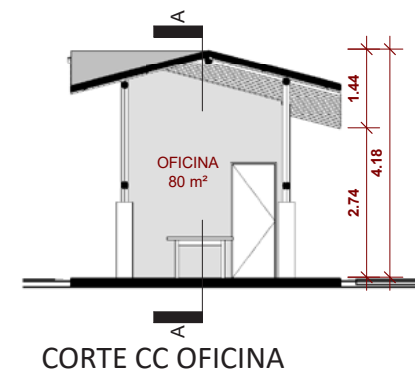
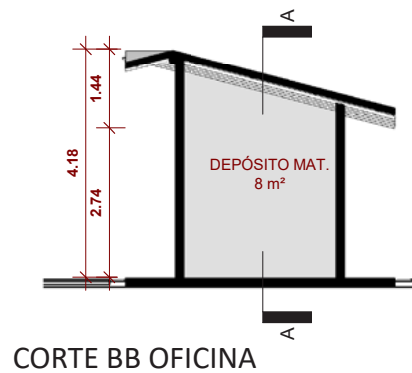
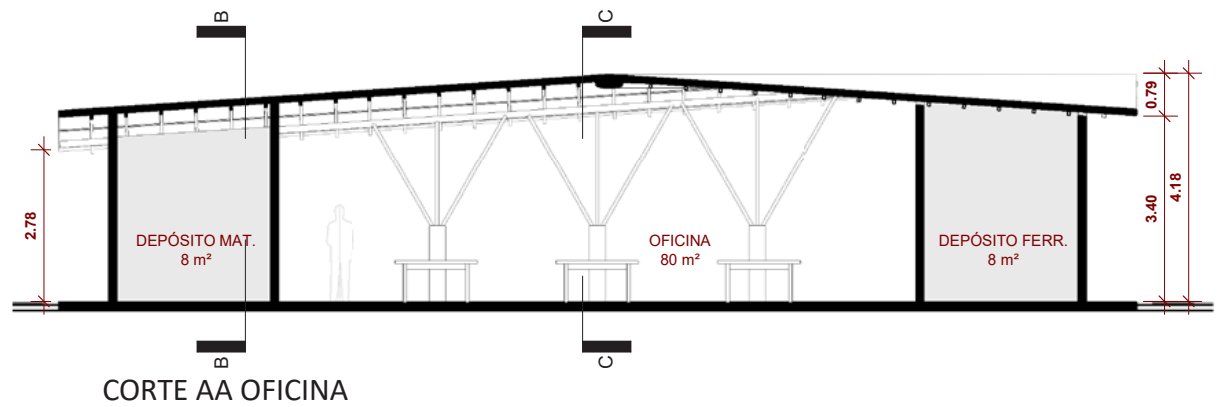
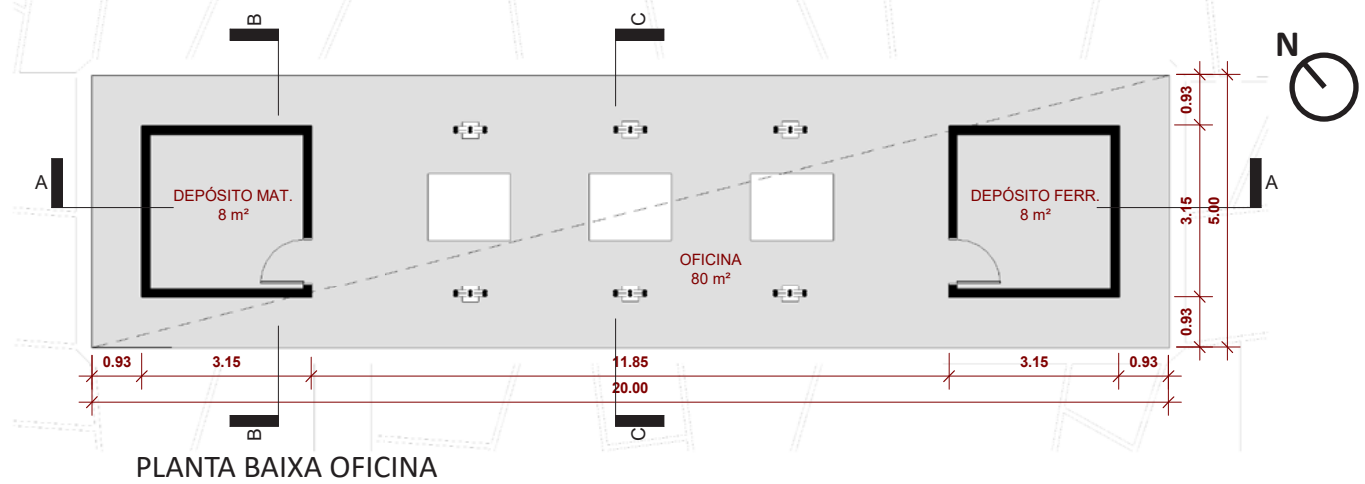
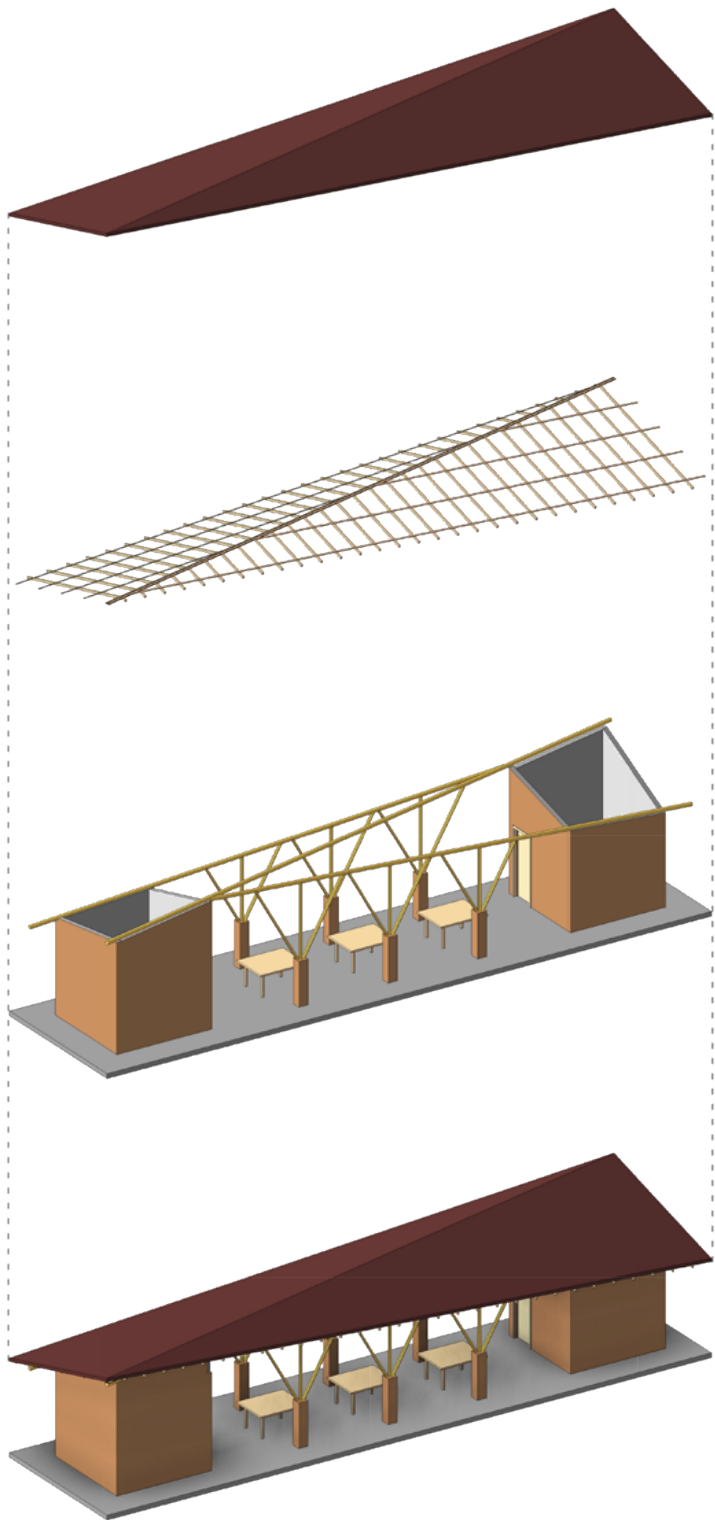
Artesanato



Preparação materiais

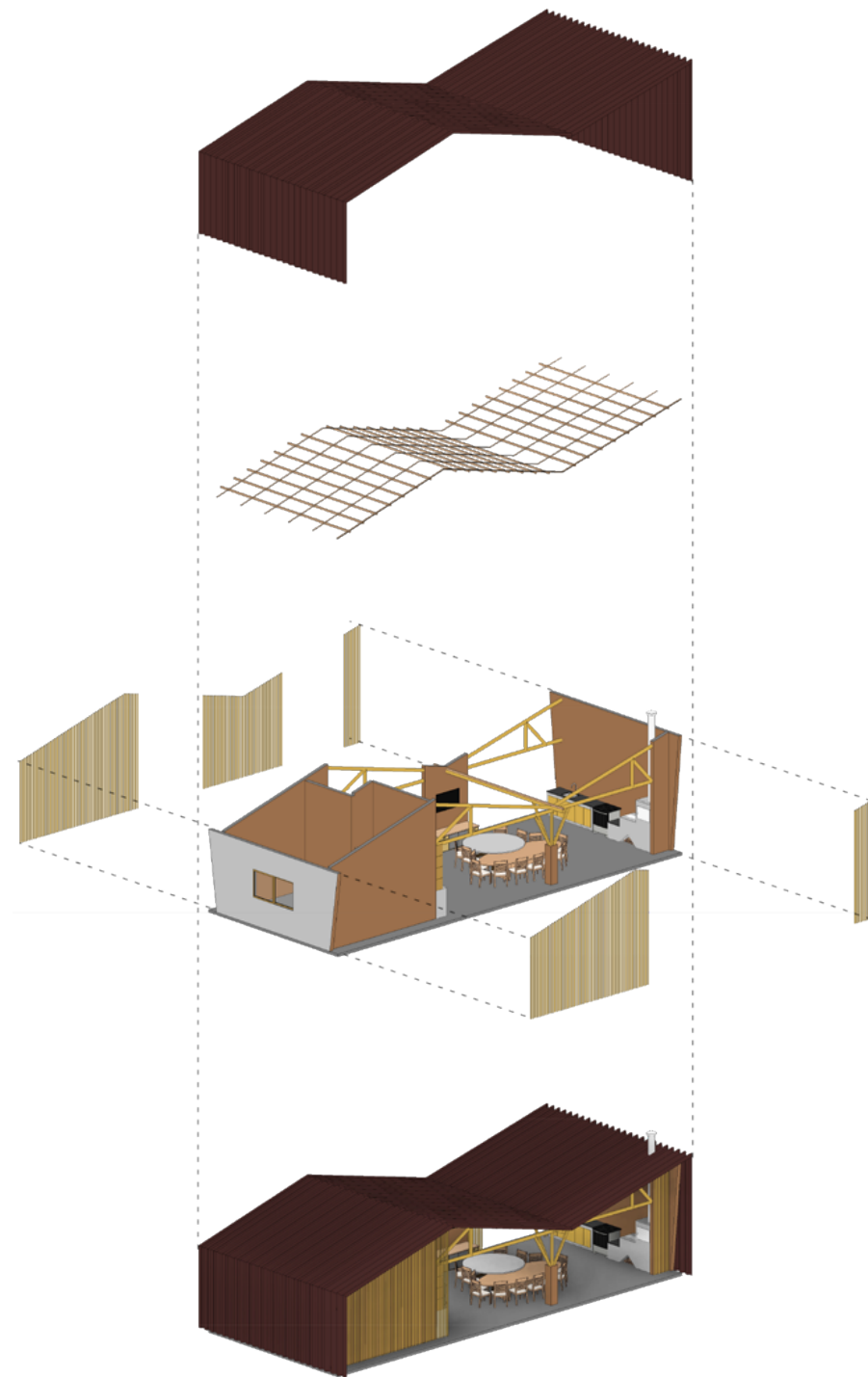
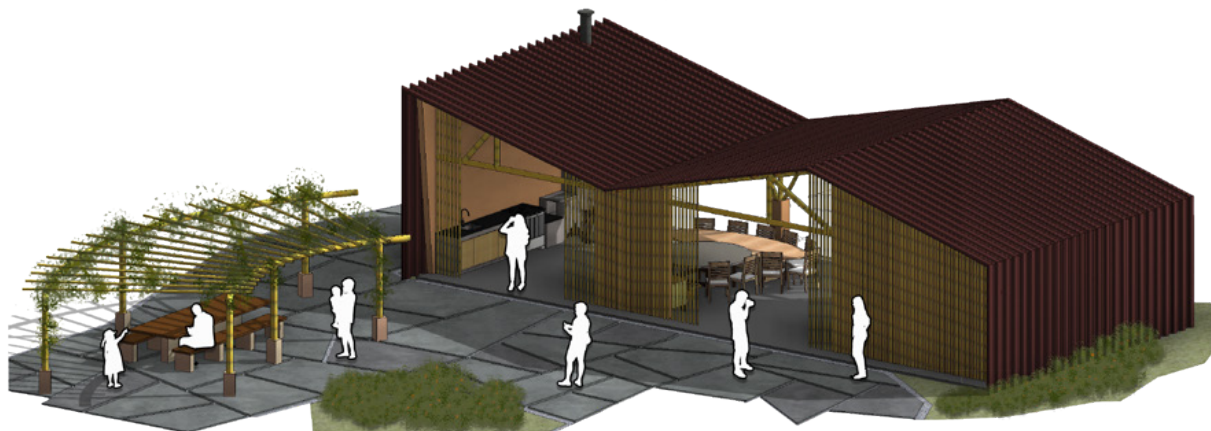


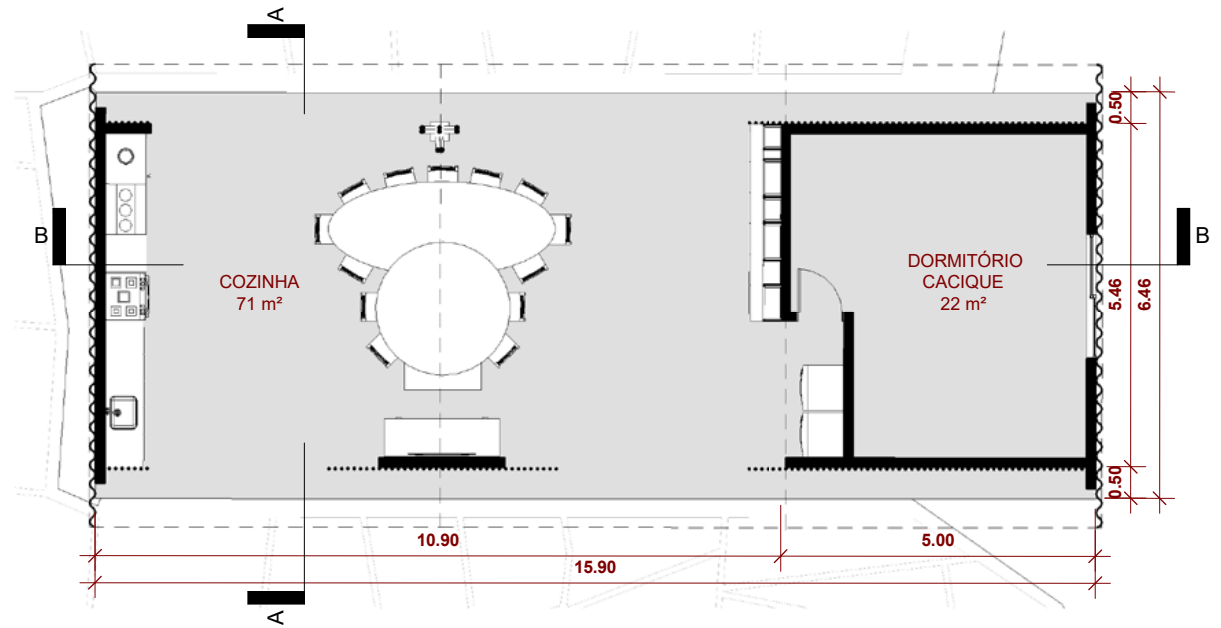
Construção



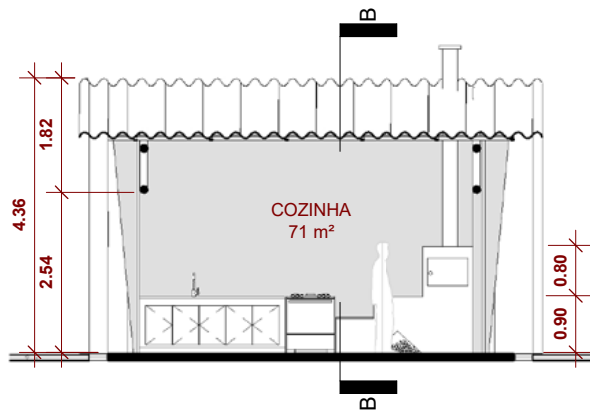
COZINHA

A cozinha manteve o layout existente da Aldeia, pois funcionava muito bem para as atividades ali desenvolvidas. A principal mudança no entanto, foi na área do fogão-à-lenha, que antes ficava em uma cabine fechada por conta da fumaça, mas agora com uma chaminé, pode ficar aberto a cozinha e participar da área social. De modo a contribuir para a subsistência da Aldeia também foi pensada uma estante na cozinha para exposição de artesanatos e objetos, servindo como um expositor. Além das refeições, a cozinha da Aldeia é um espaço de encontro e socialização, com isso no projeto foi incluída uma área externa que possa expandir esse caráter e receber mais pessoas.

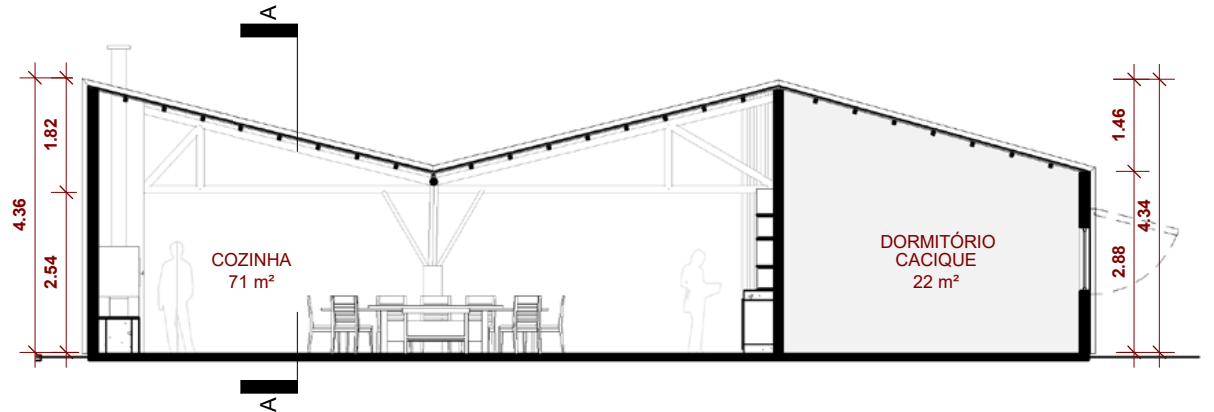




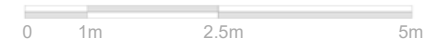
PLANTA BAIXA COZINHA



CORTE AA COZINHA

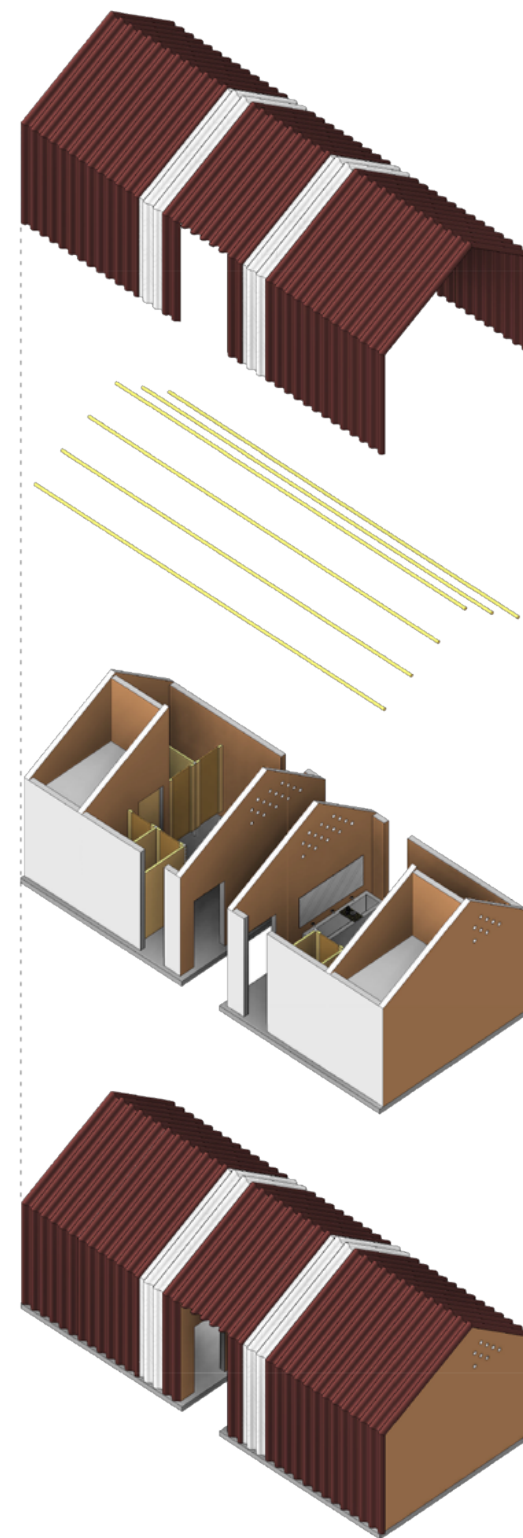
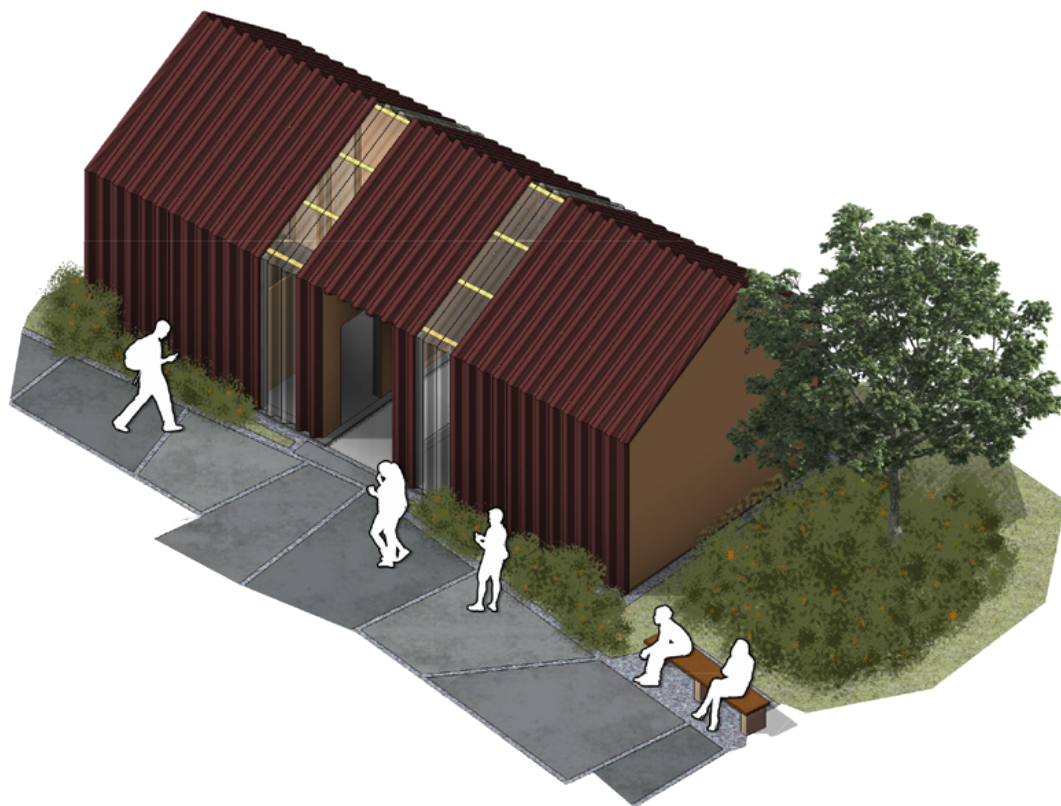


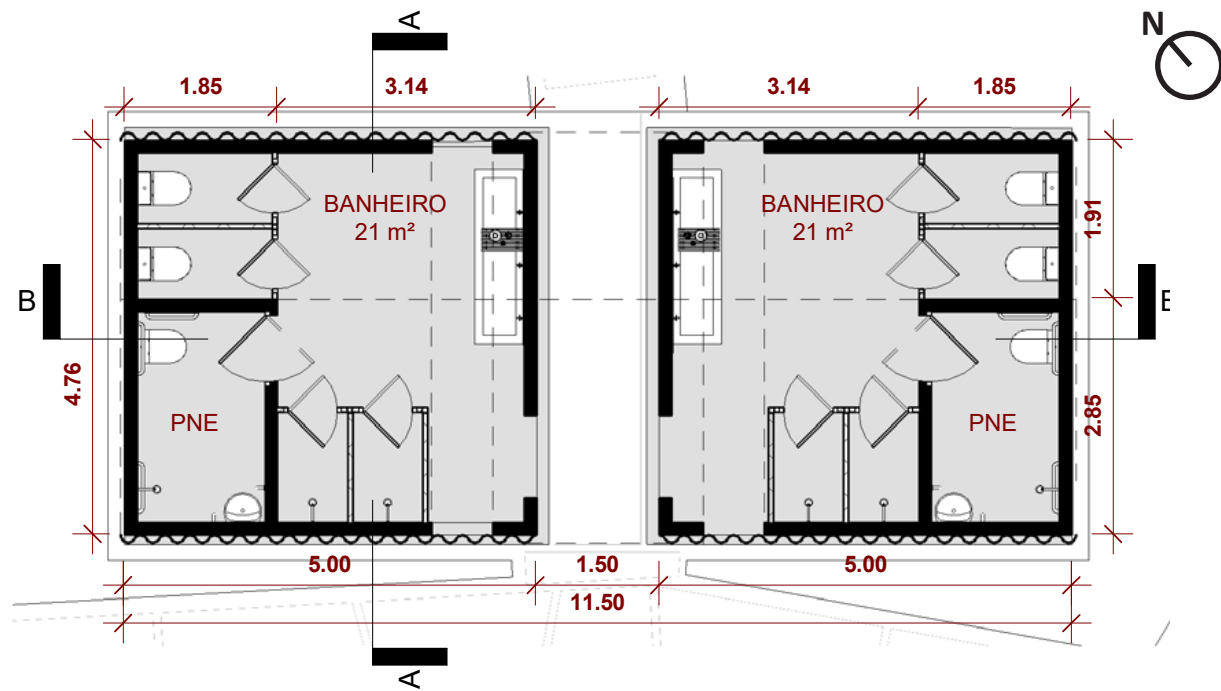
CORTE BB COZINHA



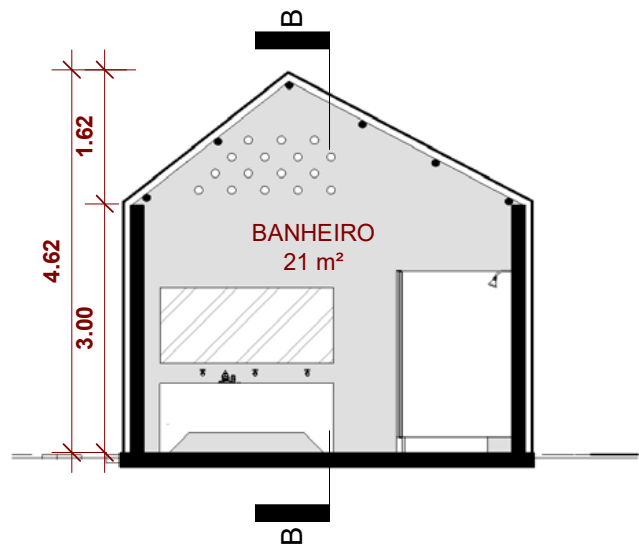
BANHEIRO

Aproveitando parte da estrutura existente, o banheiro teve apenas uma alteração de layout, de modo a comportar melhor uma cabine PNE. A forma é bem simples com um telhado em duas águas, feito de telha ecológica ondulada que segue até suas paredes laterais. Nas duas laterais há um “rasgo” de luz feito com telha plástica ondulada translúcida, para iluminar o ambiente e também, em dias de chuva, poder ver a chuva escorrendo pelo material, trazendo uma conexão com a água. Essa conexão com a água também se dá pelo uso de um tanque no lugar de um lavatório, como tem muitas crianças de colo na aldeia, o lavatório também pode servir como uma banheira para o banho dessas crianças.

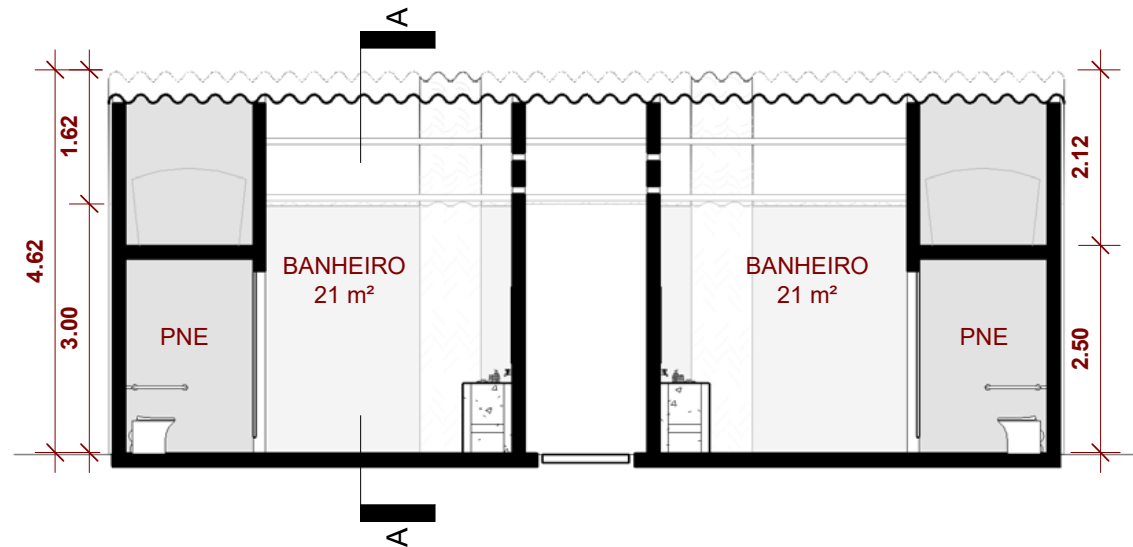




PLANTA BAIXA BANHEIRO



CORTE AA BANHEIRO



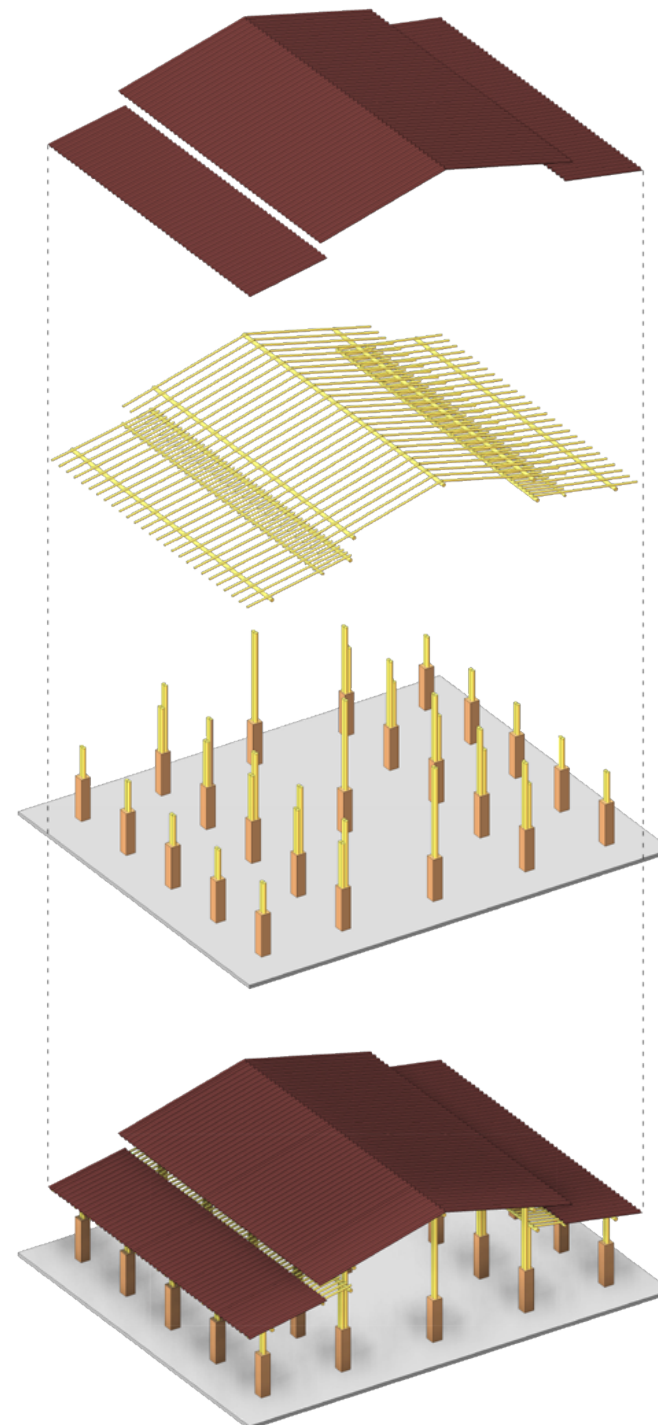
CORTE BB BANHEIRO

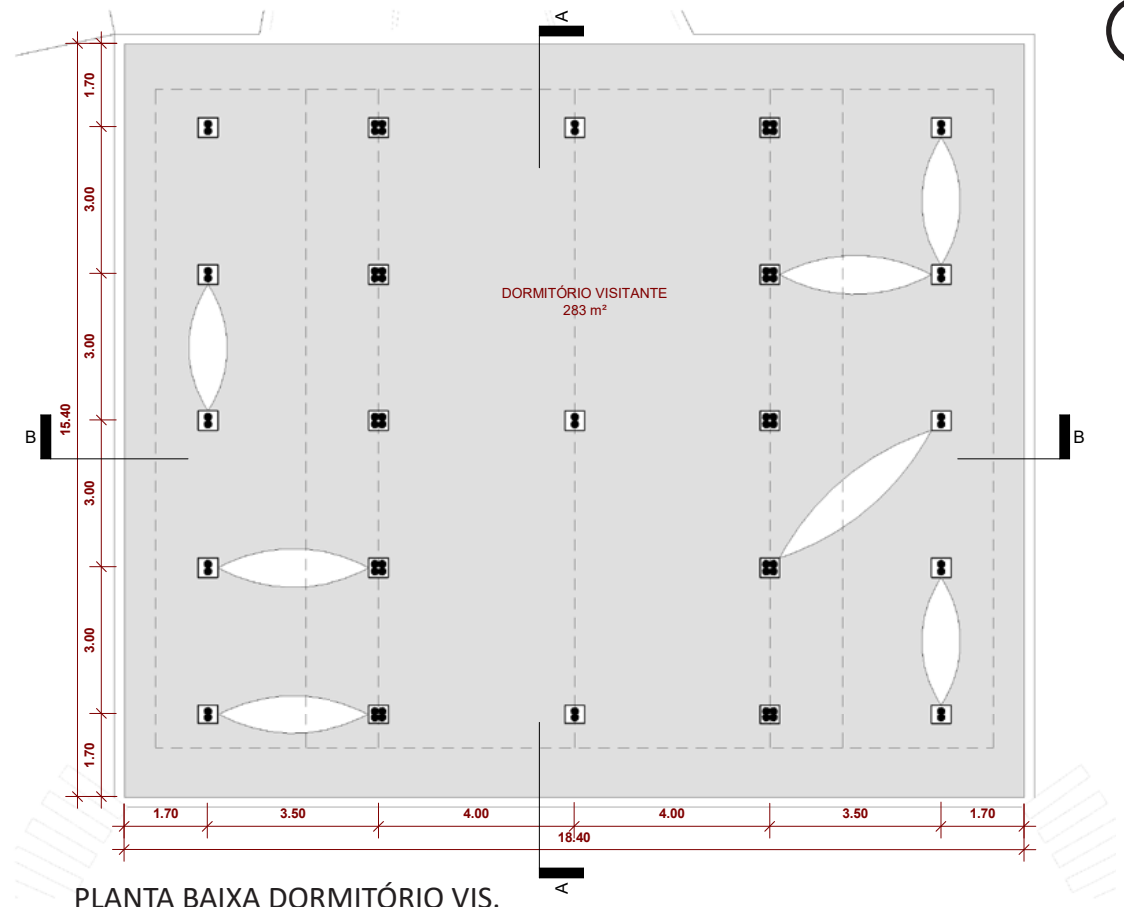


DORMITÓRIO VISITANTES

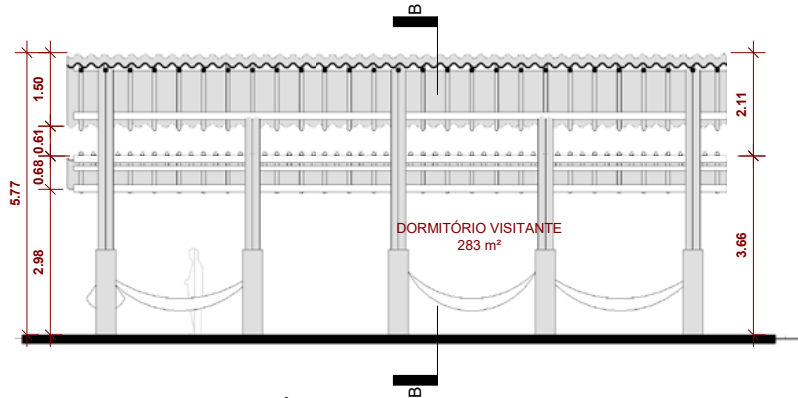
Além das famílias que moram na Aldeia alguns visitantes e colaboradores passam as noites lá. Assim como uma casa com quarto de hóspedes, a Aldeia também precisa de um espaço que possa acolher seus amigos e familiares. O dormitório também é utilizado para indígenas recém chegados na cidade e que ainda não possuem lugar para ficar, necessitando de um lugar seguro até se estabilizarem. Além disso o espaço oferece a possibilidade de uma experiência imersiva na cultura indígena, sendo um forte aliado na sua disseminação e tendo apoio do forte apelo turístico do entorno da Aldeia.

64

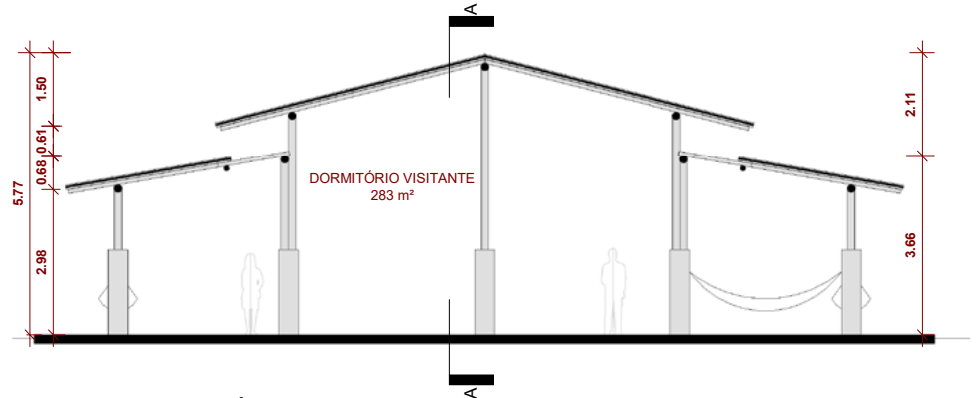




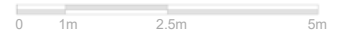
PLANTA BAIXA DORMITÓRIO VIS.



CORTE AA DORMITÓRIO VIS.



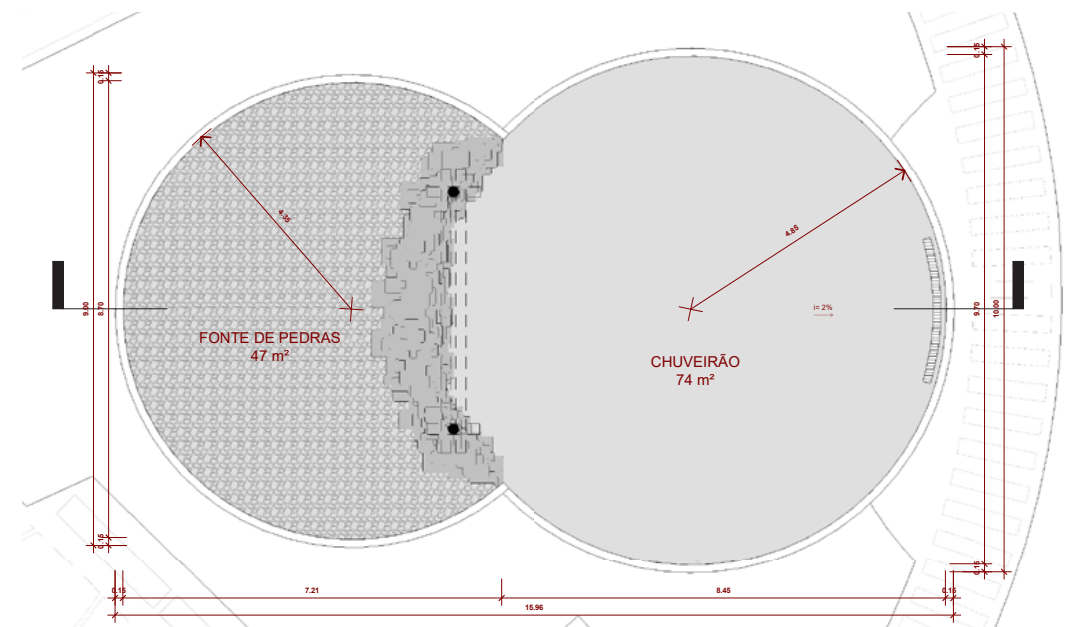
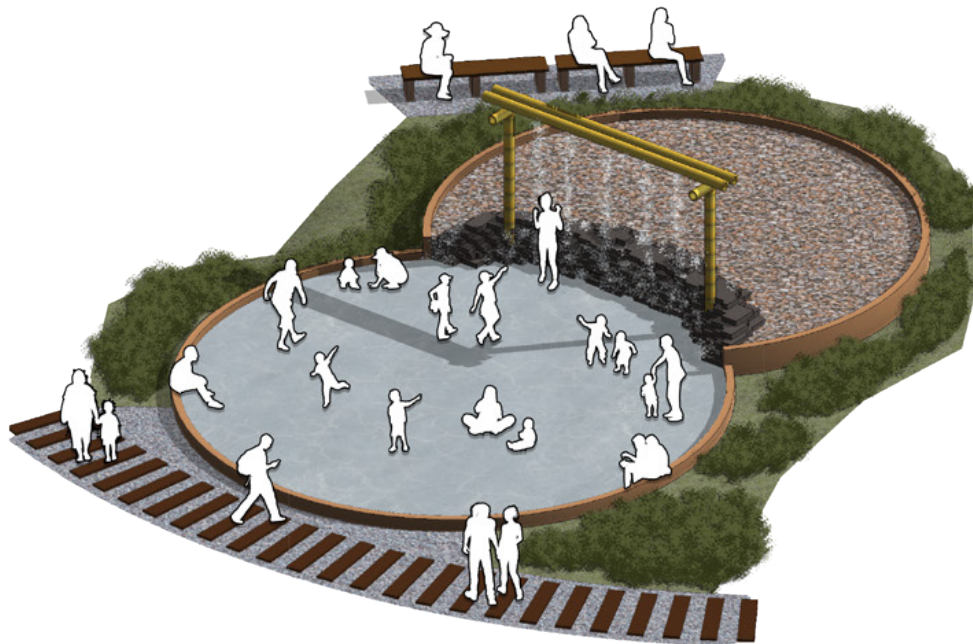
CORTE BB DORMITÓRIO VIS.



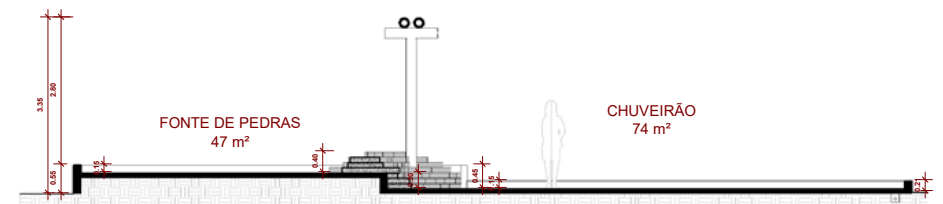
FONTE DE PEDRAS / CHUVEIRÃO

Uma grande diferença entre as Aldeias em contextos rurais é que no ambiente urbano, a conexão com elementos naturais nem sempre é facilitada. No caso da Aldeia Marakanã a relação com a água, embora próxima de dois rios (Rio Maracanã e Rio Joana), é bem limitada, tendo que se deslocar para outras áreas da cidade em busca de cachoeiras, praias e lagos. Como forma de amenizar essa situação, mesmo que em uma escala menor, e no intuito de aproximar o elemento da água de seus moradores foi pensada uma estrutura que apresente um lado contemplativo (Fonte de pedras) e também um lado recreativo (Chuveirão), mas que não precise muita manutenção e muitos recursos.

66



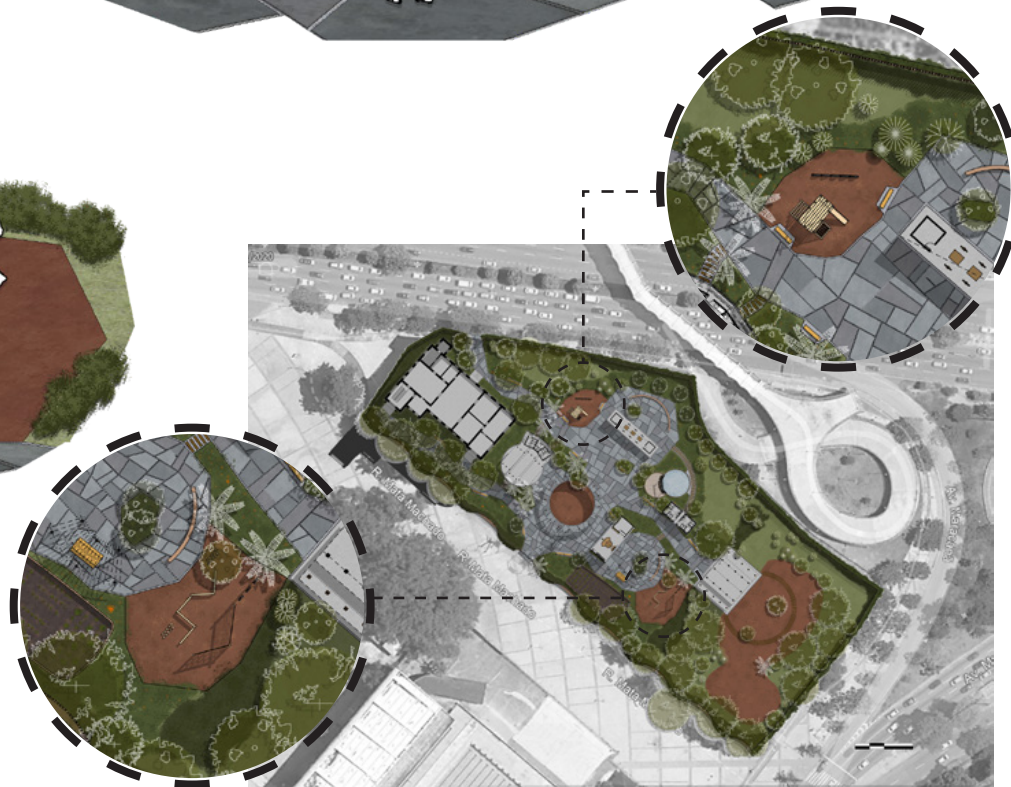
PLANTA BAIXA FONTE/CHUVEIRÃO



CORTE FONTE/CHUVEIRÃO

PRAÇAS

Há muitas crianças na Aldeia e por isso, ao longo do projeto foram pensando praças próximas à áreas de estar da Aldeia. As brincadeiras das crianças ocupam todo o território da Aldeia e vai continuar assim, no entanto a criação de um espaço pensado exclusivamente para elas, amplia sua noção de pertencimento e participação na comunidade. A construção e manutenção/ ampliação dessas praças pode ser feita pela comunidade, com brinquedos produzidos com materiais reutilizados como pneus, e tendo a participação das crianças na construção e proposição de novos brinquedos.



MATERIAIS

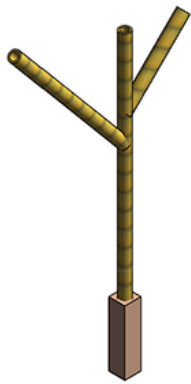
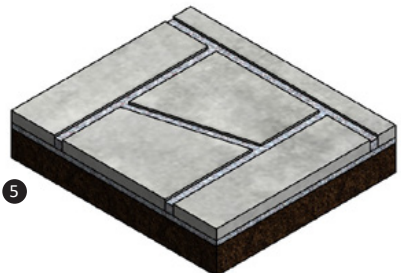
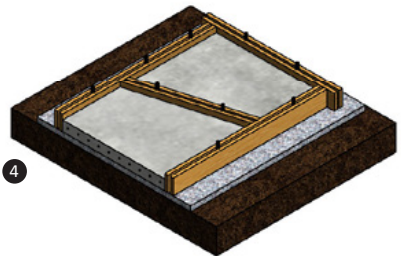
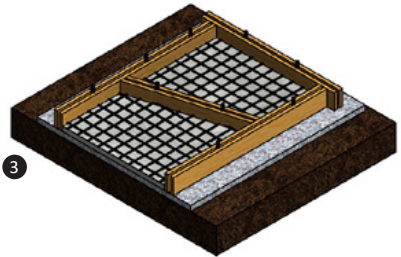
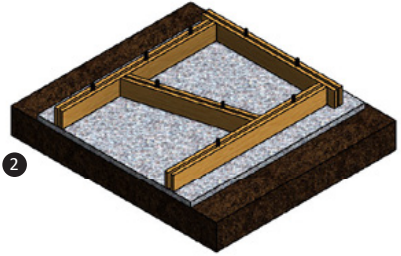
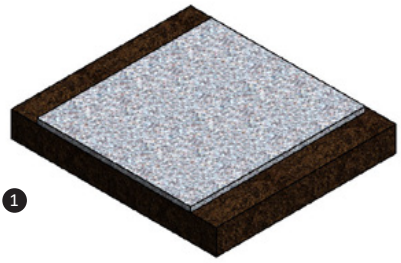
Os materiais usados no projeto tiveram como premissa básica o baixo custo e uma boa qualidade. Para os pisos internos das estruturas foi escolhido o cimento queimado pela sua fácil manutenção cotidiana e atender bem as diferentes atividades que os espaços abrigam. Para a pavimentação externa foi escolhida a terra batida para as áreas dos moradores e o pátio pensando nas atividades ritualísticas que exigem pisar no solo com os pés descalços. Também foram escolhidos Caminhos de brita e dormentes de madeira, e placas intertravadas modeladas no local, pensando num boa absorção de água da chuva. Para a estrutura dos ambientes foi escolhido o bambu por ser um material que pode ser colhido na Aldeia e ter alta resistência, além de ser um material muito utilizado por diversas etnias, trazendo para o projeto técnicas construtivas ancestrais. Para as coberturas a telha ecológica substitui a tradicional piaçava, por esta ser um recurso pouco encontrado no local e seu risco de incêndio.

68



Etapas da produção do piso de placas intertravadas:

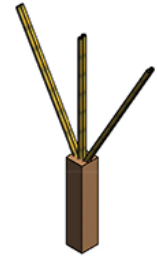
- 1- Camada de brita sobre solo compactado;
- 2- Ripas gerando formas para receber o concreto;
- 3- Colocação de malha metálica;
- 4- Concretagem;
- 5- Piso acabado, preenchimento das juntas com brita ou similar.



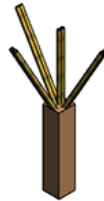
PILAR ESTRUTURA ASSEMBLEIA



PILAR ESTRUTURA PÁTIO



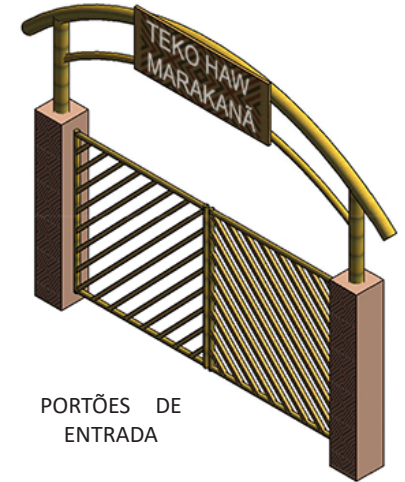
PILAR ESTRUTURA OFICINA



PILAR ESTRUTURA COZINHA

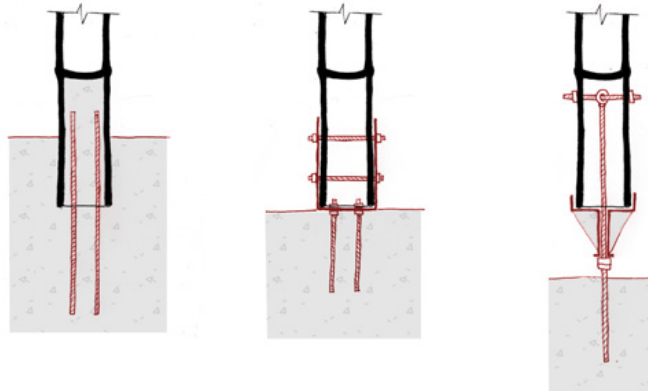


PILAR ESTRUTURA DORMITÓRIO VIS.

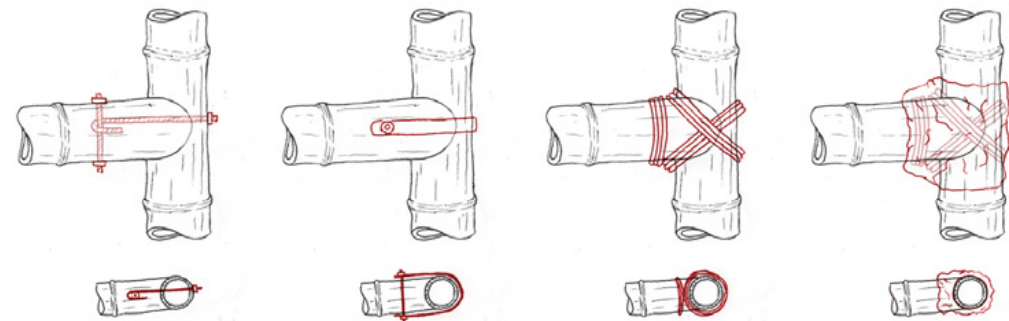


PORTÕES DE ENTRADA

EXEMPLOS DE FIXAÇÃO DE BAMBUS



EXEMPLOS DE JUNTAS NO ENCAIXE "BOCA DE PEIXE"

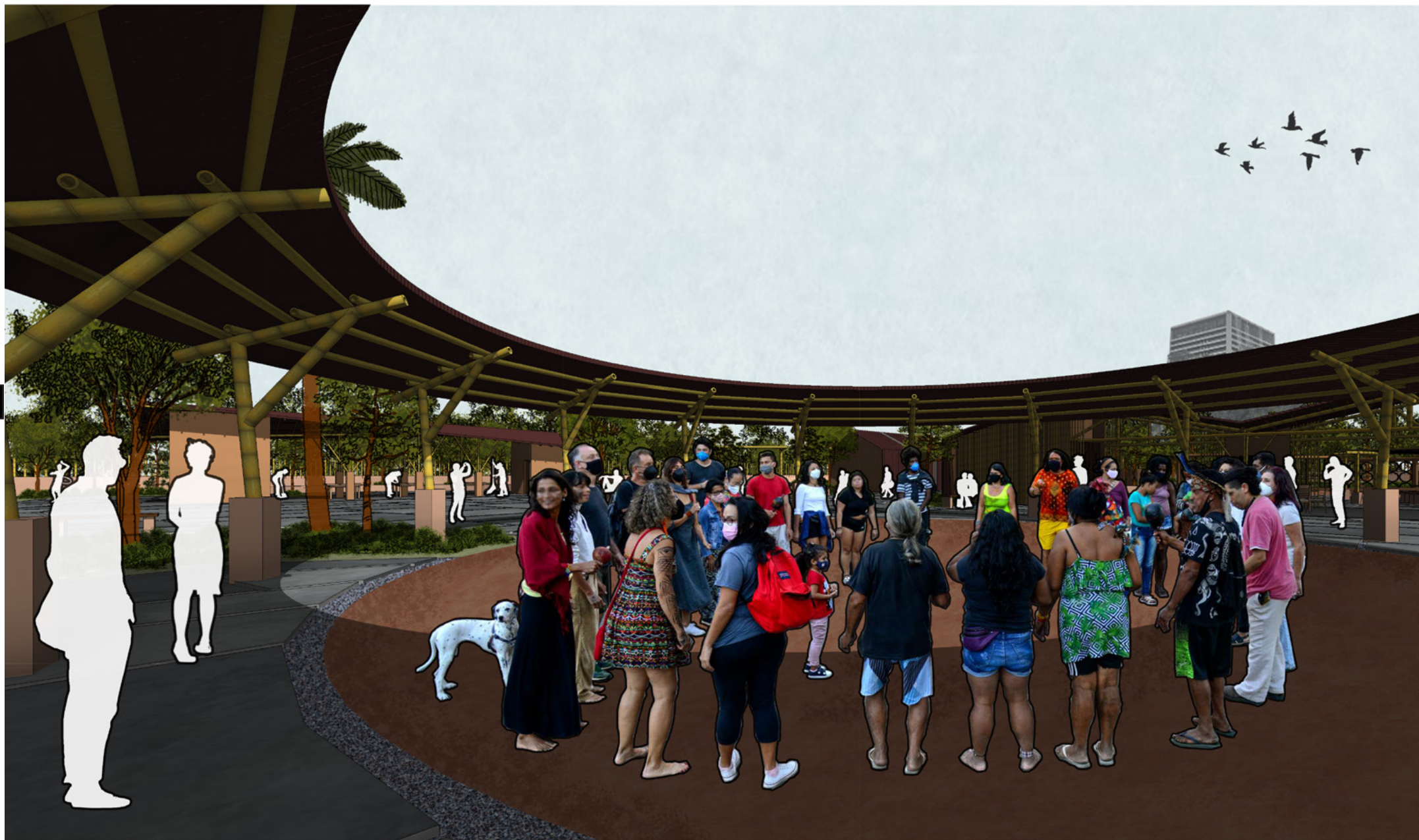












BIBLIOGRAFIA



Balço para as crianças da Aldeia feito com pneu de carro usado.

BIBLIOGRAFIA

Abrigo Temporário no Nepal / Charles Lai + Takehiko Suzuki” [Temporary Shelter in Nepal / Charles Lai + Takehiko Suzuki] 07 Dez 2015. ArchDaily Brasil. Acessado 30 set 2021. <<https://www.archdaily.com.br/br/778030/abrigo-temporario-no-nepal-charles-lai-plus-takehiko-suzuki>> ISSN 0719-8906

ALBUQUERQUE, M. A. S. . Índigenas na Cidade do Rio de Janeiro. Cadernos do Desenvolvimento Fluminense , v. 0, p. 149-168, 2015.

BATISTA, Fabiana. ‘Ainda tem índio que aceita espelho’: Zé Urutau resiste na Aldeia Macaranã. TAB UOL, Rio de Janeiro, 26 de jun. de 2021. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2021/06/26/ainda-tem-indio-que-aceita-espelho-ze-urutau-resiste-na-aldeia-macarana.htm?cmpid=copiaecola>> Acesso em: 30 de ago. de 2021.

CALEFFI, Paula . O que é ser índio hoje? A questão indígena na América Latina/ Brasil no início do século XXI. Dialogos Latinoamericanos , Aarhus- Dinamarca, v. 07, p. 20-42, 2003.

Espírito Santo do Cerrado Church, Uberlândia. ArquiteturaViva Acessado 30 set 2021. <<https://arquiteturaviva.com/works/iglesia-espirito-santo-do-cerrado-10>>

FREIRE, Leticia de Luna. Uma aldeia na “cidade maravilhosa”: conflito e resistência indígena no Rio de Janeiro. Latitude, Maceió, v.13, n. 2, p.97-120, 2019.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Os indígenas no Censo Demográfico 2010: Primeiras considerações com base no quesito cor ou raça. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. 31p.

LIMA, T. O. G. . Levantamento arquitetônico do casarão localizado na rua Mata Machado 126, Bairro Maracanã, Rio de Janeiro/RJ. 2018.

MEDEIROS, Maíra. Perguntas que fazem para uma pessoa indígena. Youtube, 13 de jul de 21. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1qjkdfvknXg>>

OLIVEIRA, Humberto de. Coletânea de leis, atos e memoriais referentes ao indígena brasileiro. Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1947.

PENTEADO, Carlos. Índios na Cidade. Comissão Pró índio de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<https://cpisp.org.br/indios-em-sao-paulo/terras-indigenas/indios-na-cidade/>> Acesso em: 30 de ago. de 2021.

REXISTE, Aldeia. Rio de Janeiro. Facebook: aldeia.rexiste. Disponível em: <<https://www.facebook.com/aldeia.rexiste/photos>>. Acesso em: 5 ago. 2021.

RIBEIRO, Darcy. Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas o Brasil moderno. São Paulo: Global, 2017.

SANTOS, Vinicius Pereira dos . Movimento de Resistência da Aldeia Maracanã. 2015.

SOUZA, DANIEL. Espaço Mandaru - Assembleia Xukuru. Behance, Rio de Janeiro, 21 de fev de 2018. Disponível em: <<https://www.behance.net/gallery/62366239/Espaco-Mandaru-Assembleia-Xukuru>> Acesso em: 30 de set. de 2021.

OBRIGADO!

KATU AHY



ÀMI UTAY

ALDEIA MARAKANÃ

A CONSTRUÇÃO DE UMA ALDEIA INDÍGENA URBANA
FAU - UFRJ | TFG1 2021.2 | ESTUDO FINAL | GUSTAVO LENNON DA SILVA

SUMÁRIO

01 INTRODUÇÃO

02 JUSTIFICATIVA

03 ALDEIA MARAKANÃ

04 METODOLOGIA

05 REFERÊNCIAS PROJETUAIS

06 PROJETO

07 BIBLIOGRAFIA

Para Angelita, Clemente, Maurina
e João, amados avós que sempre
levarei em meu coração.

INTRODUÇÃO



MARACANÃ - “Semelhante à um chocalho” em tupi-guarani, som feito por papagaios (maracanã-guaçu) que viviam na região e deram nome ao lugar.

INTRODUÇÃO

- Pessoa Indígena como primeiro Brasileiro;
- Cultura Cristalizada;
- Indígena para o Senso Comum;
- Termo “índio”;
- Resistência indígena contra o extermínio e assimilação cultural.



Figura 01: Exemplo de representações da pessoa indígena em diferentes mídias.

JUSTIFICATIVA



Manifestação em defesa dos direitos indígenas realizada em julho de 2021 na área Central do Rio de Janeiro.

JUSTIFICATIVA

- Possibilidade de ocupação e participação em todas as esferas sociais;
- Capacidade indígena questionada;
- Órgãos de Tutela;
- SPI e FUNAI;
- Terras indígenas (TI);
- Processo de demarcação das TI;

Atualmente há **680** Terras Indígenas no Brasil, distribuídas nas 5 etapas jurídicas do processo de demarcação.



Figura 02: Distribuição e etapas do processo de demarcação de Terras Indígenas.
Fonte: FUNAI

Distribuição das Terras Indígenas Regularizadas por região administrativa

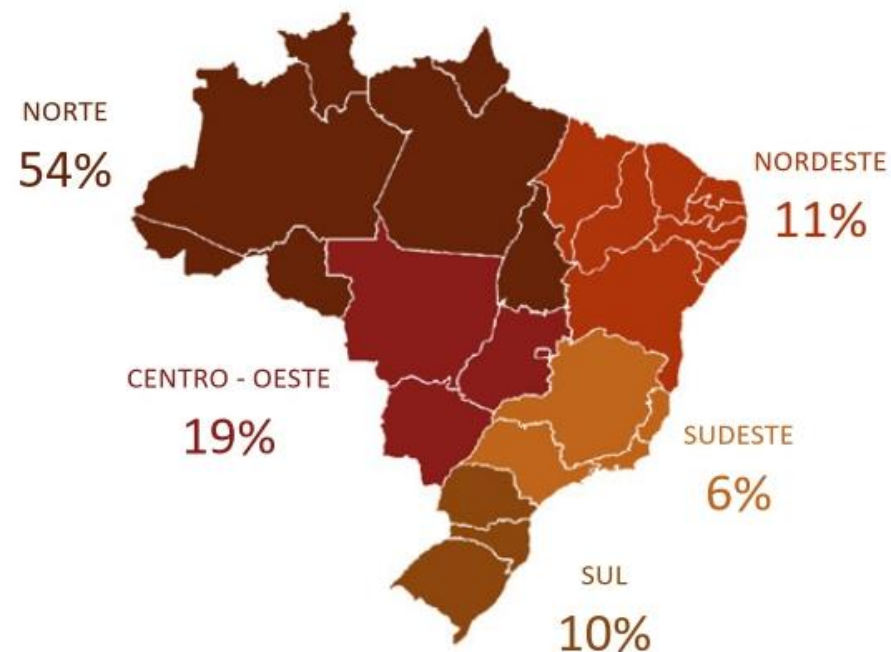


Figura 03: Distribuição de Terras Indígenas no Brasil.
Fonte: FUNAI

No caso do Rio de Janeiro:

Terras Indígenas Delimitadas no Estado do Rio de Janeiro



Figura 04: Localização das Terras Indígenas no Estado do Rio de Janeiro.
Fonte: TERRAS INDÍGENAS NO BRASIL (ISA)

Distribuição da População indígena Urbana no Rio de Janeiro

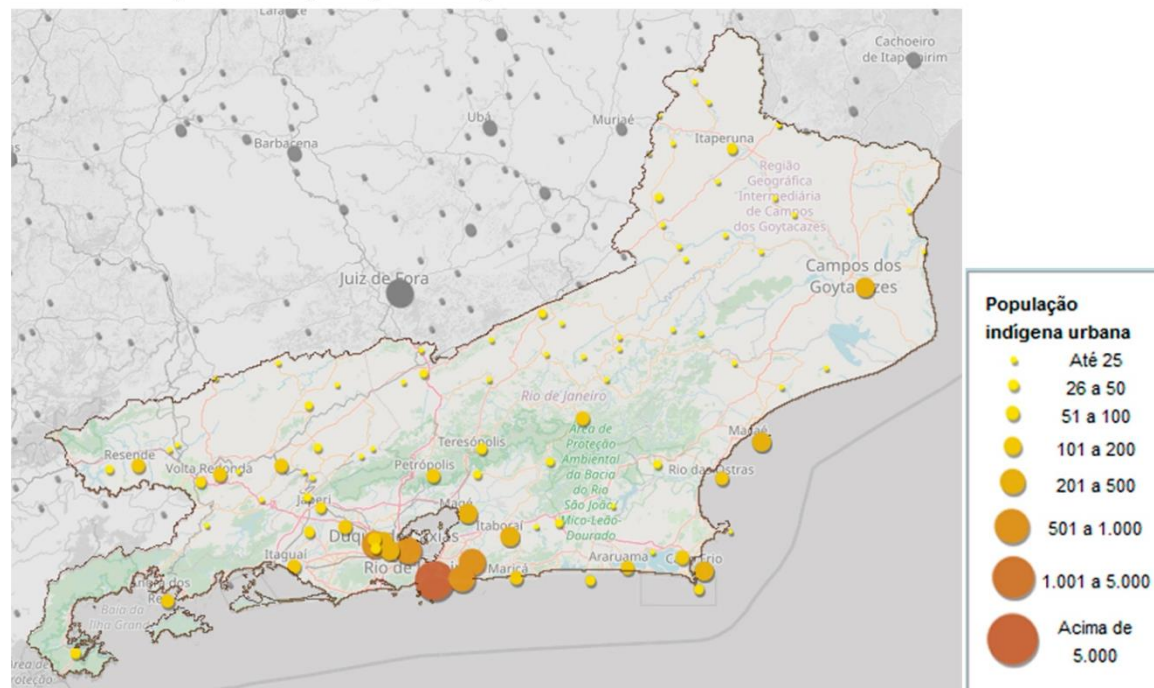


Figura 05: População indígena urbana no Estado do Rio de Janeiro.
Fonte: IBGE CENSO 2010

15.894

indígenas no Estado do Rio de Janeiro



Fonte: IBGE CENSO 2010

450

em Terras Indígenas (3%)



15.444

vivem nas cidades (97%)



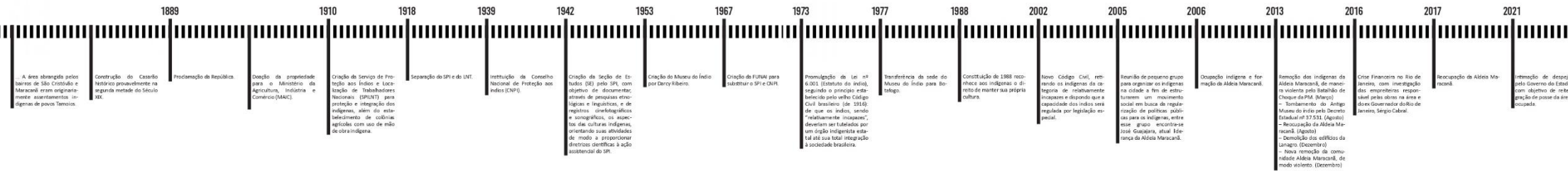
ALDEIA MARAKANÃ



Confecção de faixa para a Vigília em defesa da Aldeia Marakanã em 2020.

ALDEIA MARAKANÃ

Histórico – Breve Linha do Tempo



ALDEIA MARAKANÃ

Entorno

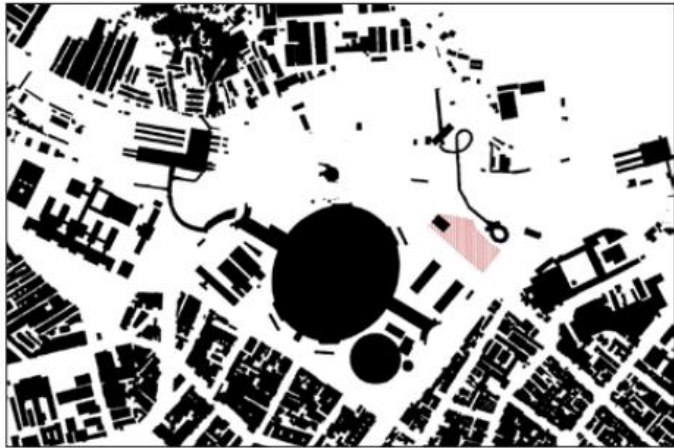


FIGURA-FUNDO



VIAS



EDUCACIONAL



ARBORIZAÇÃO E RIOS



TRANSPORTES



RESIDENCIAL

ALDEIA MARAKANÃ



- ALDEIA MARAKÁ'NÁ
- EDUCACIONAL
- RESIDENCIAL
- LAZER / CULTURAL / ESPORTE
- 1 ESTAÇÕES TREM E METRÔ MARACANÃ
- 2 ESTAÇÕES TREM E METRÔ SÃO CRISTÓVÃO

MAPA ANÁLISE DE ENTORNO

ALDEIA MARAKANÃ

Contorno



2009



2012



2016



2018

ALDEIA MARAKANÃ



MAPA ESTADO ATUAL DOS LIMITES DA ALDEIA MARAKANÃ

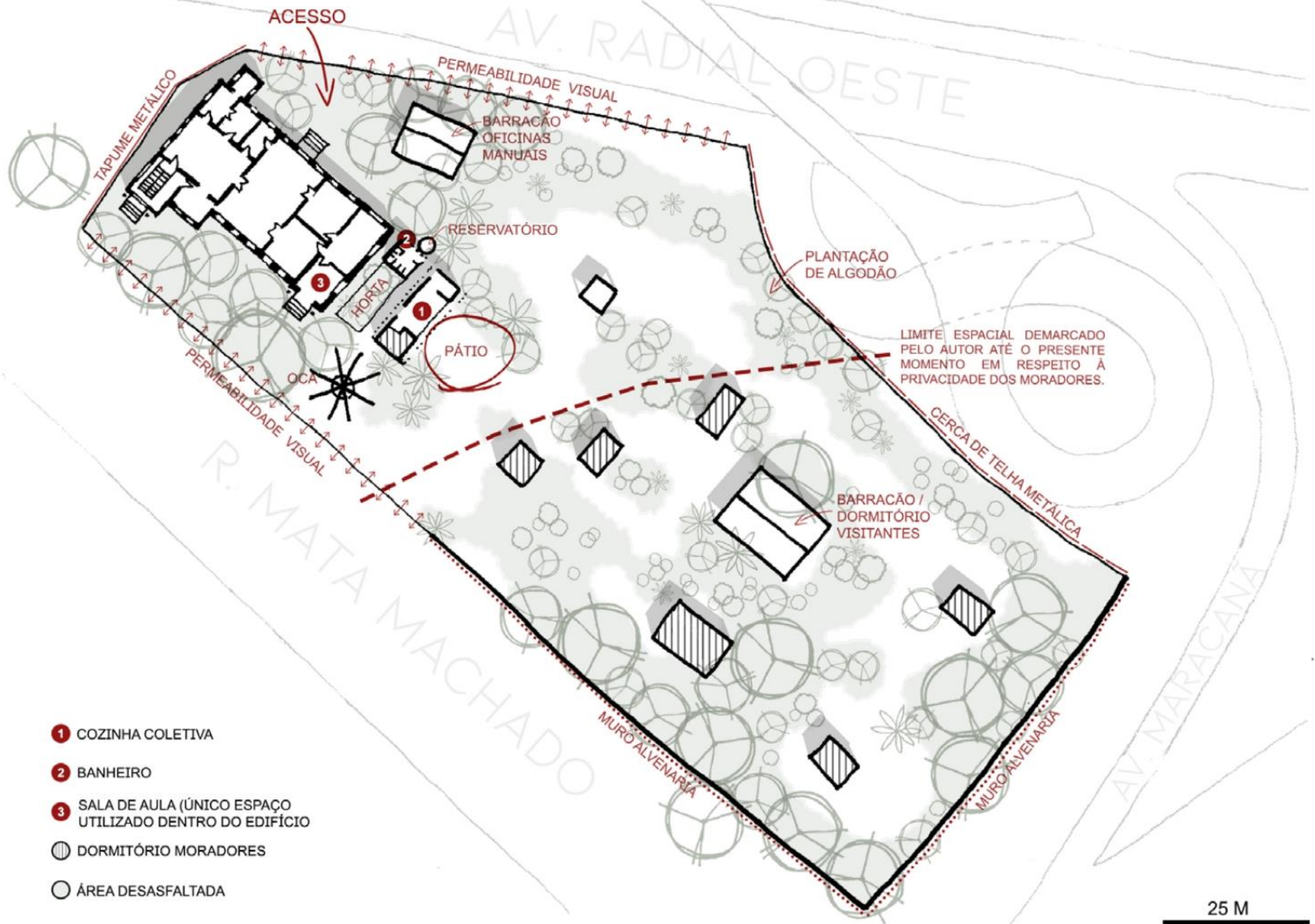
Comunidade

- Diversas etnias;
- Quantidade de moradores flutuante;
- Alto fluxo de pessoas;
- Perfis sociais distintos;
- Estrutura social horizontal;
- Atividades desenvolvidas de maneira coletiva sem organização exclusivas;
- Ressurgência indígena;
- Engajamento nas redes sociais.



ALDEIA MARAKANÃ





- 1 COZINHA COLETIVA
- 2 BANHEIRO
- 3 SALA DE AULA (ÚNICO ESPAÇO UTILIZADO DENTRO DO EDIFÍCIO)
- DORMITÓRIO MORADORES
- ÁREA DESASFALTADA

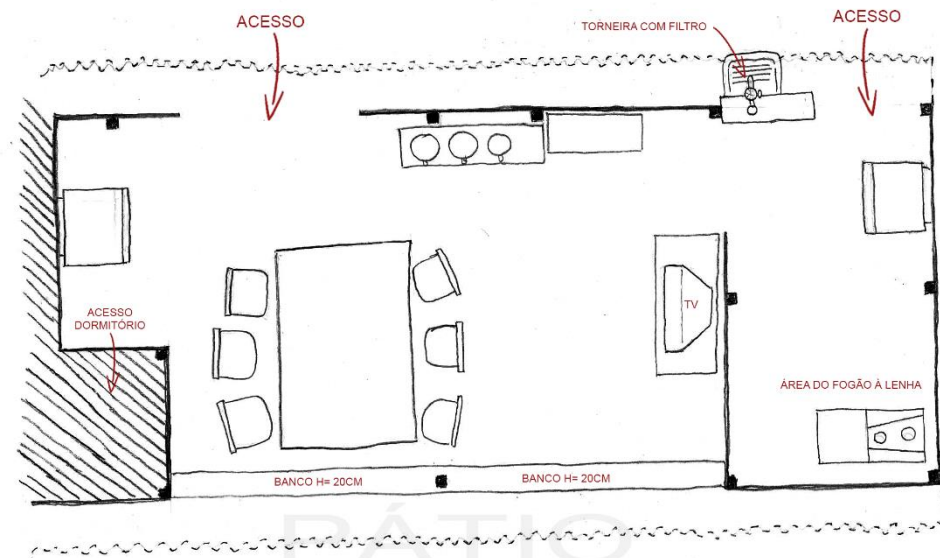
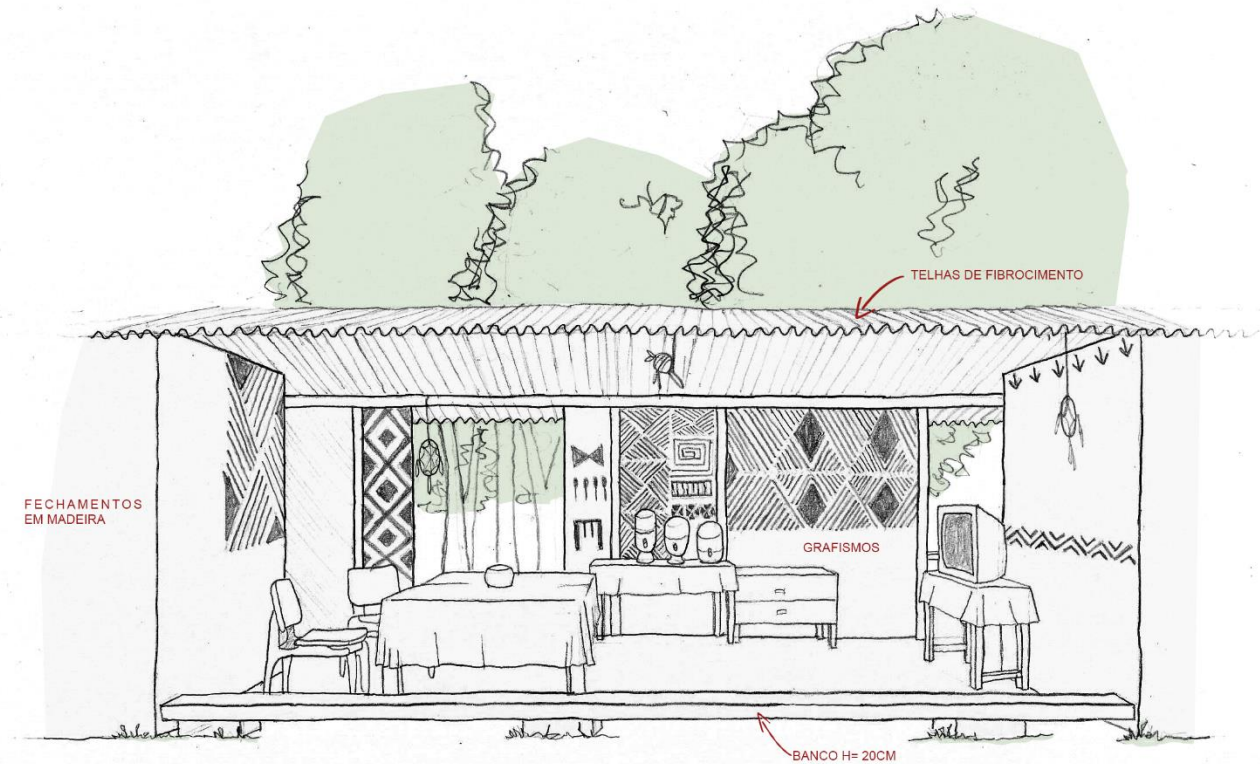
MAPA DE RECONHECIMENTO DO TERRENO

25 M

ALDEIA MARAKANÃ

Cozinha

- Fogão à lenha em ambiente separado;
- Disposição de mesas e cadeiras variável;
- Alto fluxo de pessoas;
- Reunião para refeições e assistir tv;
- Estrutura de madeira e cobertura de telha de fibrocimento;
- Grafismos indígenas decorativos.



ALDEIA MARAKANÃ

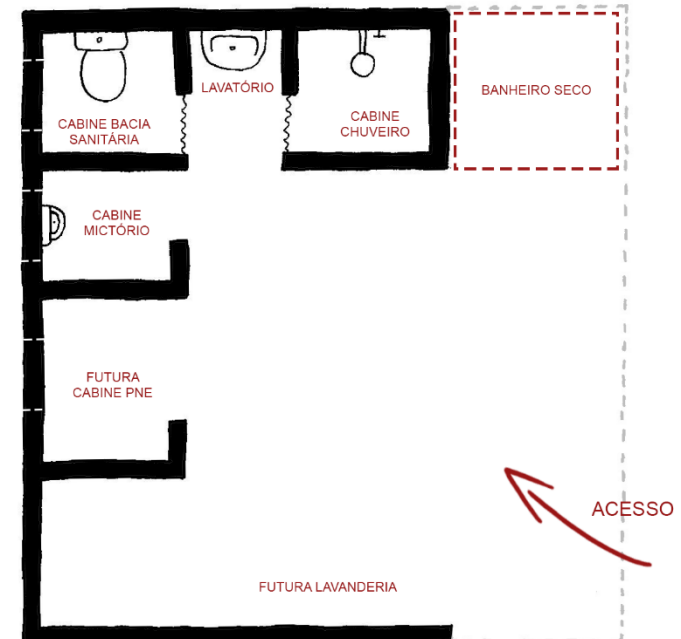
Banheiro

- Antigo banheiro seco;
- Cabines separadas;
- Abastecimento por meio de poço artesiano;
- Estrutura de alvenaria e cobertura de telha metálica;
- Sem revestimento, apenas pintura emboço e pintura branca.

COBERTURA EM TELHA METÁLICA, SUSTENTADA POR HASTES DE METAL REAPROVEITADAS DE POSTES DO MARACANÃ

ABERTURAS PARA VENTILAÇÃO

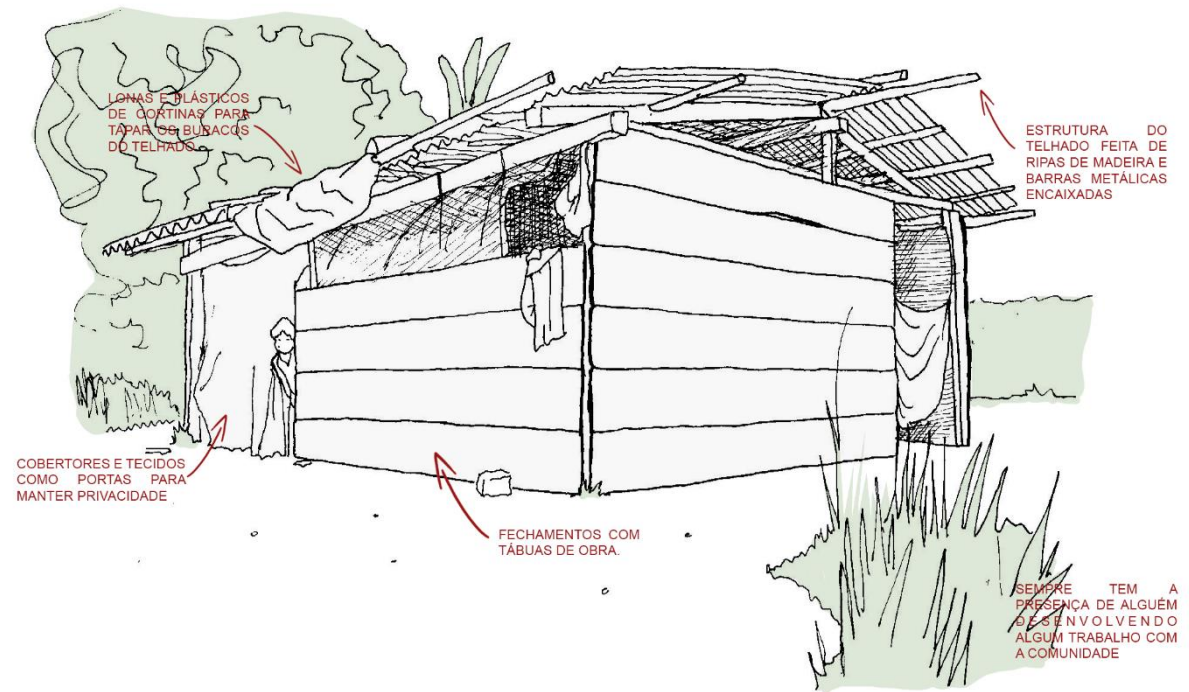
PAREDES SEM REVESTIMENTO, APENAS EMBOÇADAS E PINTADAS DE BRANCO.



ALDEIA MARAKANÃ

Dormitórios/Ocas

- Unidades individuais para as famílias moradoras da Aldeia;
- Estrutura de madeira, plástico, metais, lonas entre outro;
- Conservam a intimidade dos seus moradores;
- Algumas em estado bem precário.



ALDEIA MARAKANÃ

Pátio

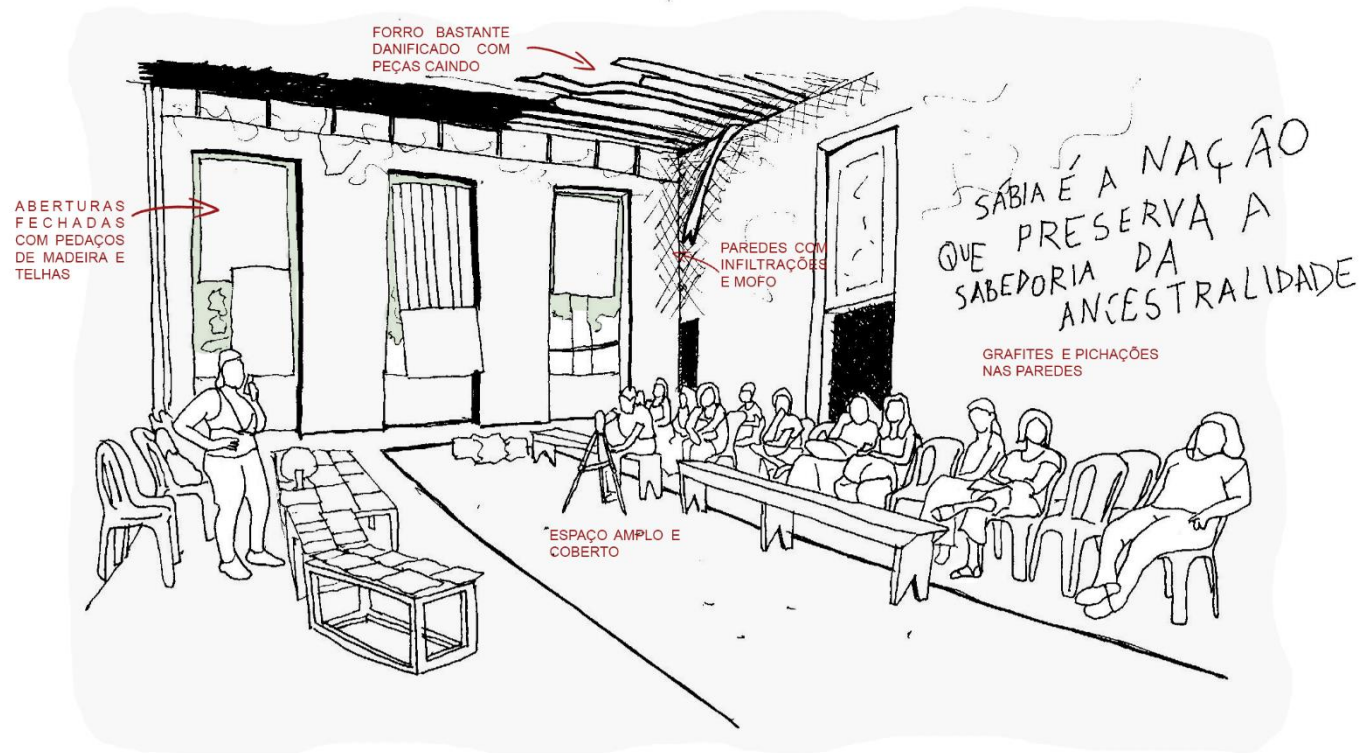
- Principal ambiente de reunião e encontro da comunidade;
- Integrado à cozinha;
- Espaço utilizado para as principais atividades coletivas da Aldeia;
- Sensação de imersão e desconexão com o ritmo urbano.



ALDEIA MARAKANÃ

Pátio

- Principal ambiente de reunião e encontro da comunidade;
- Integrado à cozinha;
- Espaço utilizado para as principais atividades coletivas da Aldeia;
- Sensação de imersão e desconexão com o ritmo urbano.



METODOLOGIA

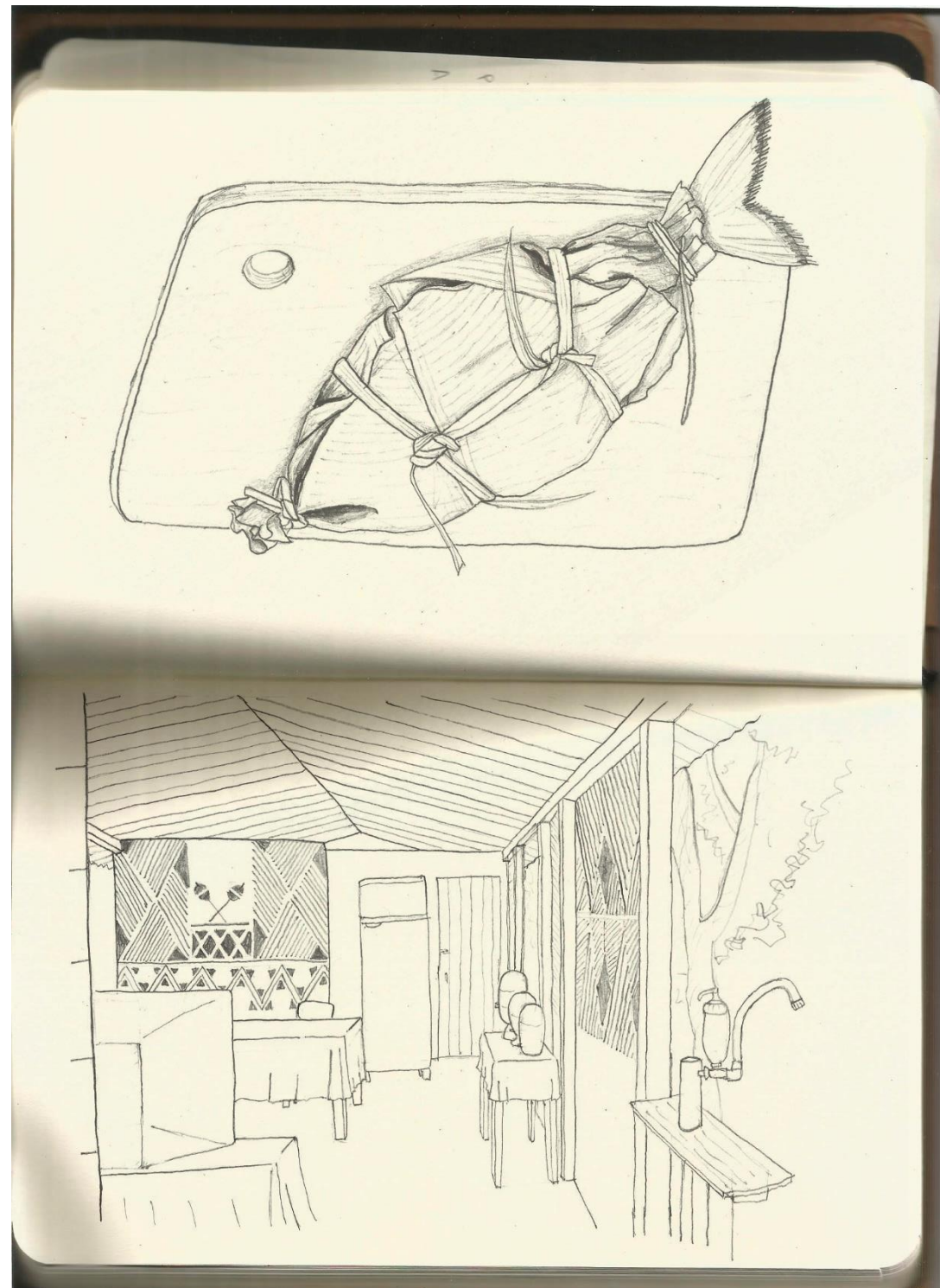


Estrutura de oca desenvolvida com tubos de pvc.

METODOLOGIA

- Reunião de informações;
- Relação com o campo da Antropologia;
- Relação com a comunidade e não só com a Edificação;
- Visitas à Aldeia;
- Participação nas atividades de aulas e oficinas;
- Direção mais orgânica e menos burocrática e formal.

Figura 06: Caderno com croquis da área da cozinha e refeição.

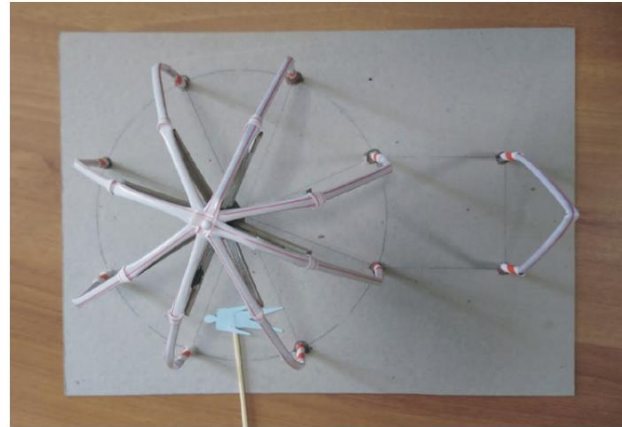
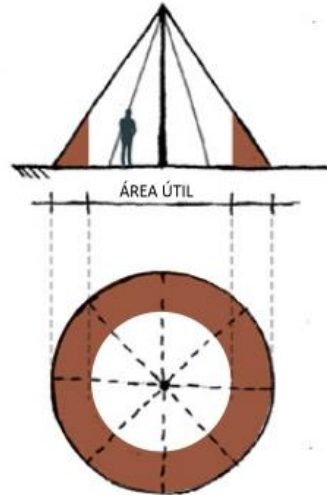


OCA - ALDEIA MARAKANÃ

ESTRUTURA INICIAL



- PILAR CENTRAL
- GRANDE PERDA DE ÁREA ÚTIL



ESTRUTURA EM DESENVOLVIMENTO

"GUARDA-CHUVA SEM CABO"



- SEM PILAR CENTRAL
- MENOR PERDA DE ÁREA ÚTIL

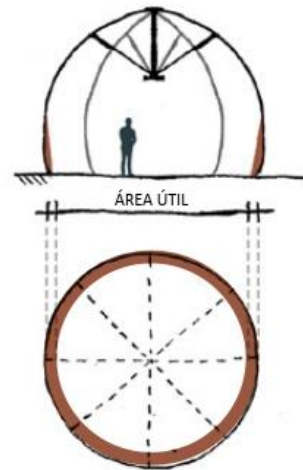


Figura 07: Estudos para desenvolvimento de estrutura de oca na Aldeia.

METODOLOGIA

Objetivo geral: Desenvolver projetos e ações para melhoria das estruturas e espaços da Aldeia, de modo a ampliar o trabalho já realizado por ela, e de forma consonante, cooperar na causa indígena, à medida que auxilie na construção de um espaço em contexto urbano para promoção da cultura e resistência dos povos originários.

Objetivos específicos:

- Levar para fora do meio acadêmico as reflexões acerca da vivência indígena e assim criar um canal de conversa que possibilite a aproximação com a causa e a desconstrução de ideias preconceituosas do senso comum;
- Compreender os processos participativos em Arquitetura e Urbanismo, juntamente com os processos de autoconstrução e gestão de recursos limitados;
- Como parte da etapa de compreensão e imersão, auxiliar nas atividades e eventos desenvolvidos na Aldeia;
- Criação de material gráfico e textual que auxilia na divulgação das atividades e história da Aldeia Marakanã;
- Somar material histórico e gráfico, a partir deste trabalho, que auxilia na criação de bases para reconhecimento e estabelecimento de aldeias indígenas urbanas em outras cidades;
- De modo paralelo e pessoal auxiliar no processo do autor de ressurgência étnica, compreendendo assim as causas para a diminuição na autodeclaração e o não reconhecimento da ancestralidade indígena.

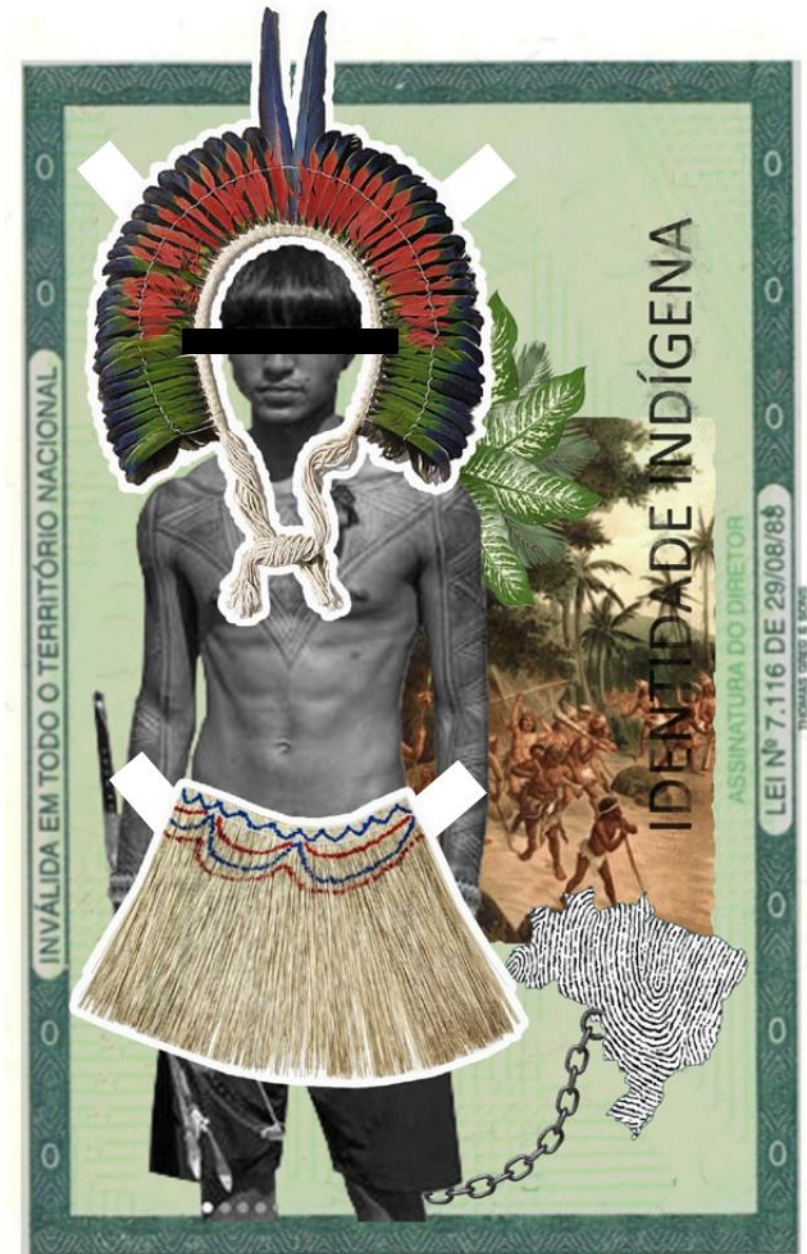
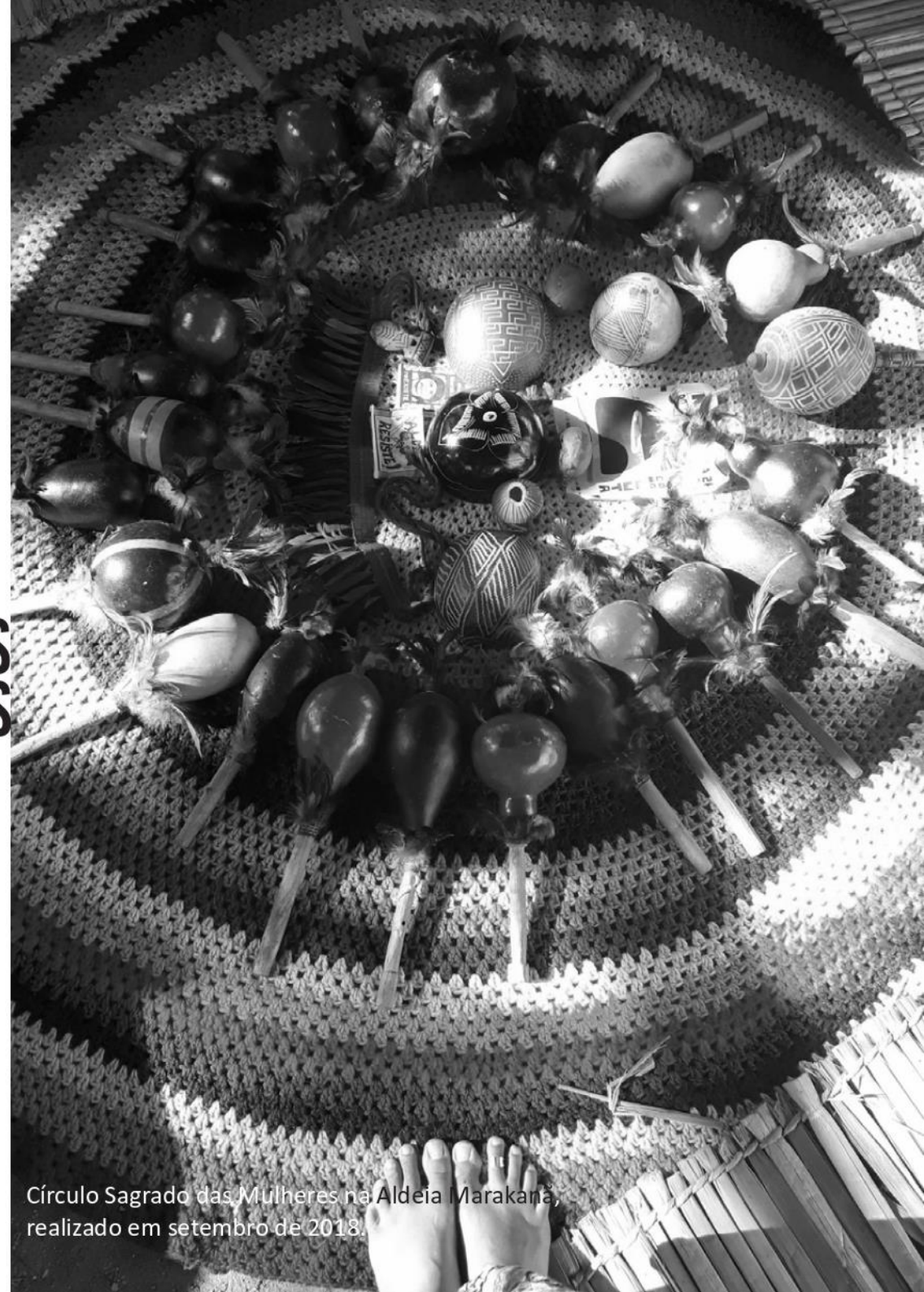


Figura 08: Colagem sobre a relação entre identidade indígena, demarcação de terra e senso comum

REFERÊNCIAS PROJETUAIS



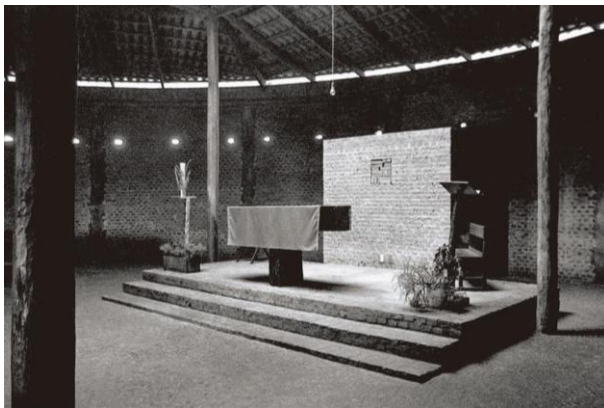
Círculo Sagrado das Mulheres na Aldeia Marakana,
realizado em setembro de 2018.

REFERÊNCIAS PROJETUAIS

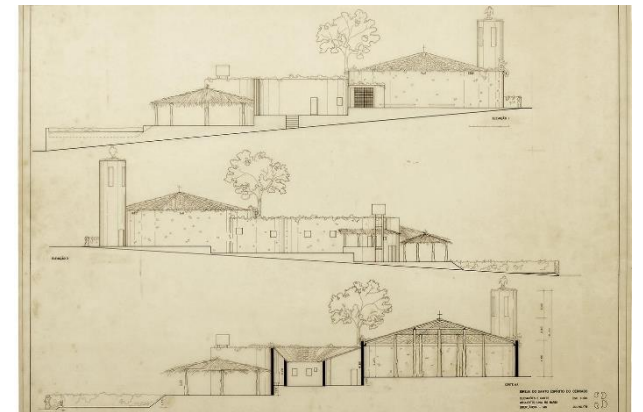
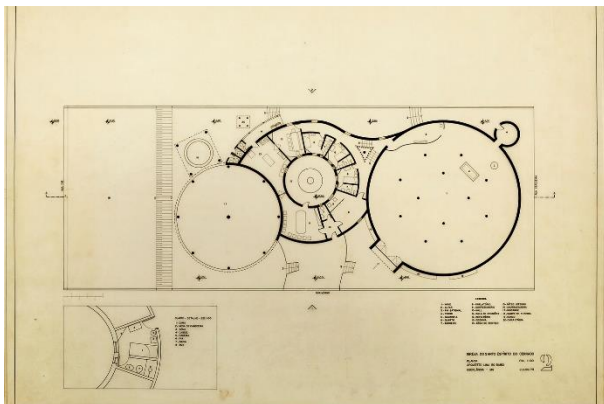
Igreja Espírito Santo do Cerrado (MG) – Lina Bo Bardi

Construída em Uberlândia entre 1975 e 1981 por meio de um sistema de mutirão;

Uso de materiais disponíveis no próprio local como tijolos de barro e a estrutura portante de madeira, em aroeira da região.



Fonte: Imagens retiradas de Arquitectura Viva, disponível em < <https://arquitecturaviva.com/works/iglesia-espirito-santo-do-cerrado-10> >



Espaço Mandaru - Assembleia Xukuru (PE) - Daniel Guima e Pedro Paes

Construído em 2017 de maneira participativa com a comunidade indígena local e os arquitetos Daniel Guima e Pedro Paes no formato de mutirão utilizando técnicas construtivas e materiais existentes na região como a madeira e a palha.



Fonte: Imagens retiradas de Behance, disponível em <<https://www.behance.net/gallery/62366239/Espaco-Mandaru-Assembleia-Xukuru>>

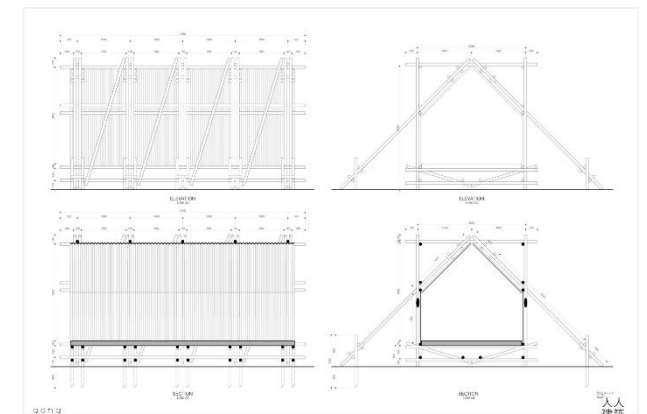
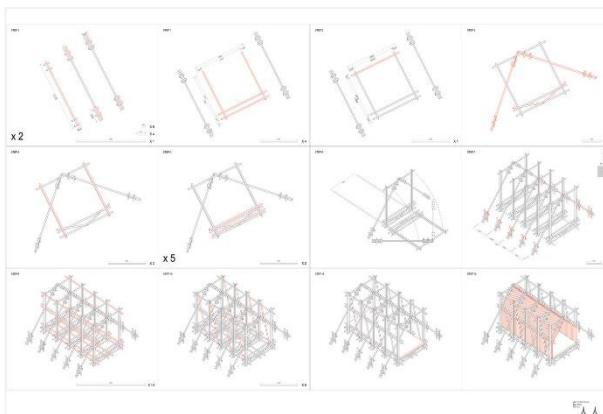


Abrigo Temporário no Nepal - Charles Lai e Takehiko Suzuki

Desenvolvido em 2015 para vítimas do terremoto no Nepal, construído com varas de bambu na estrutura e materiais disponíveis no local para os fechamentos. Foi desenvolvido também um manual de construção, dando mais autonomia para sua construção.



Fonte: Imagens retiradas de Archdaily, disponível em <
https://www.archdaily.com.br/br/778030/abrigo-temporario-no-nepal-charles-lai-plus-takehiko-suzuki?ad_source=search&ad_medium=search_result_all>



PROJETO



Fachada da Aldeia Marakanã com bandeira Wiphala.

Diretrizes de Projeto

- Manter a autogestão da comunidade;
- Espaços polivalentes que sejam capazes de abrigar atividades diversificadas;
- Utilização de materiais disponíveis na Aldeia, tanto naturais quanto industriais;
- Proposição de estruturas de rápida e fácil construção para se adequar à dinâmica e fluxos da Aldeia.;
- Espaços abertos que garantam o contato visual, de modo a apresentar o trabalho desenvolvido na Aldeia;
- Mistura de técnicas construtivas ancestrais com técnicas atuais.



ORIENTAÇÕES PROJETO



DIAGRAMA 01 - Arborização do terreno com indicação das áreas mais densas e que projetam mais sombras.

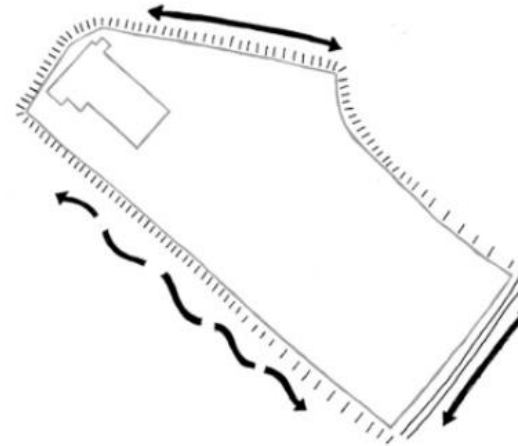


DIAGRAMA 02 - Muros e calçadas, as setas indicam a forma como as pessoas passam, sendo as retas de modo direto e com uma velocidade maior, a forma sinuosa interrompida indica um caminhar mais lento e com paradas. A relação dos muros com o exterior está indicada pela proximidade do tracejado, quanto mais próximo maior a permeabilidade visual e a relação com o exterior.

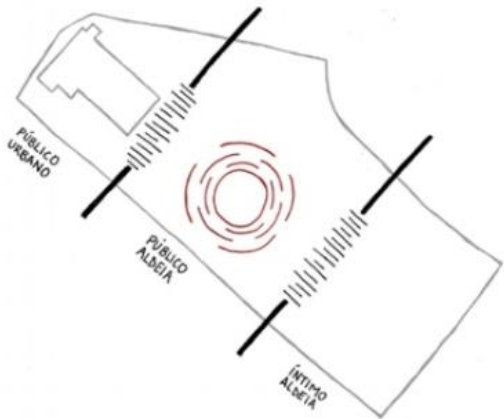


DIAGRAMA 03 - Setorização do terreno de acordo com o grau de relacionamento com a Aldeia, onde o pátio é o elemento central (e vazio) que organiza essa setorização e seus fluxos.

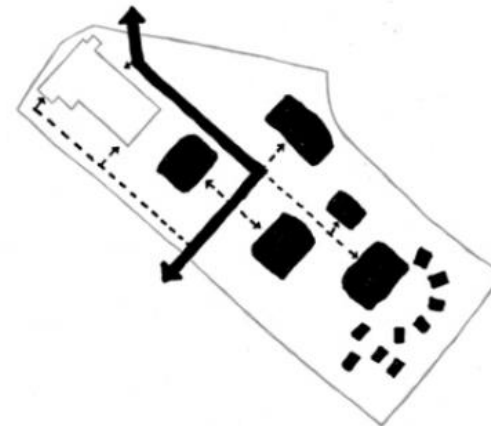


DIAGRAMA 04 - Acessos e fluxos, apresentando os atravessamentos do terreno e as áreas de interesse, dentro do terreno, para projeto.

ORIENTAÇÕES PROJETO

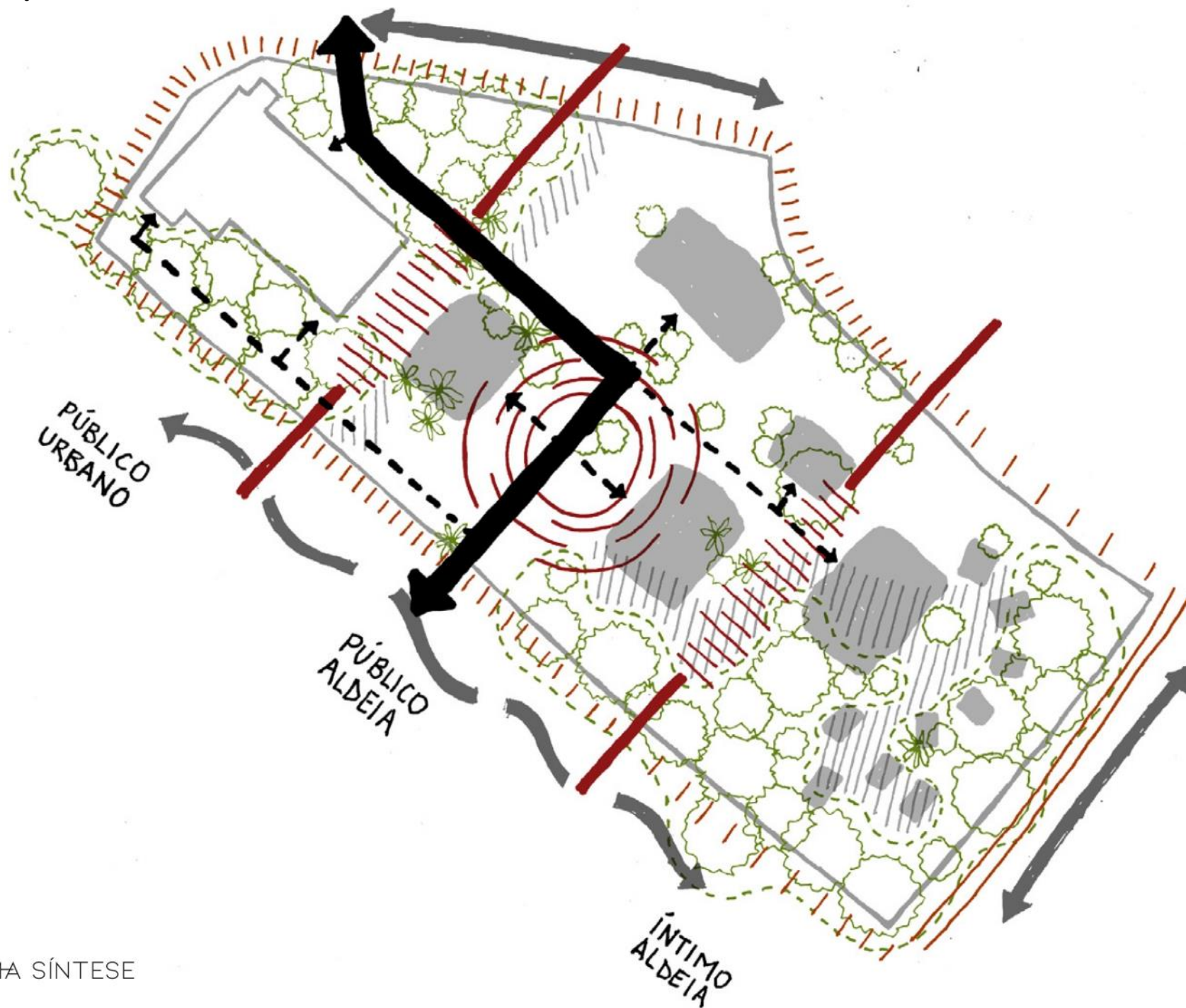
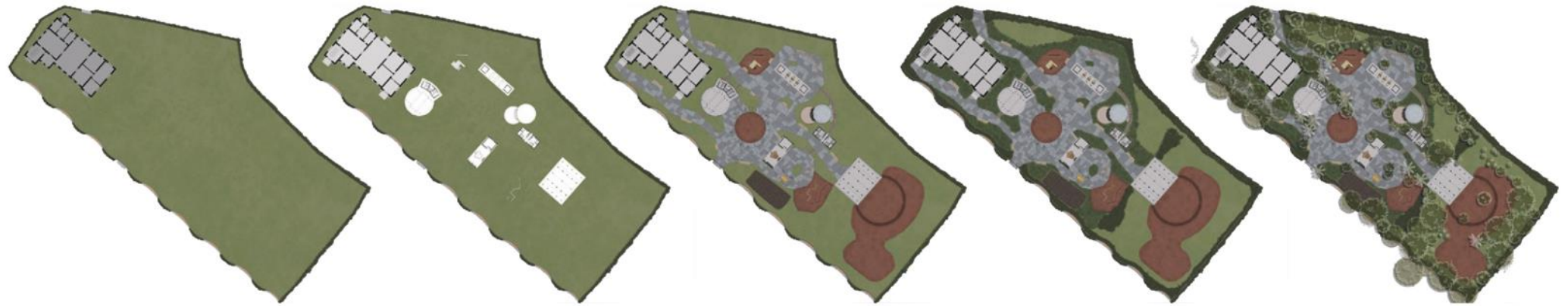


DIAGRAMA SÍNTESE

IMPLANTAÇÃO



IMPLANTAÇÃO



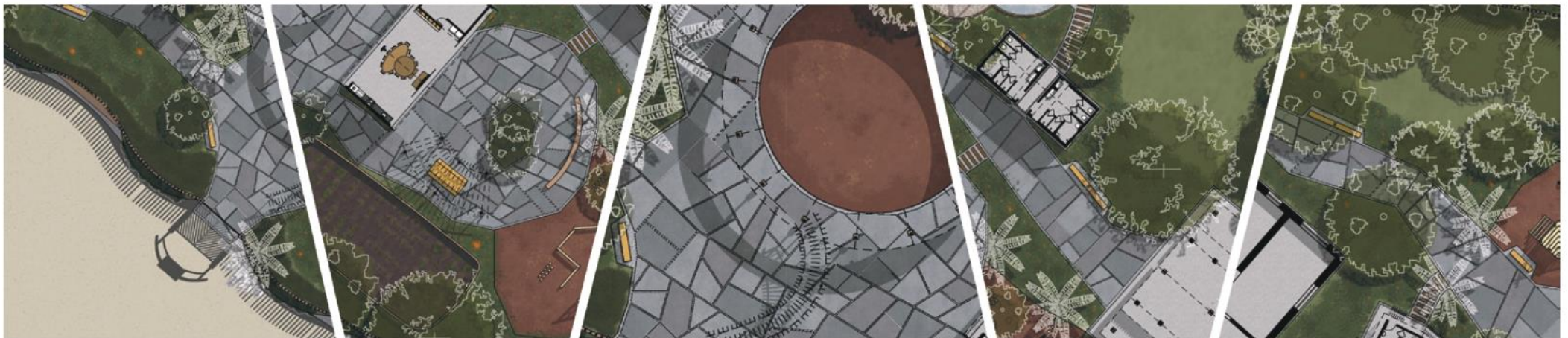
MUROS

ATIVIDADES / ESTRUTURAS

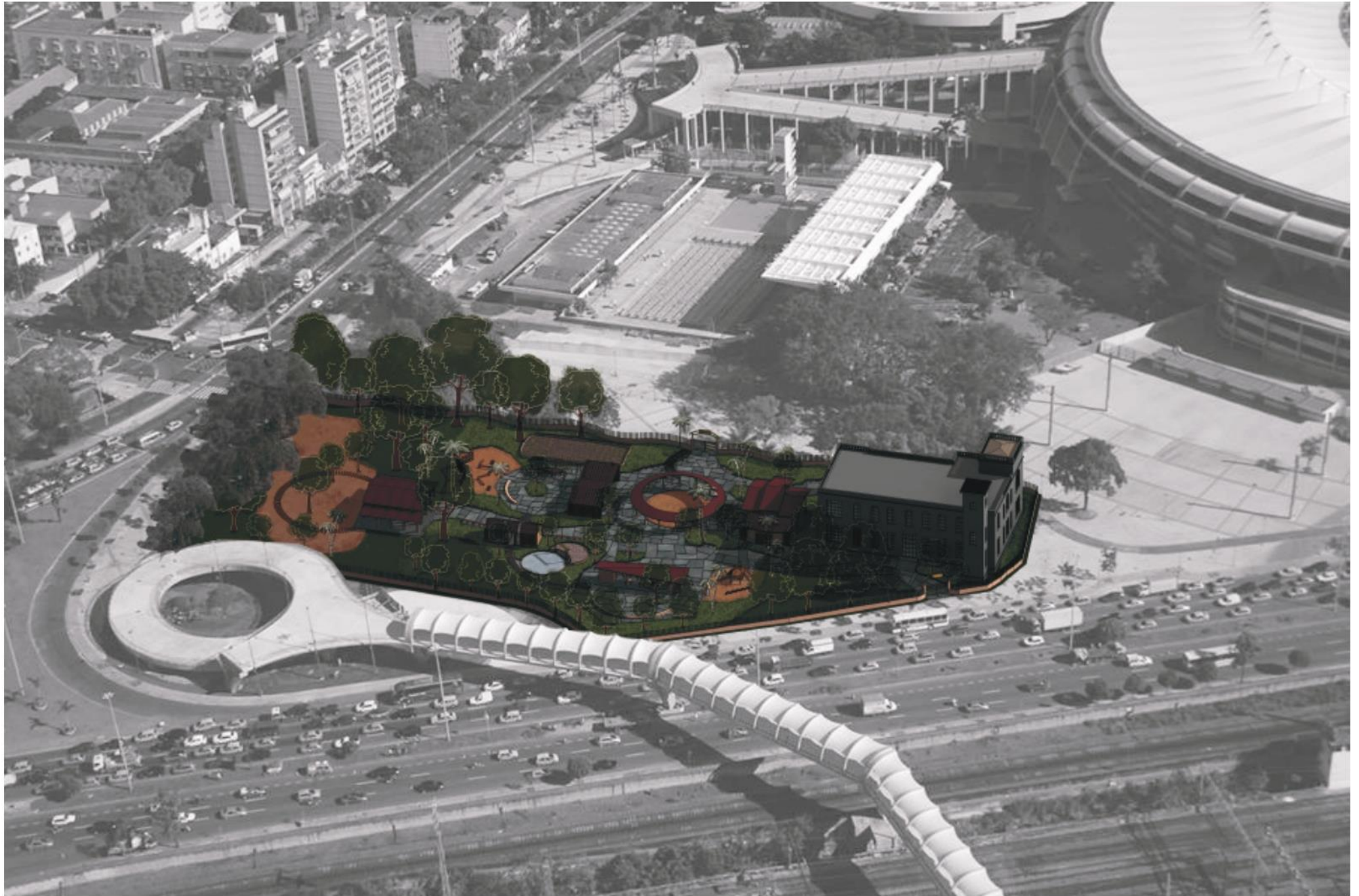
MATERIAIS

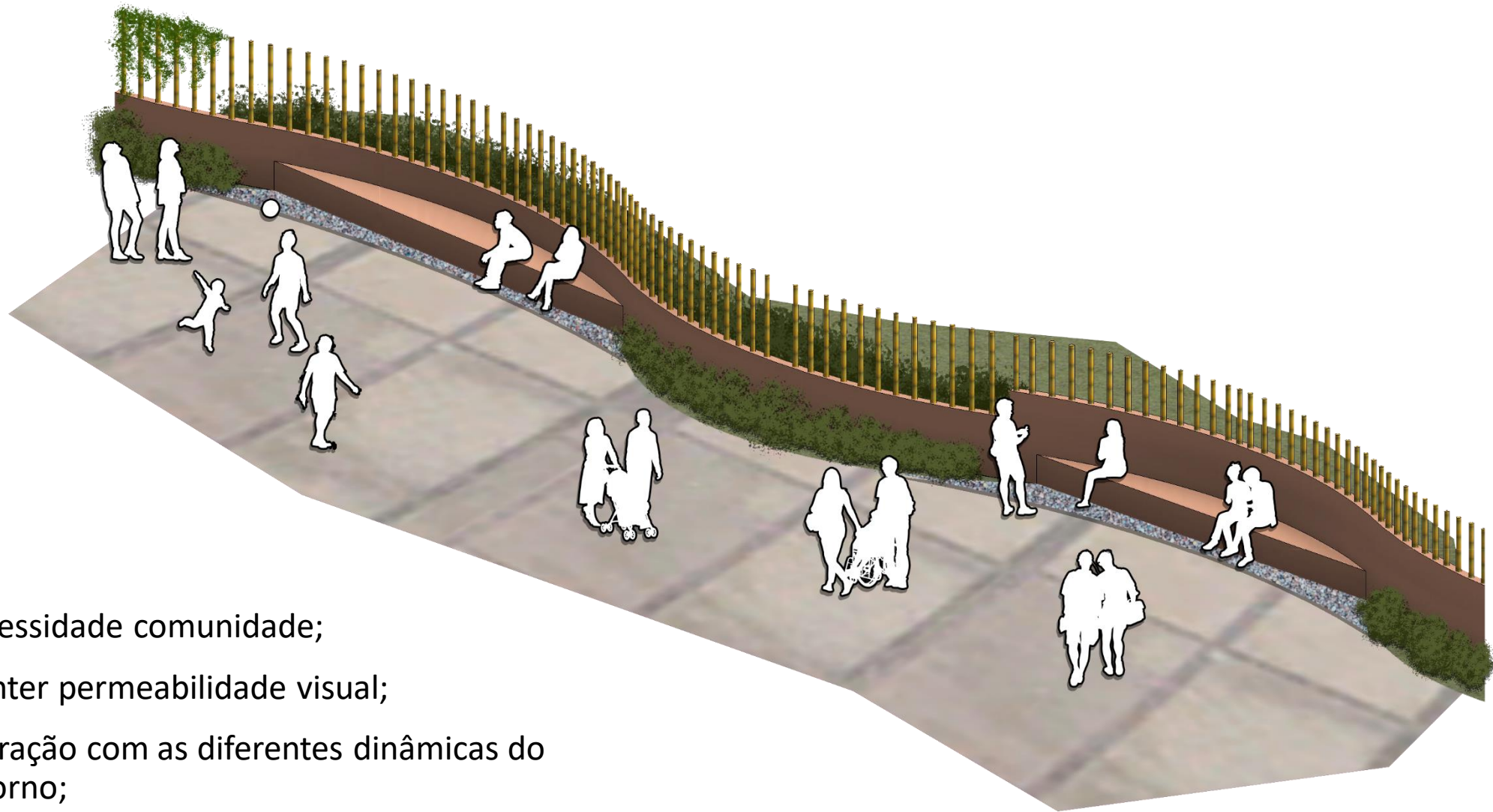
FORRAÇÕES / ARBUSTOS

ARBORIZAÇÃO



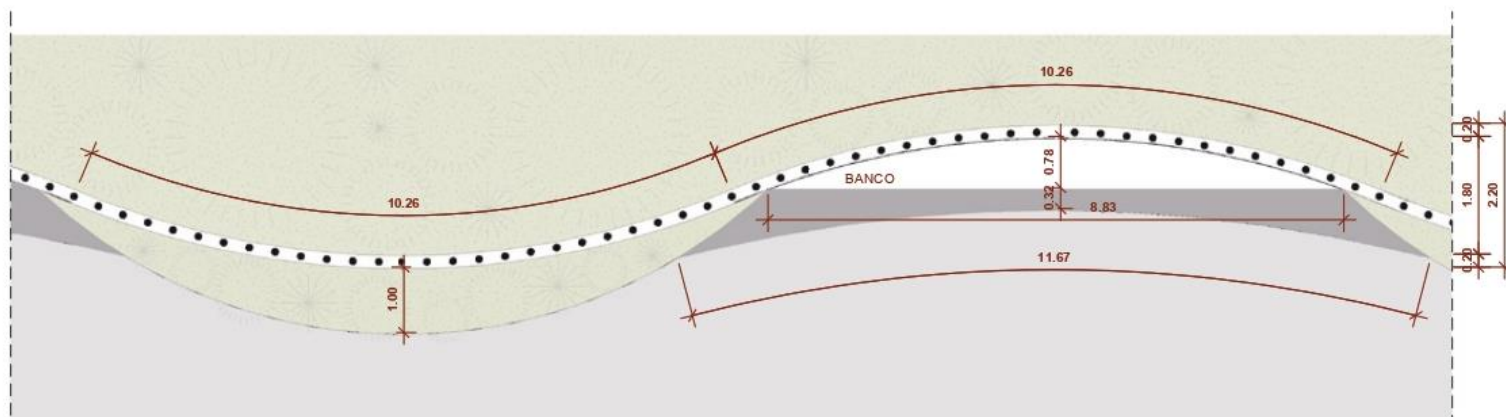
IMPLANTAÇÃO



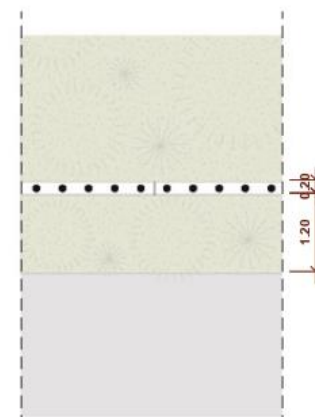


- Necessidade comunidade;
- Manter permeabilidade visual;
- Interação com as diferentes dinâmicas do entorno;
- Tratamentos diferentes de acordo com a face.

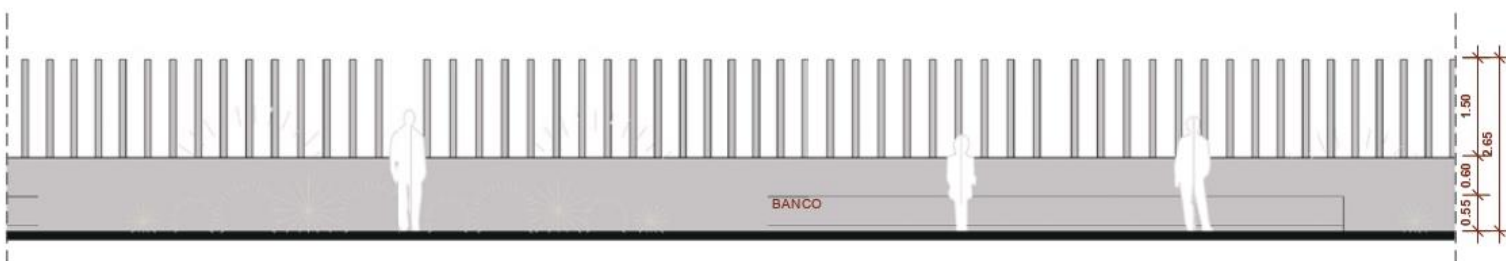
MUROS



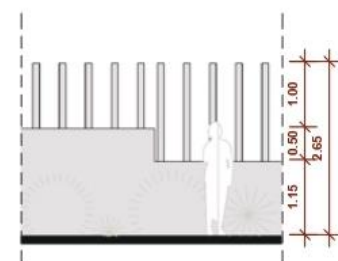
PLANTA BAIXA MURO TRECHO SINUOSO



PLANTA BAIXA MURO TRECHO RETO



CORTE MURO TRECHO SINUOSO

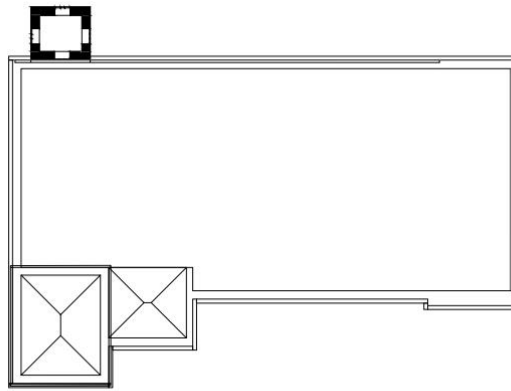


CORTE MURO TRECHO RETO

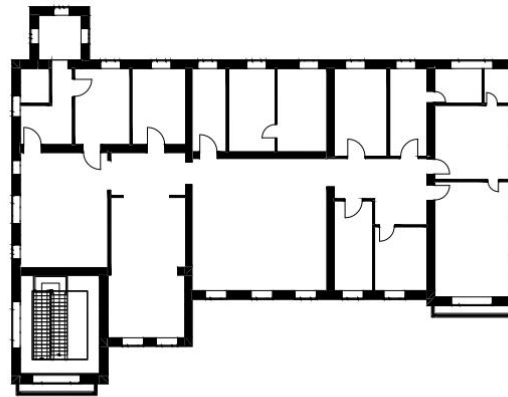


CASARÃO

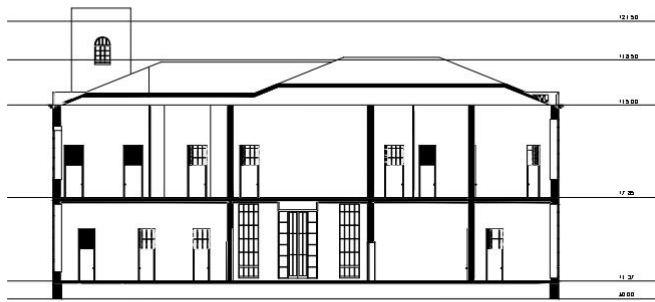
- Atualmente sem condições de uso;
- Necessidade de profissionais especializados para sua reforma;
- Atividades institucionalizadas integradas com as desenvolvidas fora do casarão.



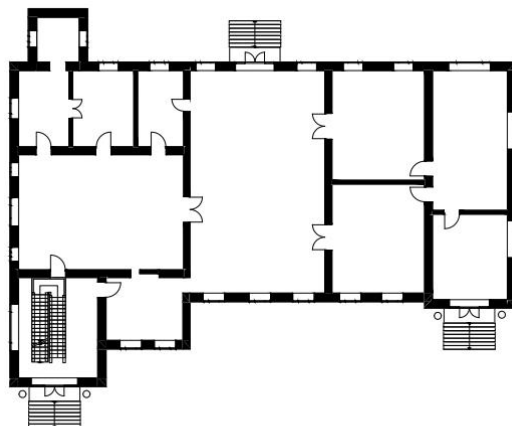
PLANTA COBERTURA



PLANTA BAIXA 1º PAV



CORTE LONGITUDINAL



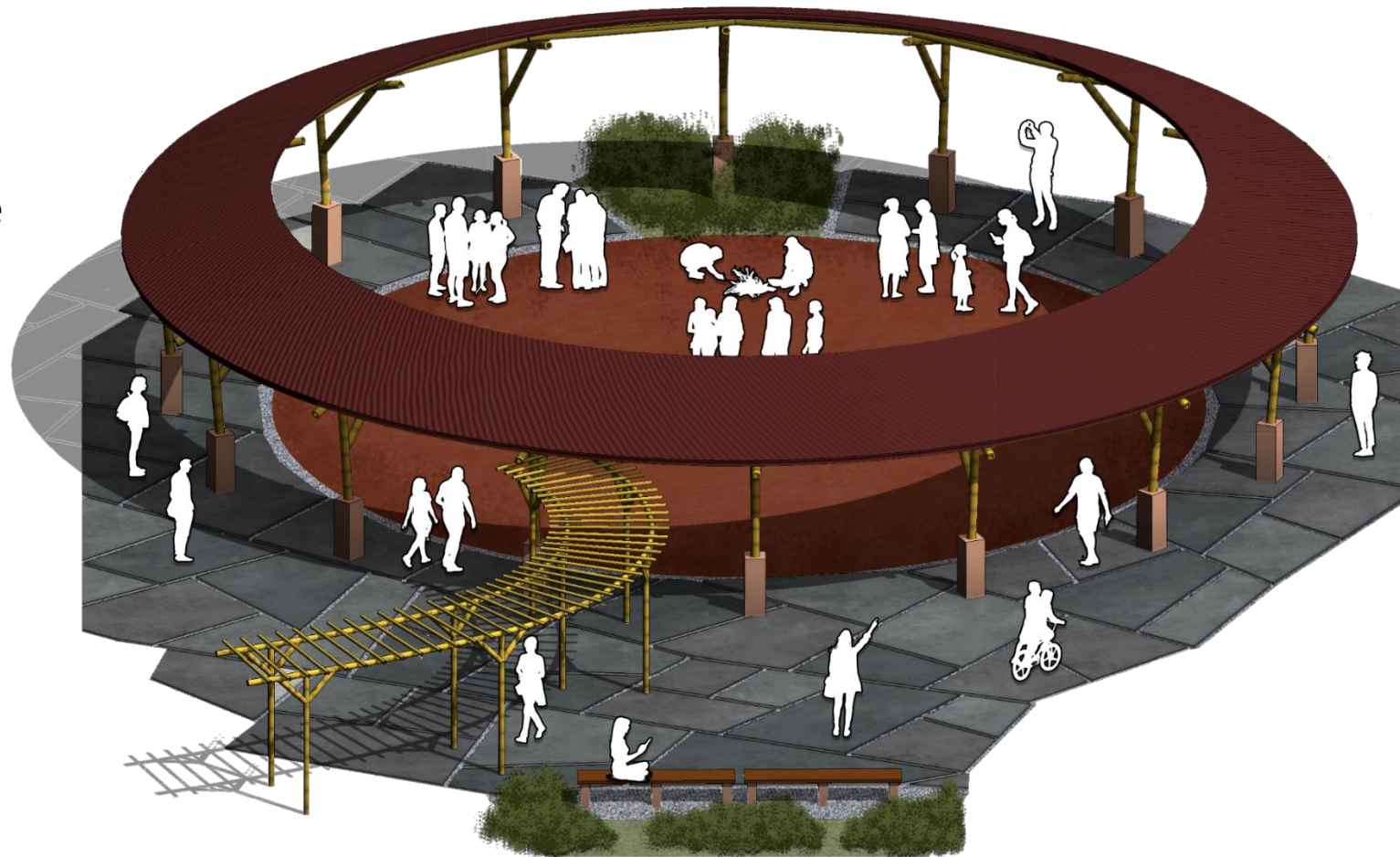
PLANTA BAIXA TÉRREO



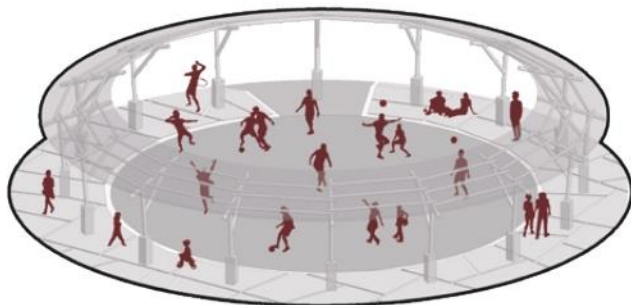
Atividades que poderiam ser desenvolvidas dentro do Casarão.

PÁTIO

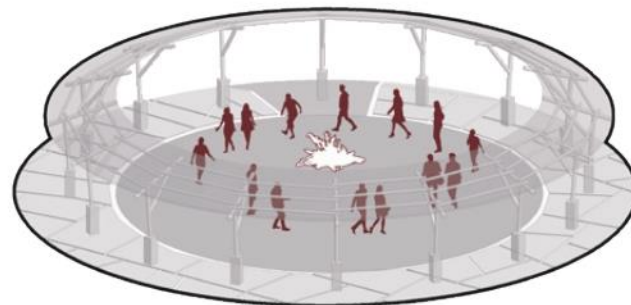
- Principal ponto de encontro e articulador dos espaços das Aldeia;
- Centralidade “vazia”;
- Múltiplas funções.



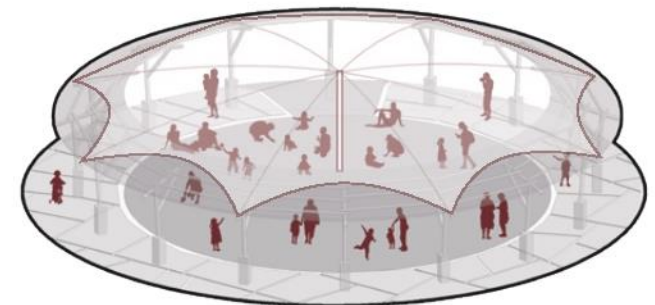
Exemplos de seus usos:



Esporte/lazer

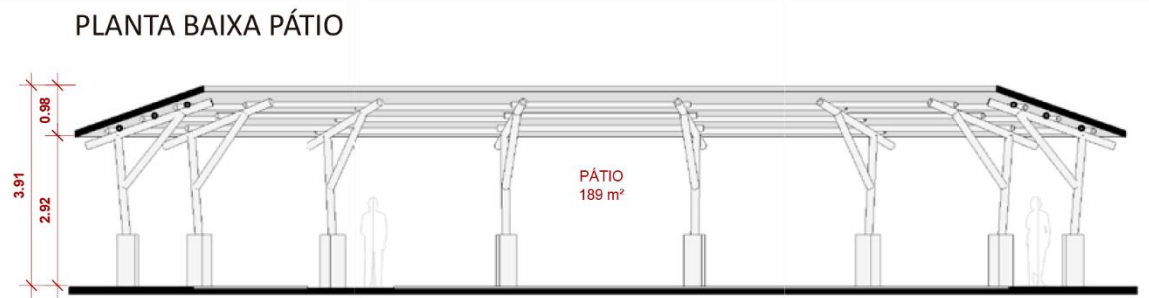
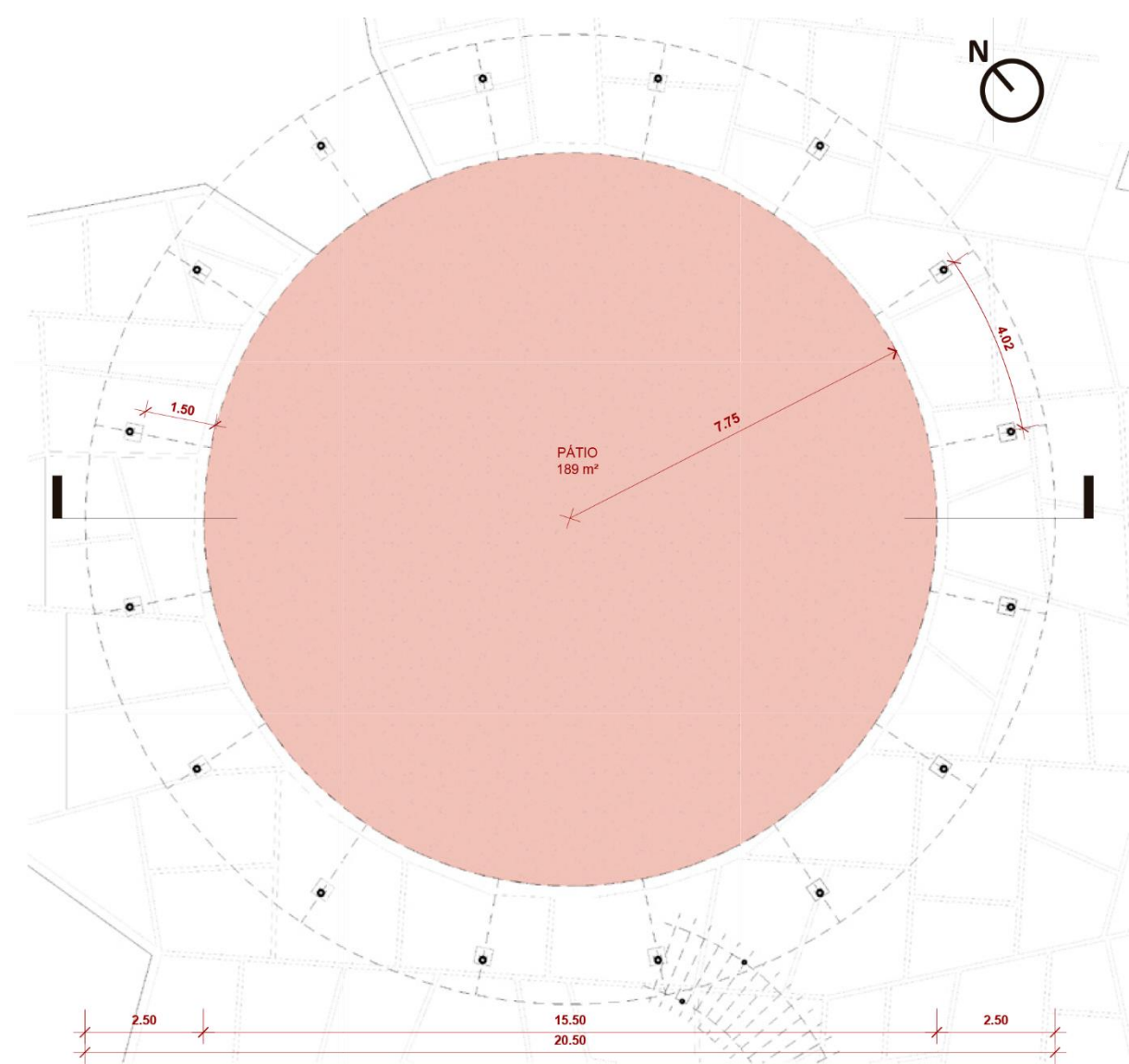
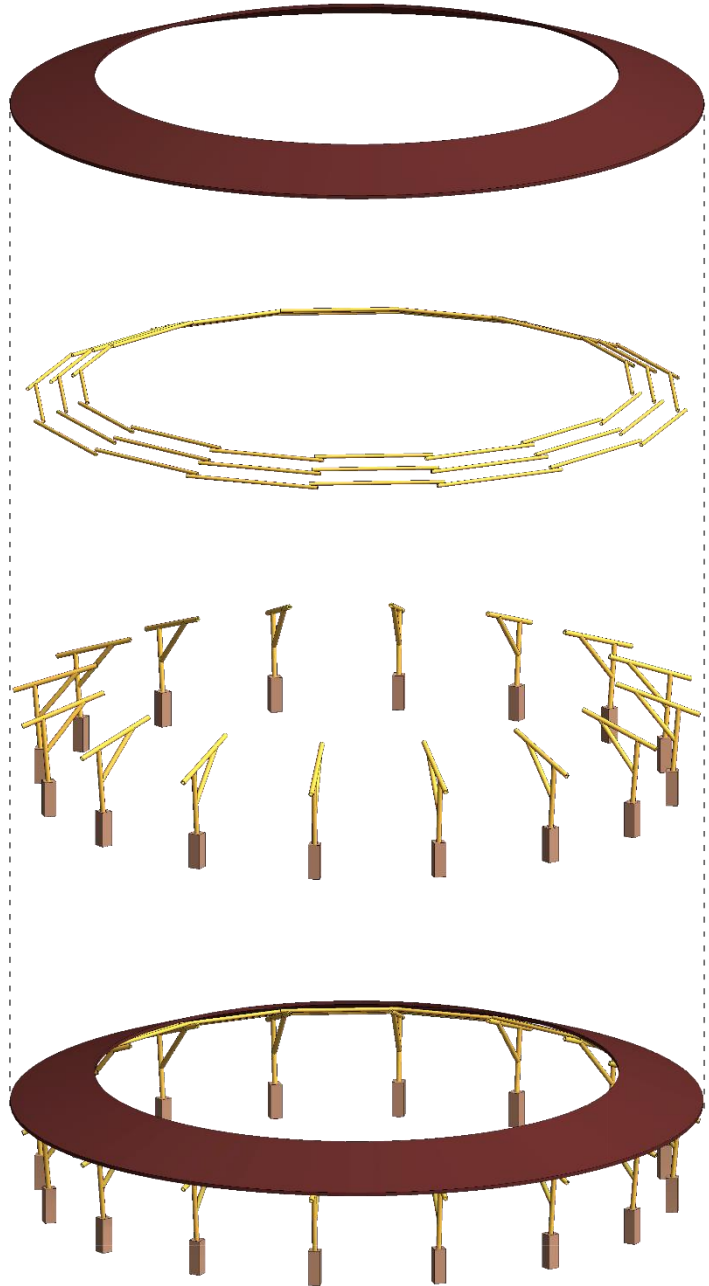


Ritual/Cosmologia



Cultural

PÁTIO

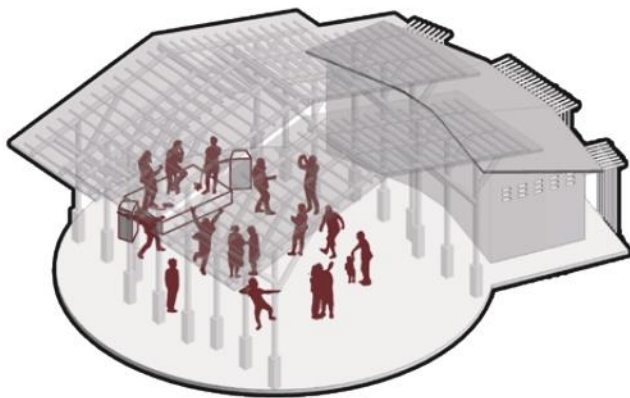


ASSEMBLEIA

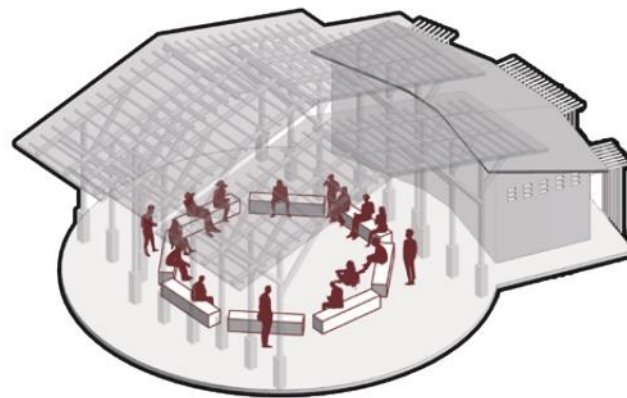
- Espaço coberto;
- Eventos com muitas pessoas;
- Integração direta com o pátio e Casarão;
- Bloco de banheiros;
- Múltiplas funções.



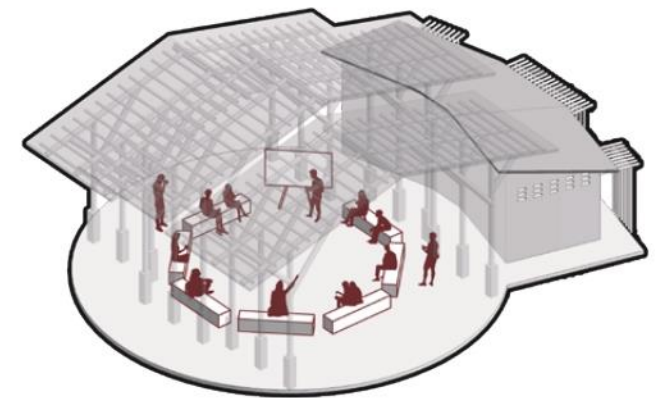
Exemplos de seus usos:



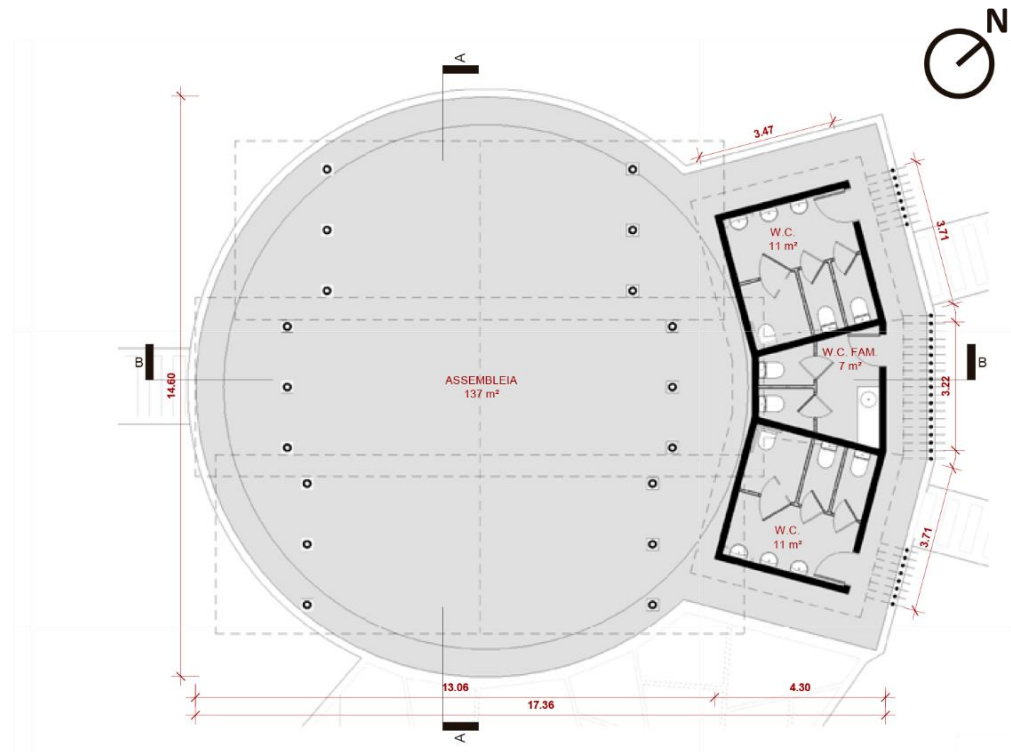
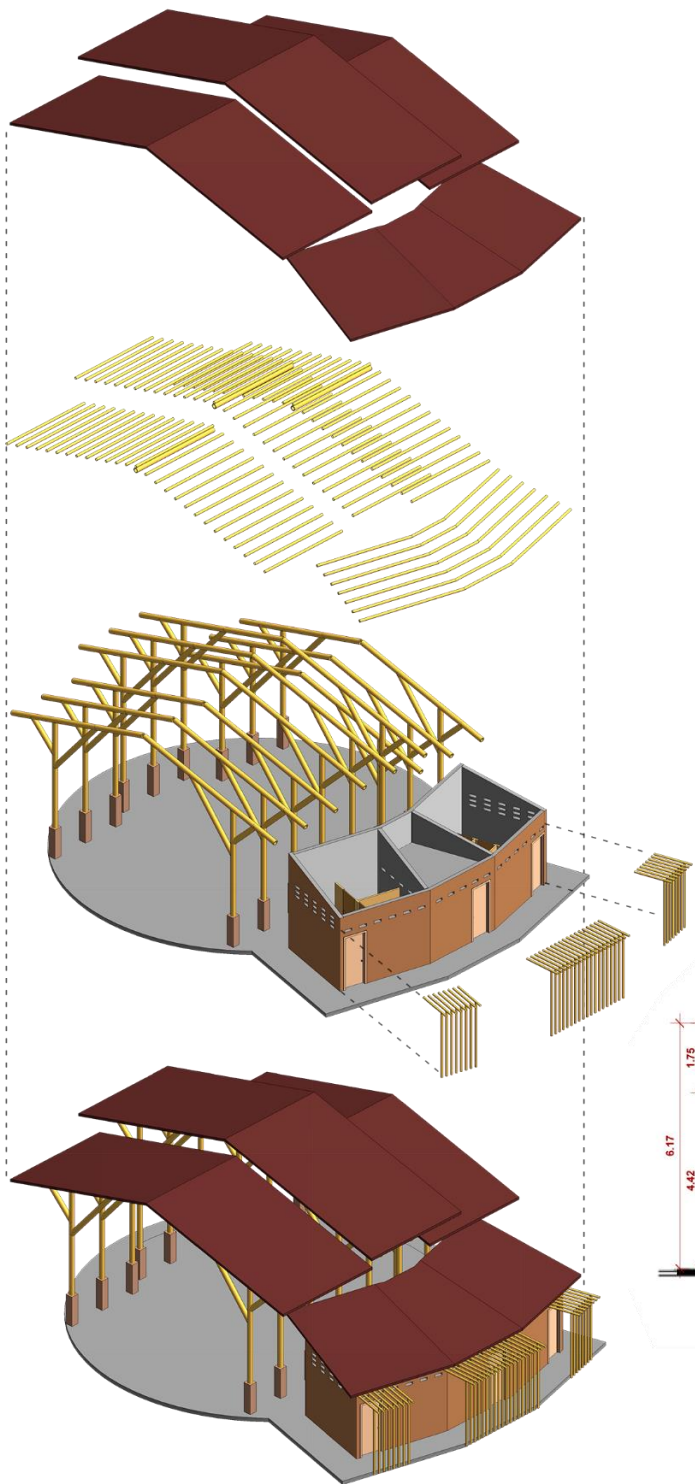
Shows



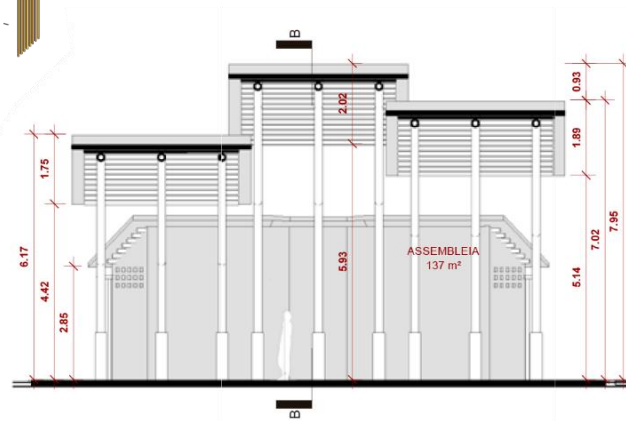
Fóruns/reuniões



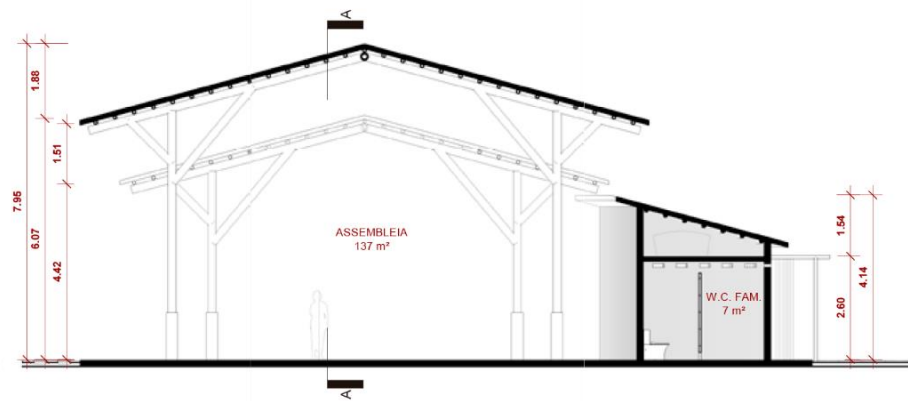
Aulas/oficinas



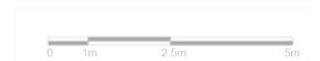
PLANTA BAIXA ASSEMBLEIA



CORTE AA ASSEMBLEIA



CORTE BB ASSEMBLEIA

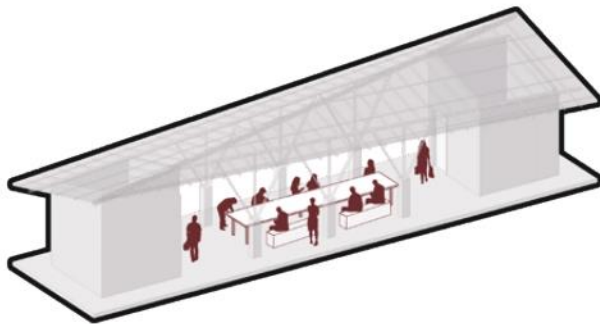


OFICINA

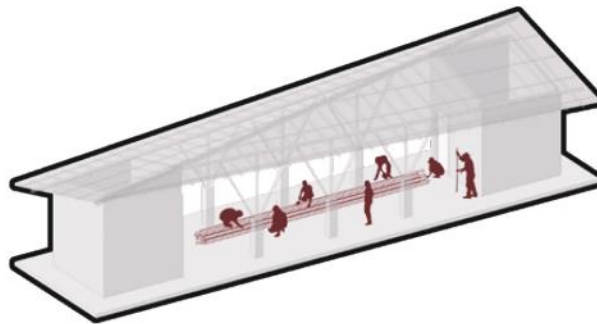
- Espaço para construção da Aldeia;
- Depósito de materiais e ferramentas;
- Ampliação exterior;
- Múltiplas funções.



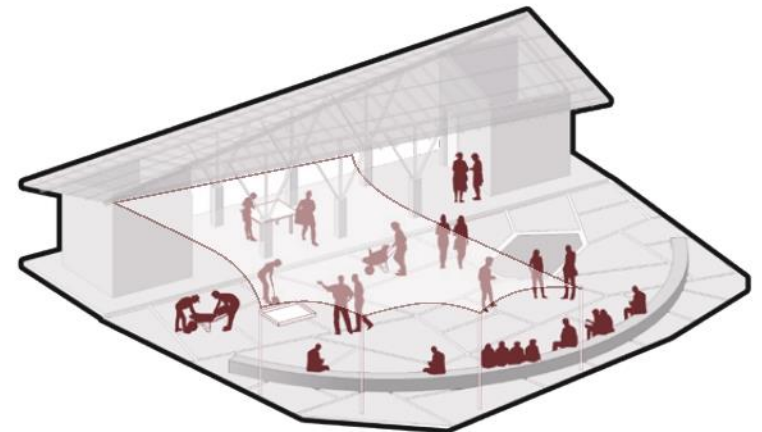
Exemplos de seus usos:



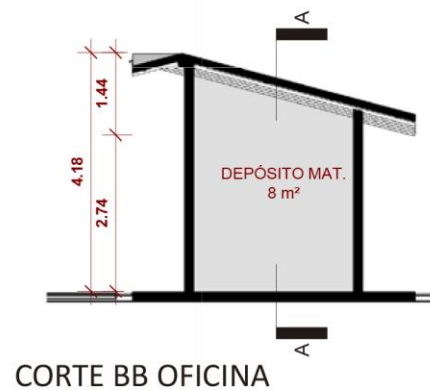
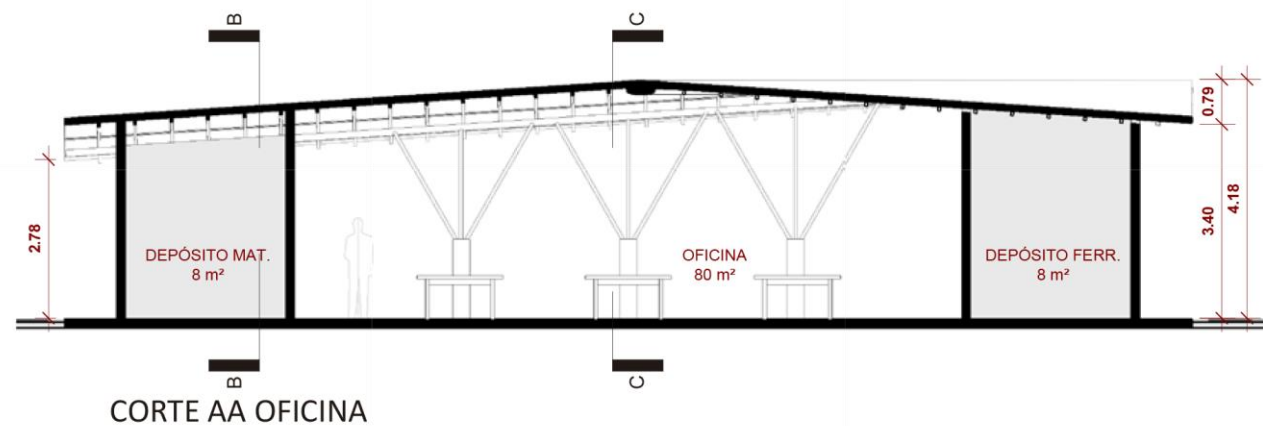
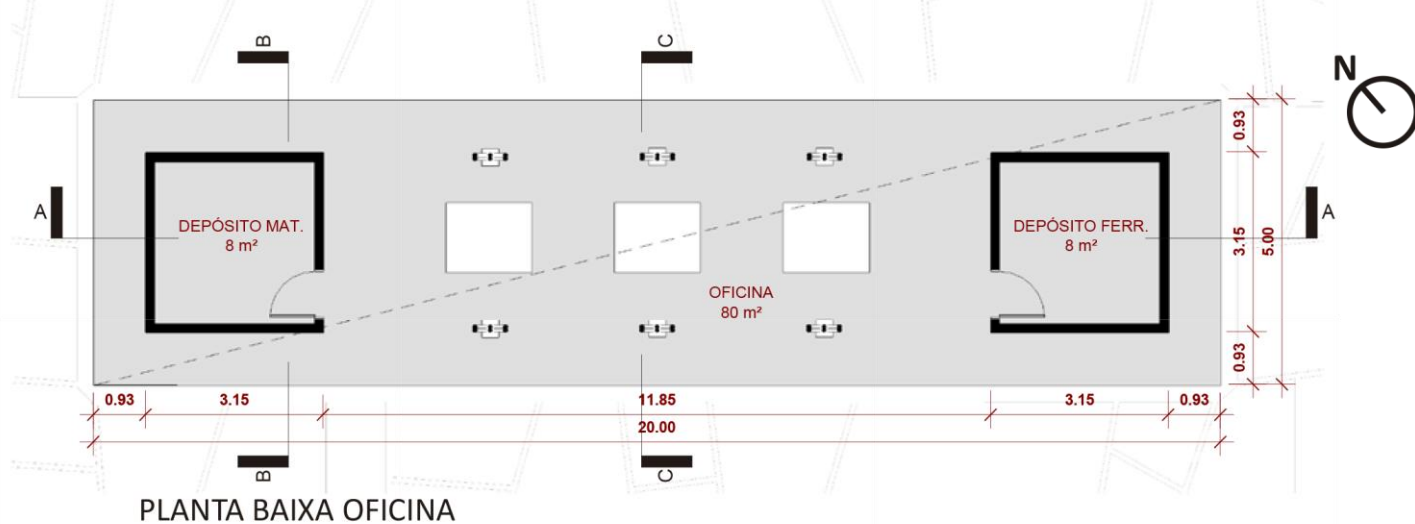
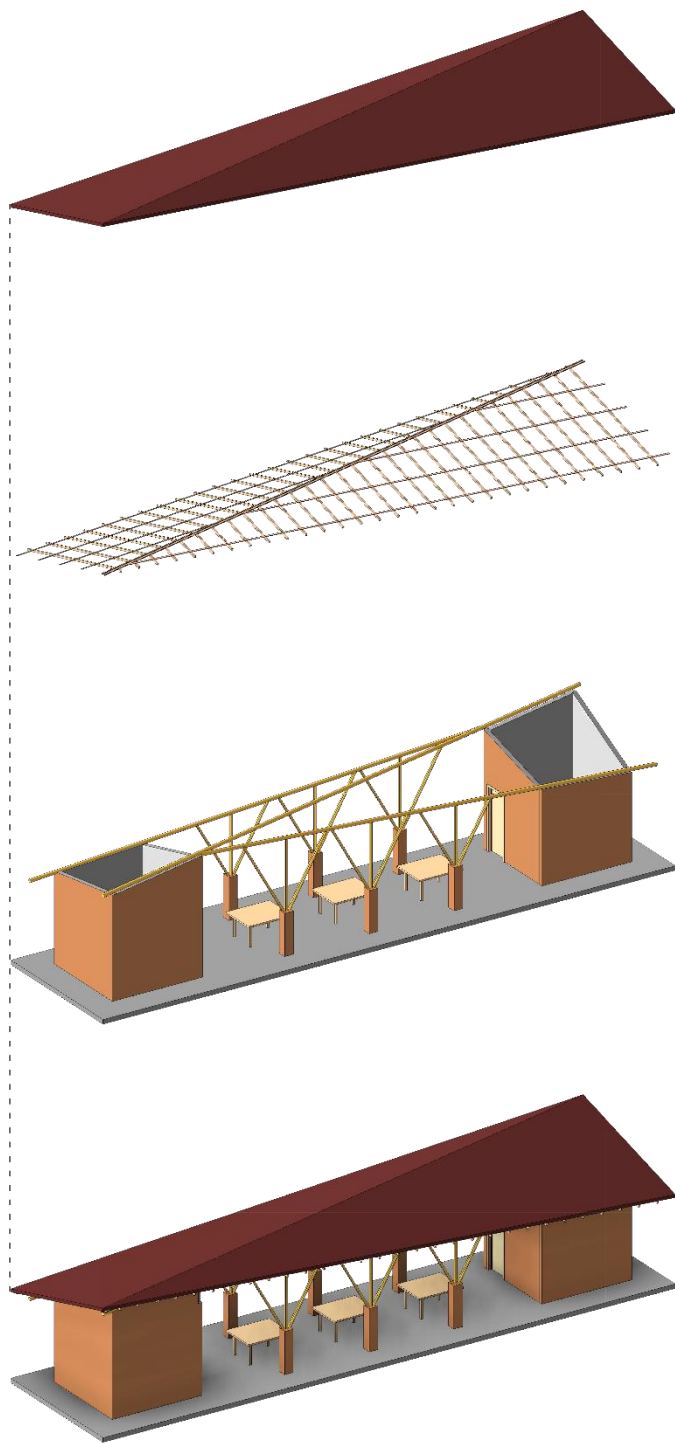
Artesanato



Preparação materiais

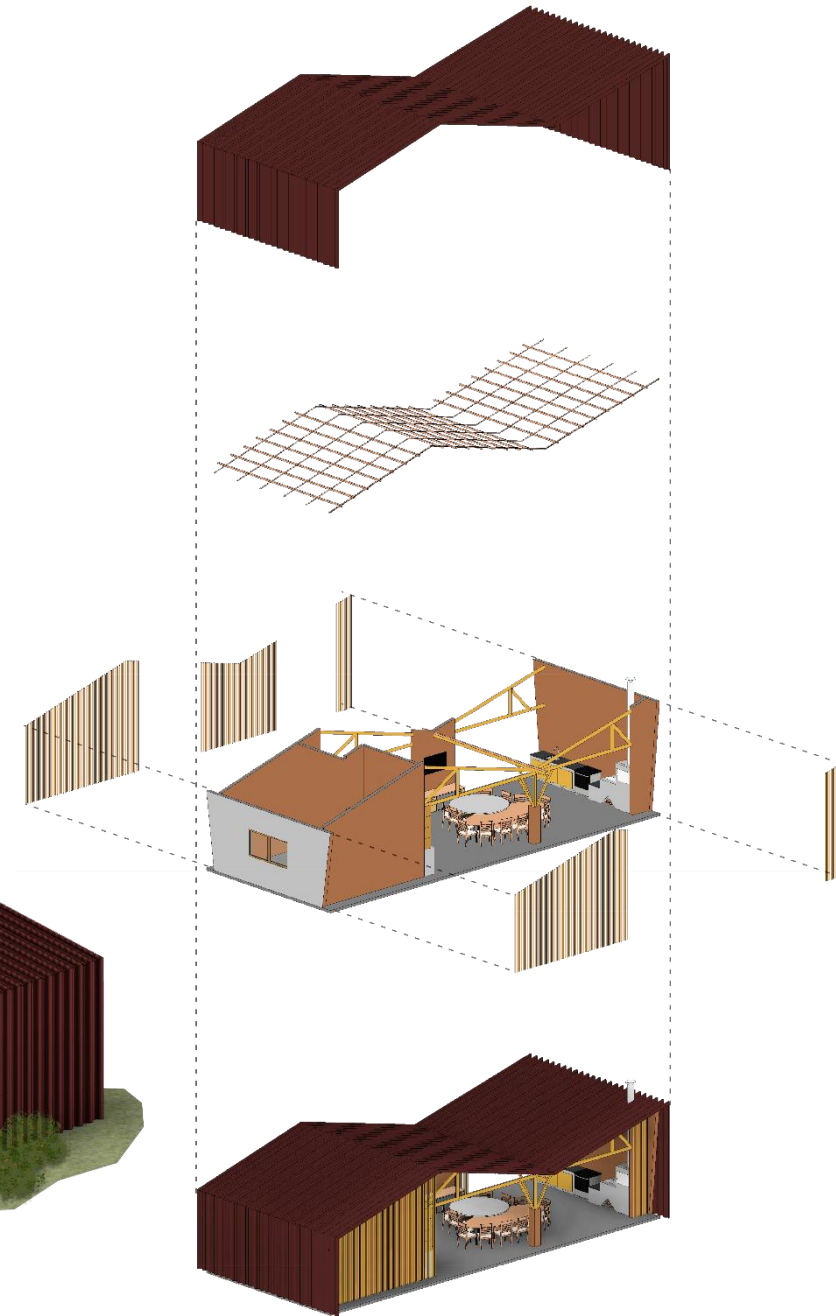
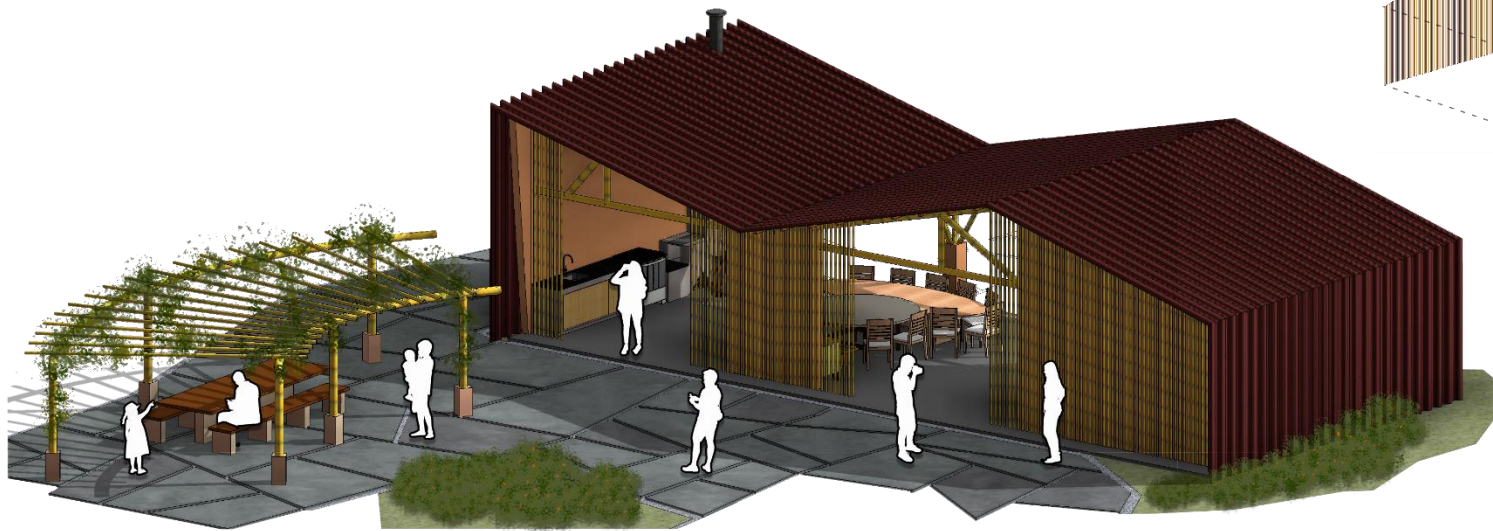


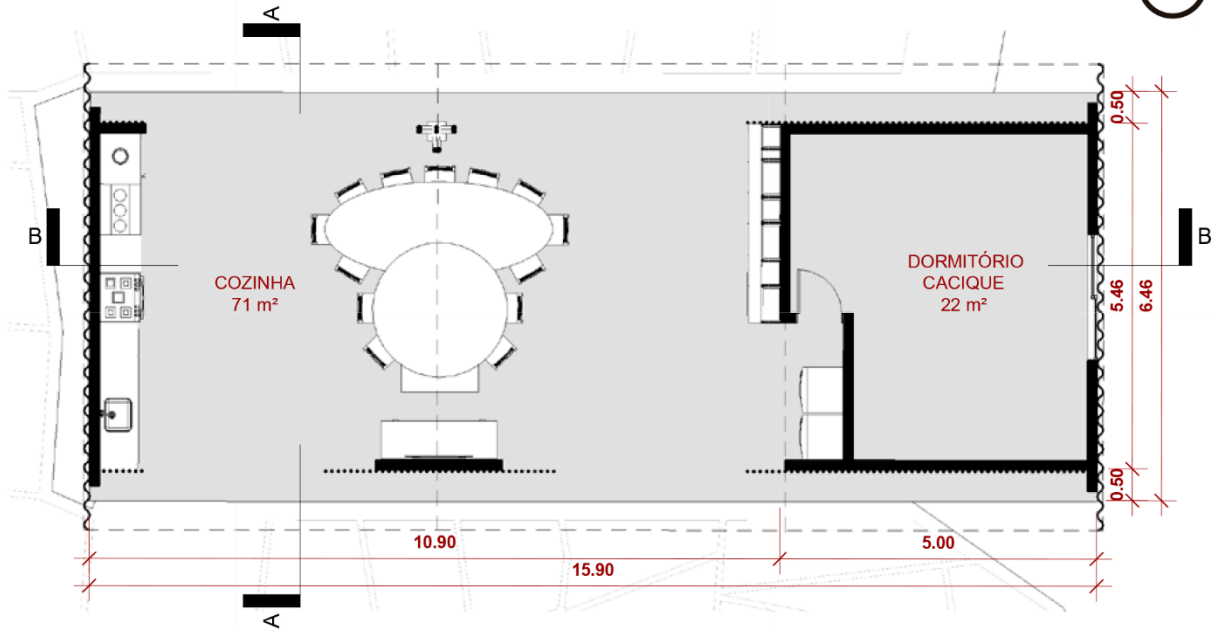
Construção



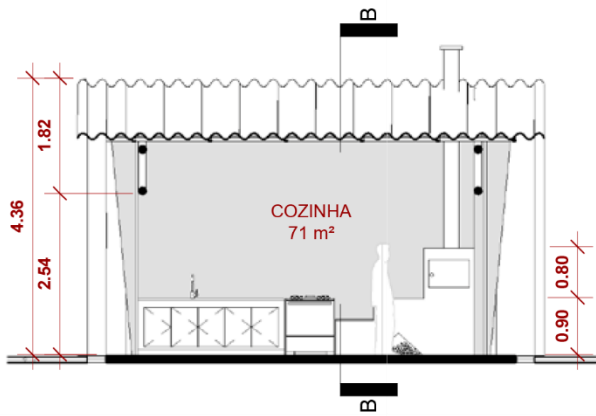
COZINHA

- Layout existente;
- Fogão à lenha integrado à área social;
- Ampliação exterior;
- Área de lazer, além das refeições.

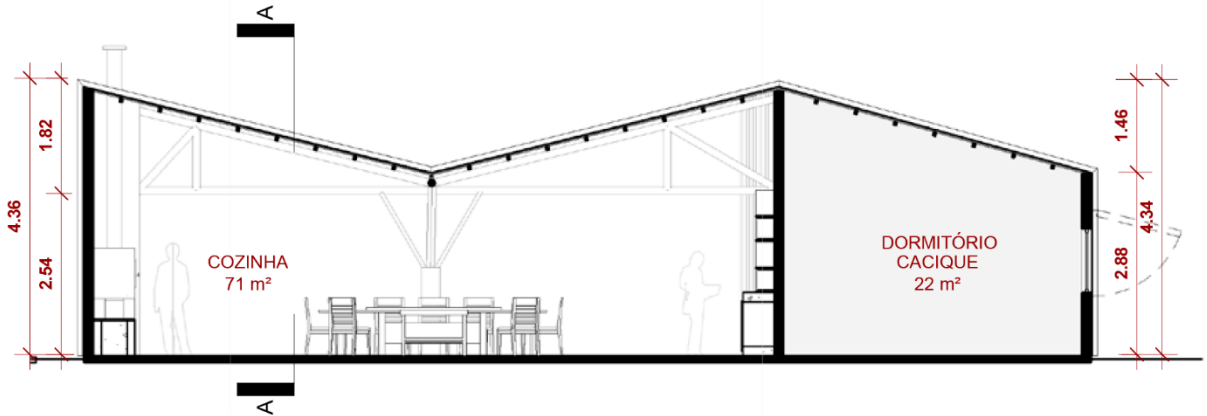




PLANTA BAIXA COZINHA



CORTE AA COZINHA

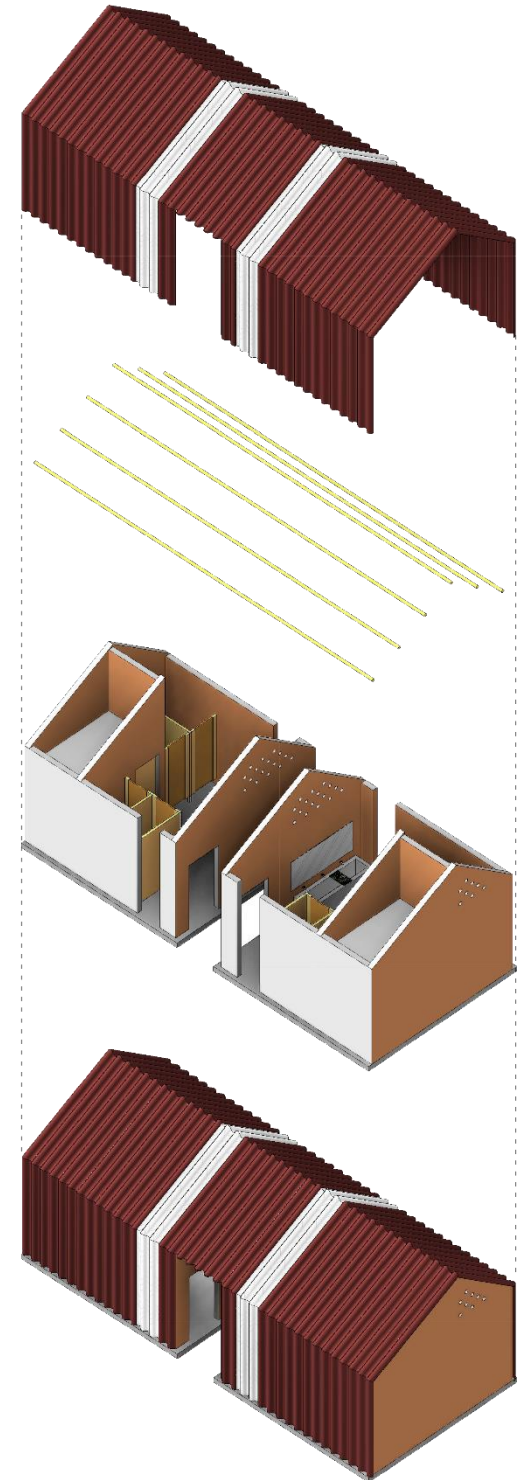
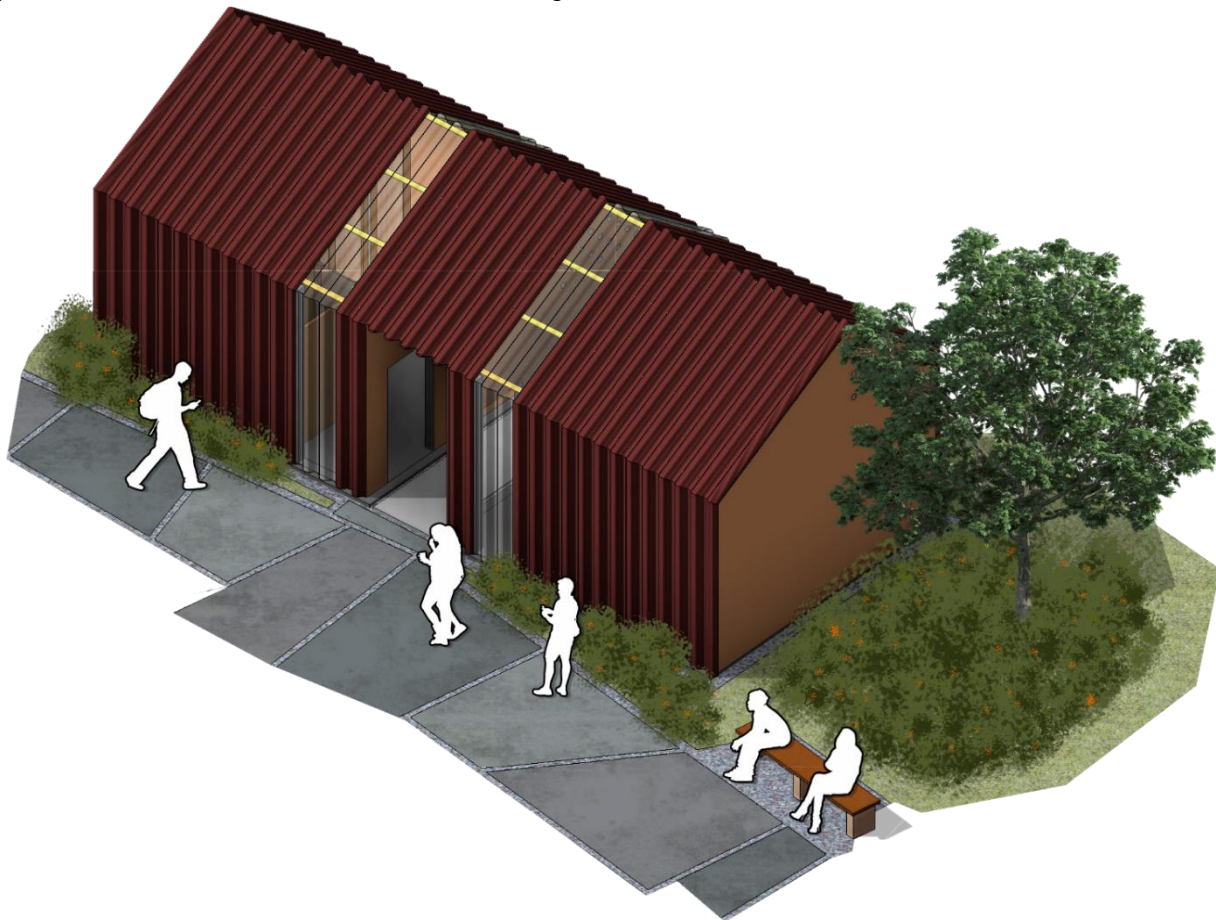


CORTE BB COZINHA

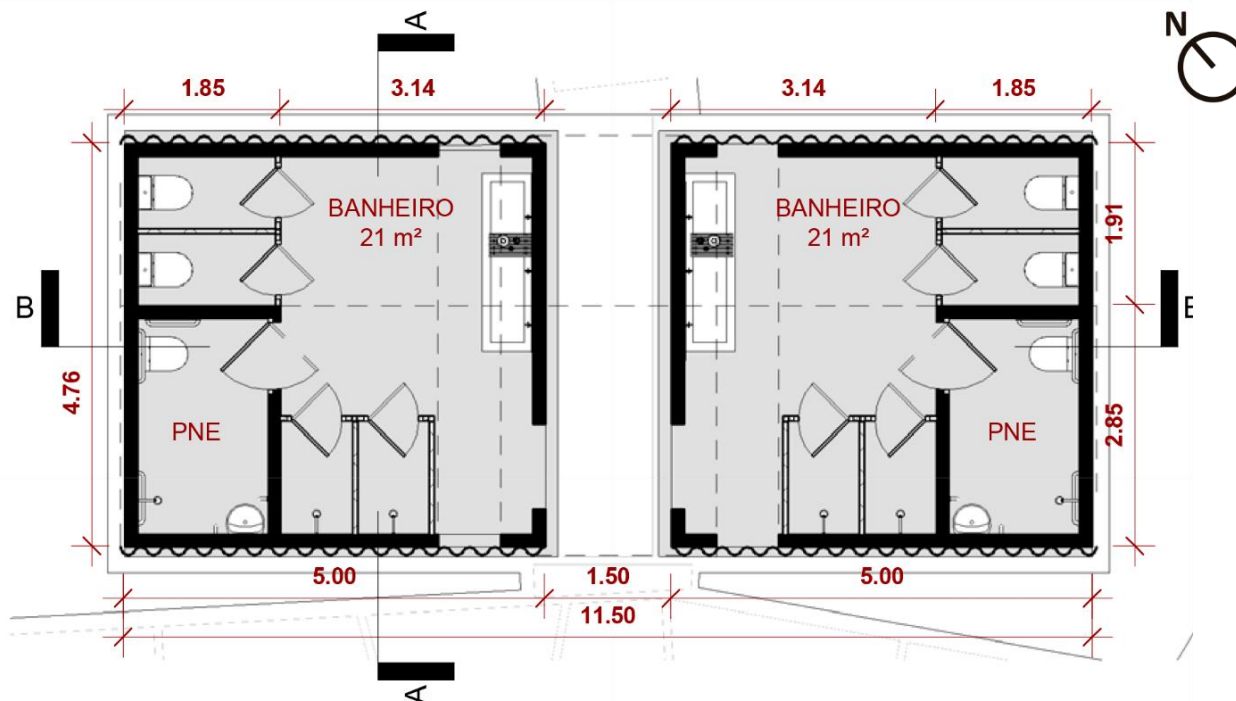


BANHEIRO

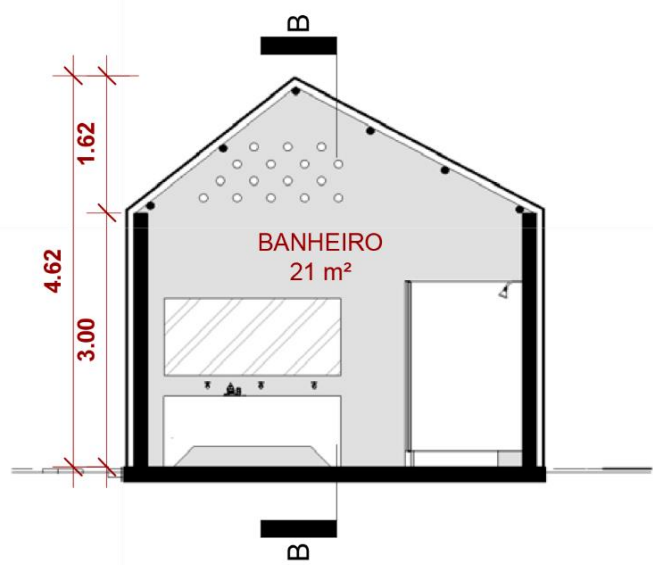
- Aproveitamento do layout do banheiro existente, apenas com ampliações nas medidas para comportar melhor cabines PNE;
- Telhas translúcidas para iluminação e relação com a água a partir da chuva;
- Utilização de tanques no lugar de lavatórios/pias para banho de bebês e crianças.



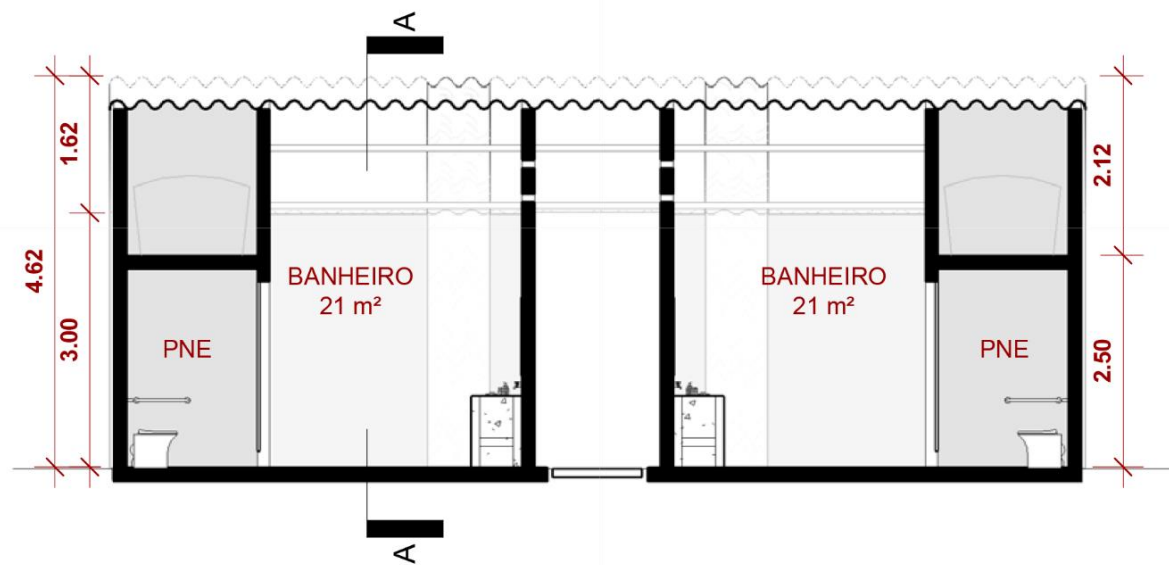
BANHEIRO



PLANTA BAIXA BANHEIRO



CORTE AA BANHEIRO

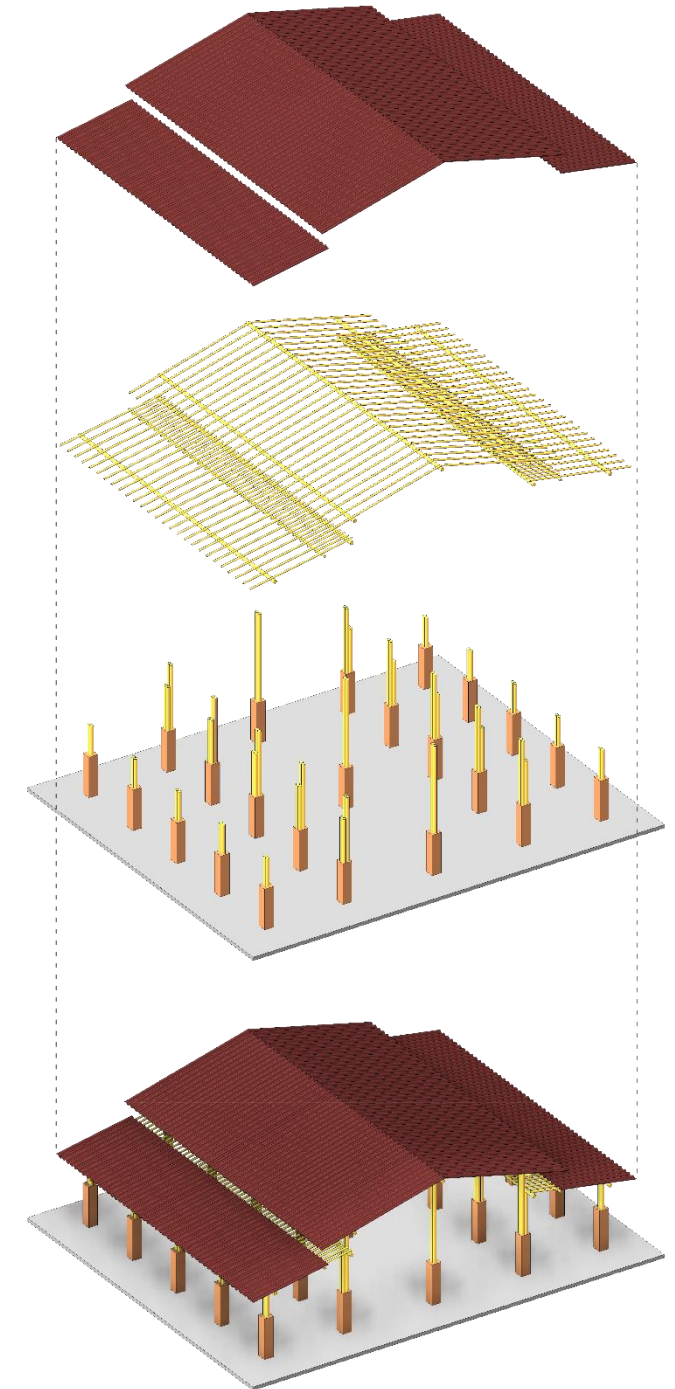


CORTE BB BANHEIRO

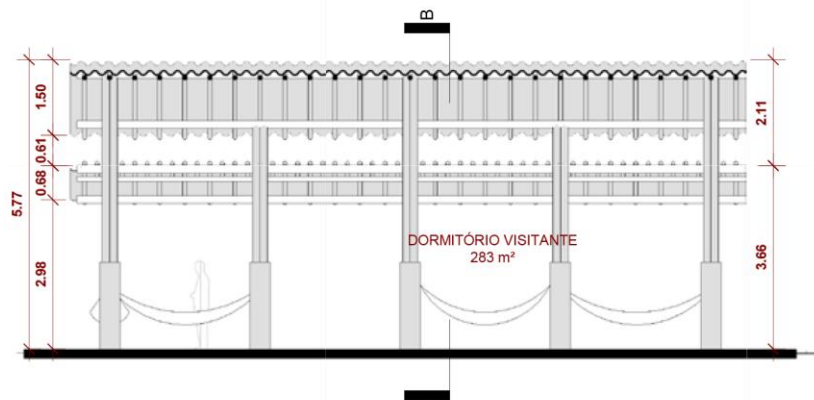
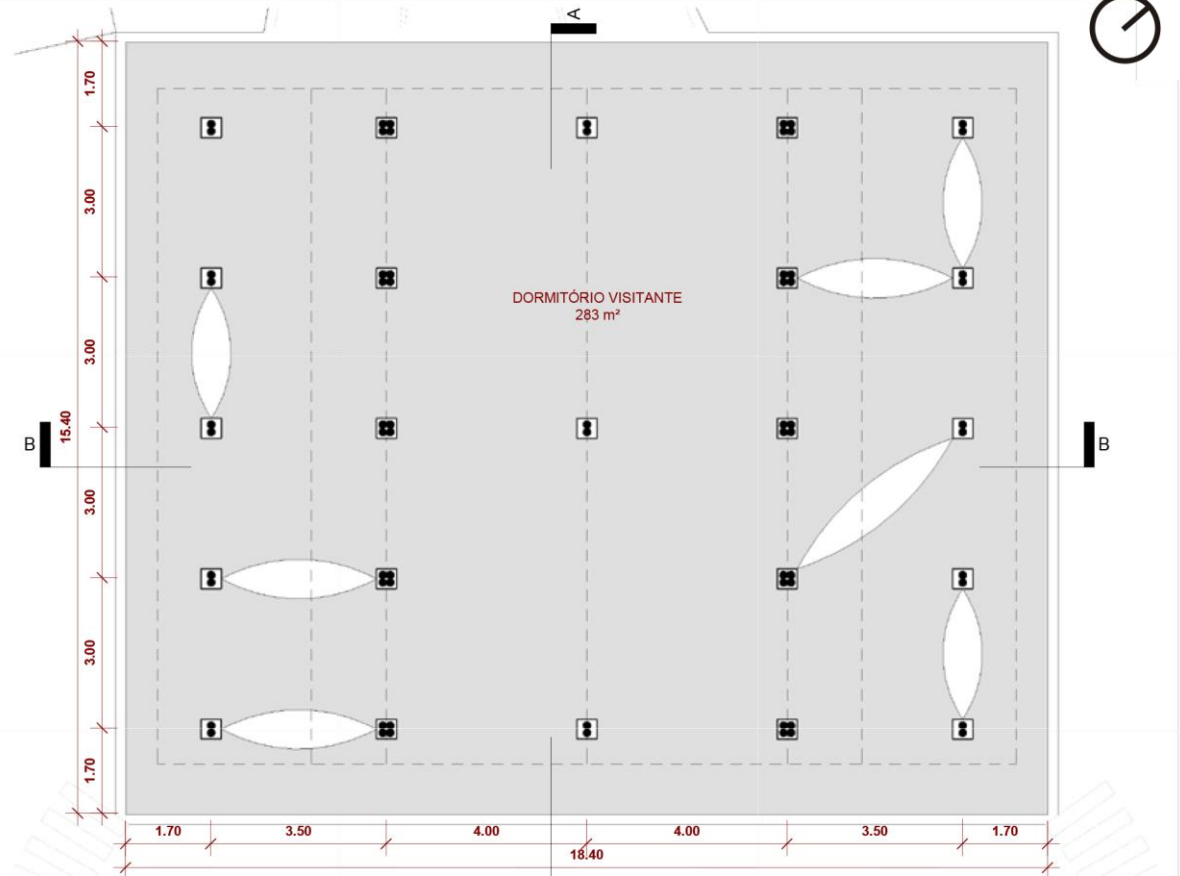


DORMITÓRIO VISITANTES

- Espaço para acolher visitantes e indígenas recém chegados na Cidade;
- Pilares para redes;
- Espaço para barracas de acampamento;
- Conexão com os dormitórios dos moradores da Aldeia.



DORMITÓRIO VISITANTES

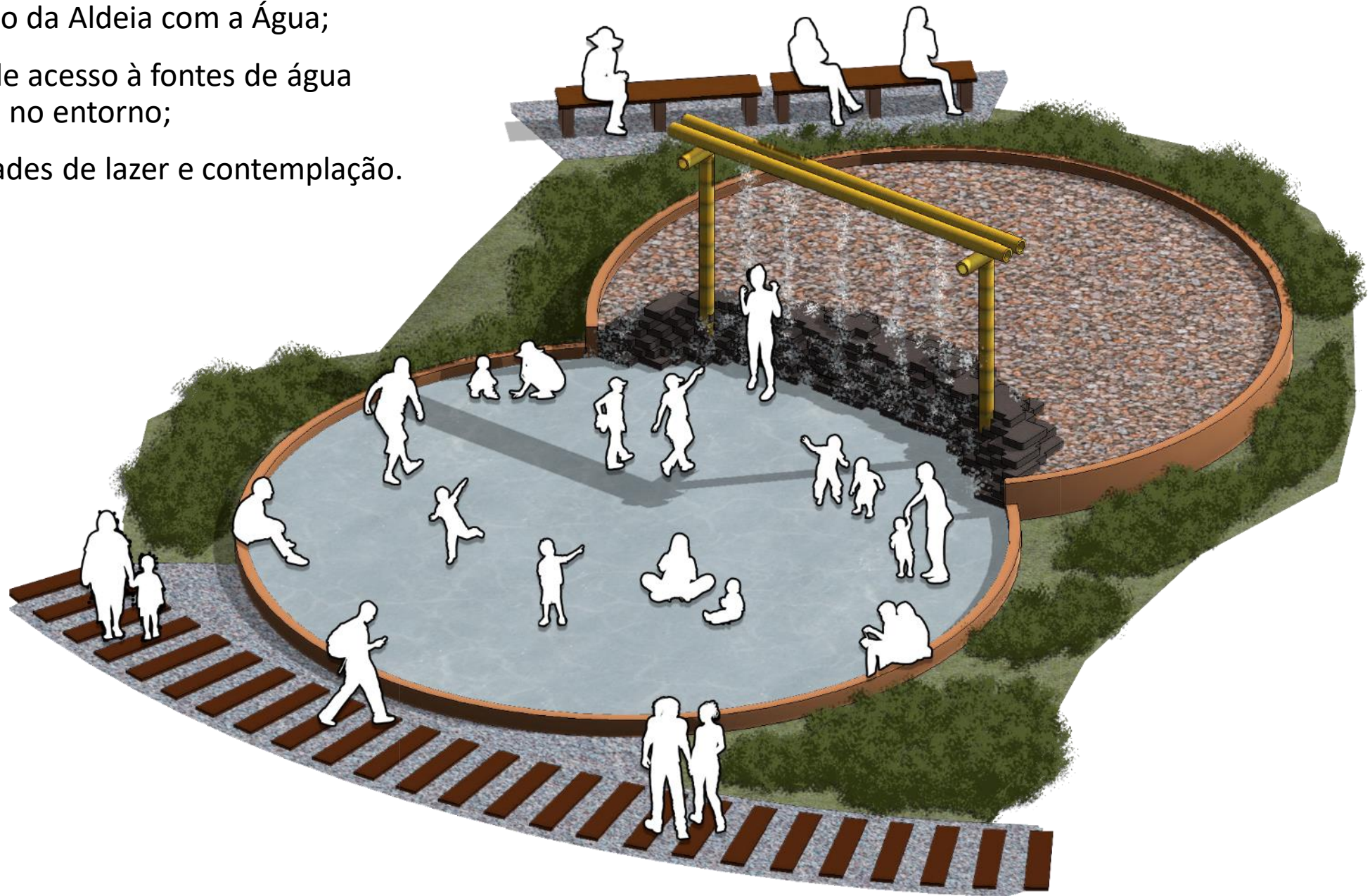


PLANTA BAIXA DORMITÓRIO VIS.

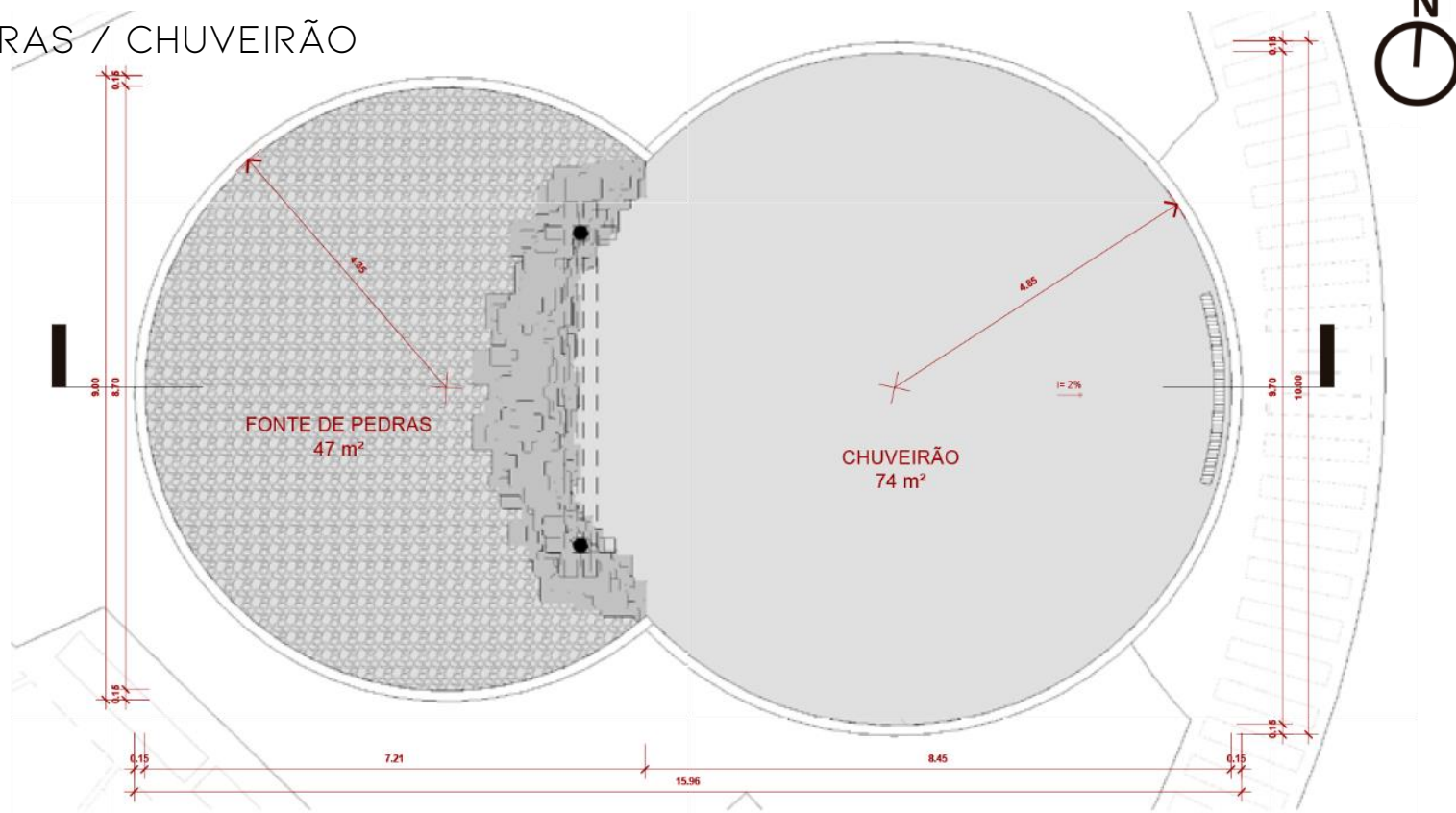


FONTE DE PEDRAS / CHUVEIRÃO

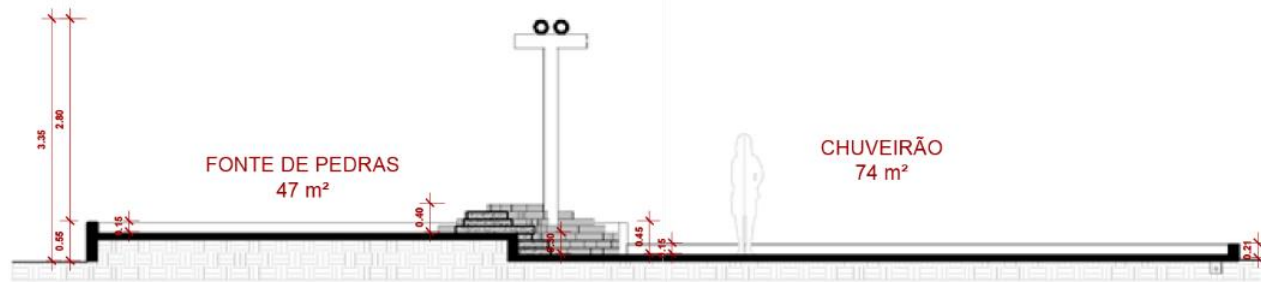
- Relação da Aldeia com a Água;
- Falta de acesso à fontes de água limpas no entorno;
- Atividades de lazer e contemplação.



FONTE DE PEDRAS / CHUVEIRÃO



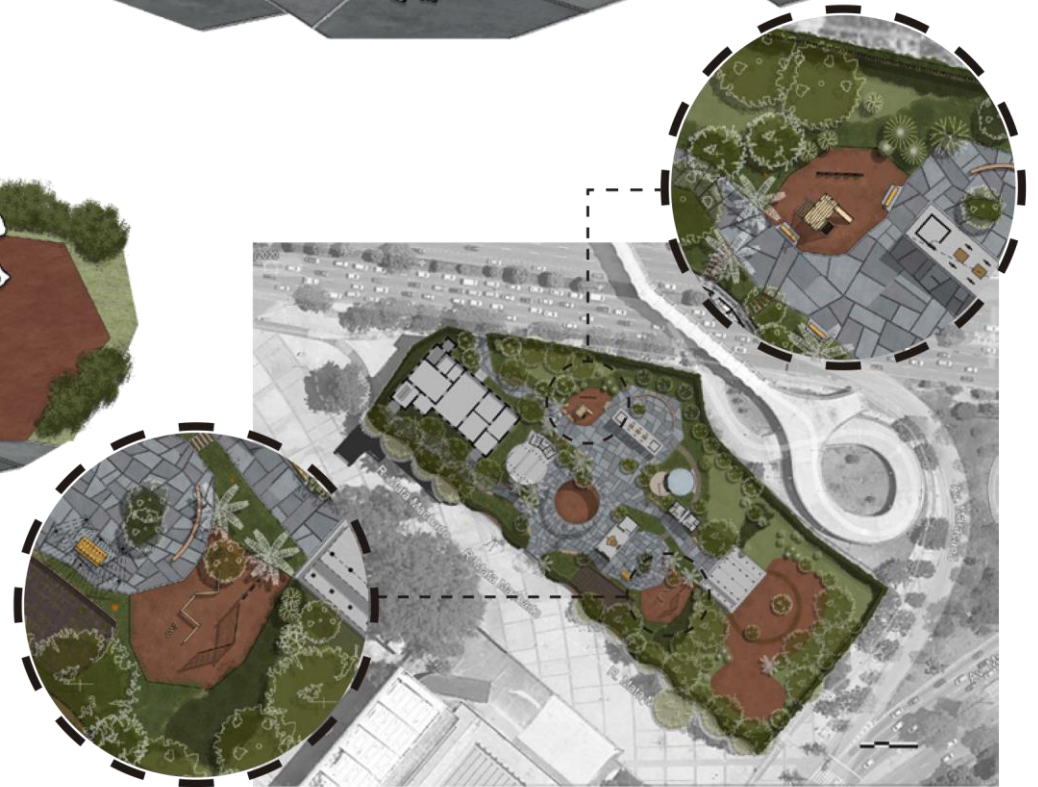
PLANTA BAIXA FONTE/CHUVEIRÃO



CORTE FONTE/CHUVEIRÃO

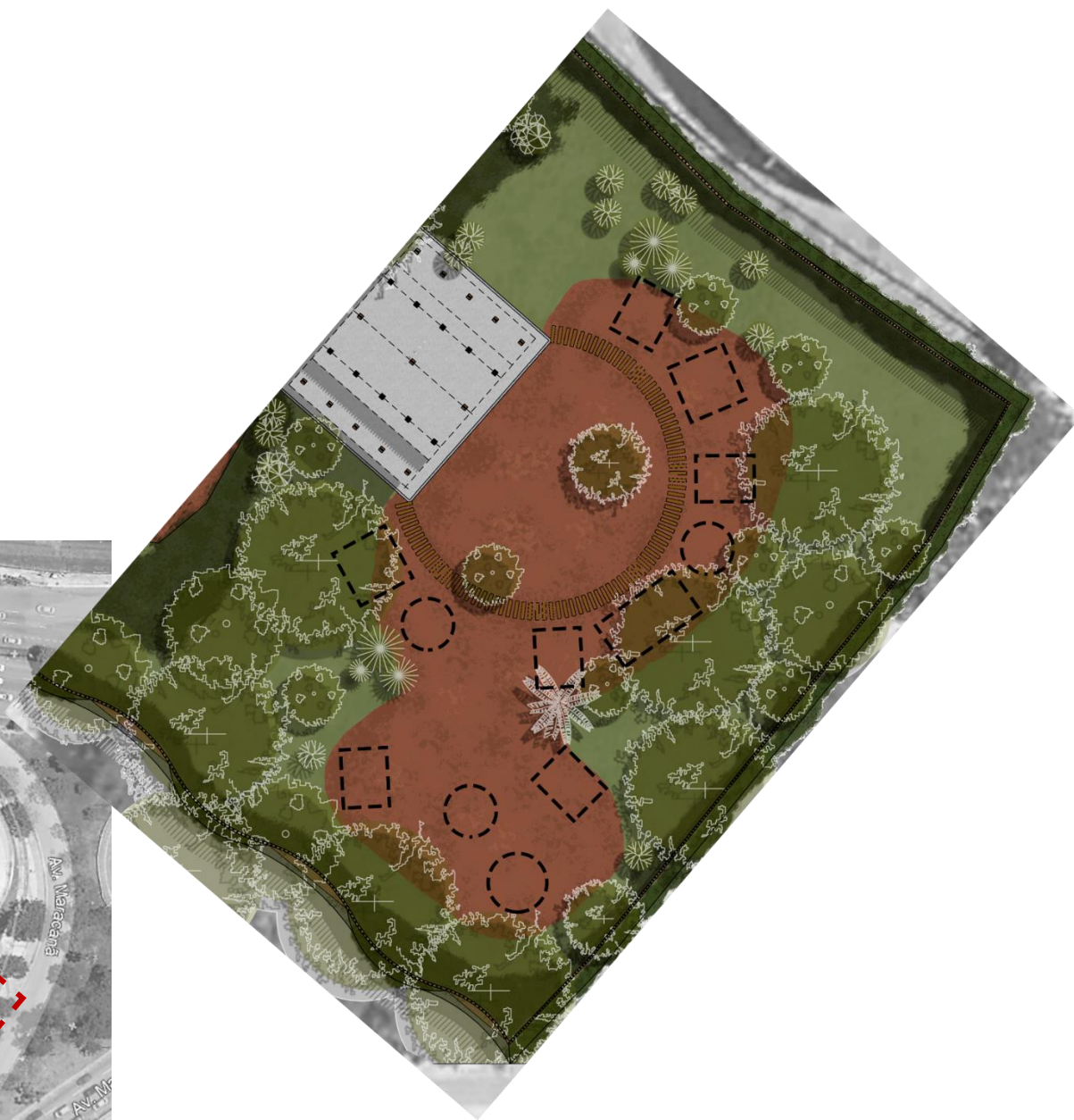
PRAÇAS

- Praças situadas em locais diferentes da Aldeia;
- Construção com materiais reaproveitados;
- Possibilidade de expansão e renovação;
- Inclusão das crianças na produção das Praças e proposição de novos brinquedos.



MORADORES

- Construção de acordo com as necessidades e etnia de cada família;
- Diferentes formas;
- Implantação circular (centro livre);
- Área mais reservada (outra alternativa de implantação).



MATERIAIS

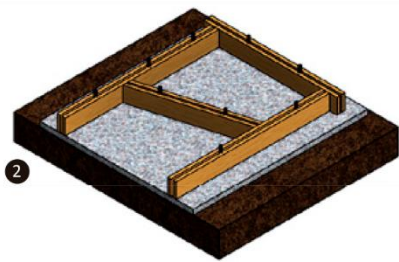
- Baixo custo;
- Atender as atividades realizadas na Aldeia;
- Aproximação com técnicas construtivas ancestrais.



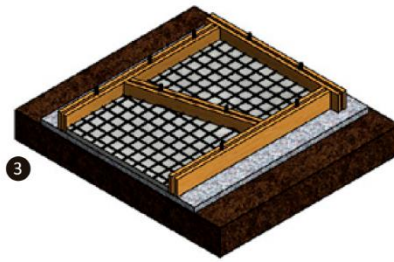
Etapas da produção do piso de placas intertravadas:



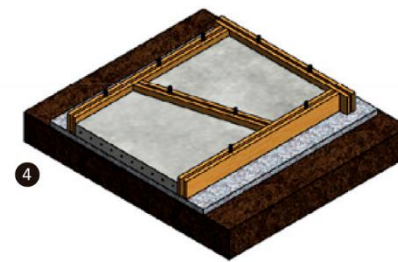
1- Camada de brita sobre solo compactado;



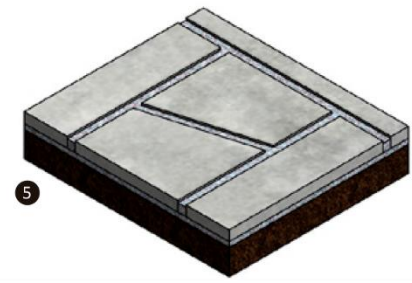
2- Ripas gerando fôrmas para receber o concreto;



3- Colocação de malha metálica;



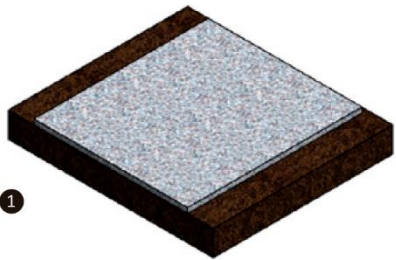
4- Concretagem;



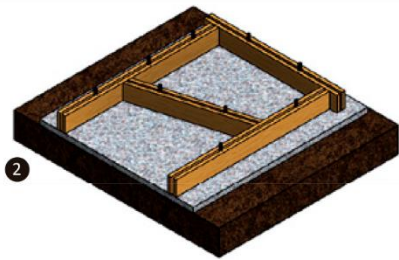
5- Piso acabado, preenchimento das juntas com brita ou similar.

MATERIAIS

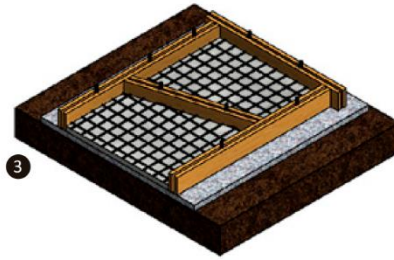
Etapas da produção do piso de placas intertravadas:



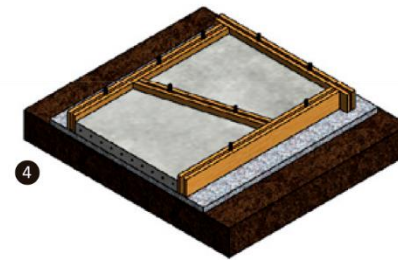
1- Camada de brita sobre solo compactado;



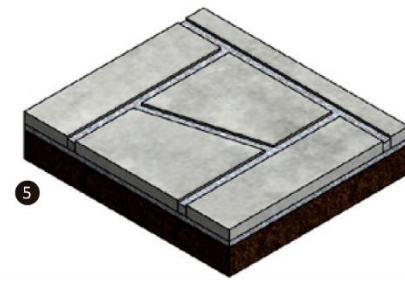
2- Ripas gerando fôrmas para receber o concreto;



3- Colocação de malha metálica;



4- Concretagem;



5- Piso acabado, preenchimento das juntas com brita ou similar.

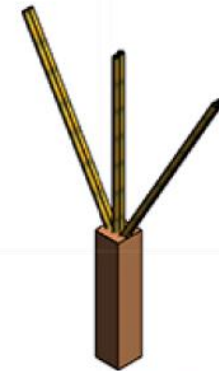
MATERIAIS



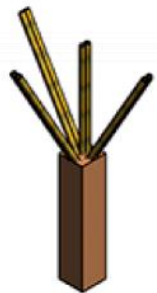
PILAR ESTRUTURA
ASSEMBLEIA



PILAR ESTRUTURA
PÁTIO



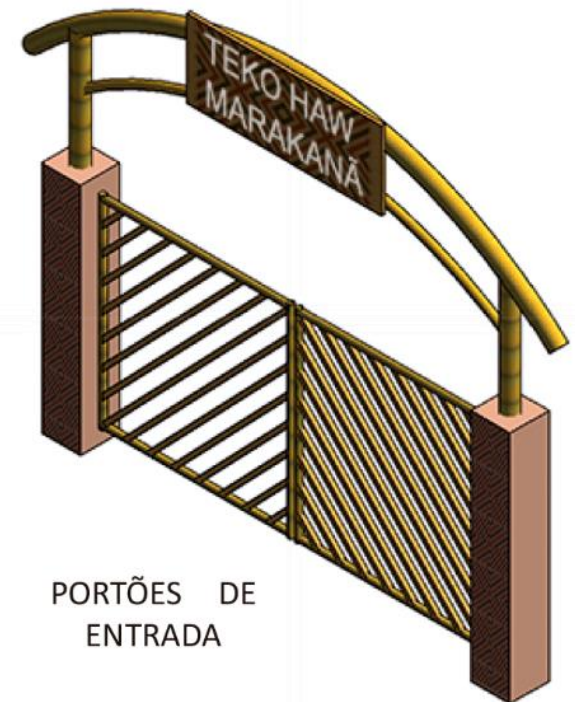
PILAR ESTRUTURA
OFICINA



PILAR ESTRUTURA
COZINHA

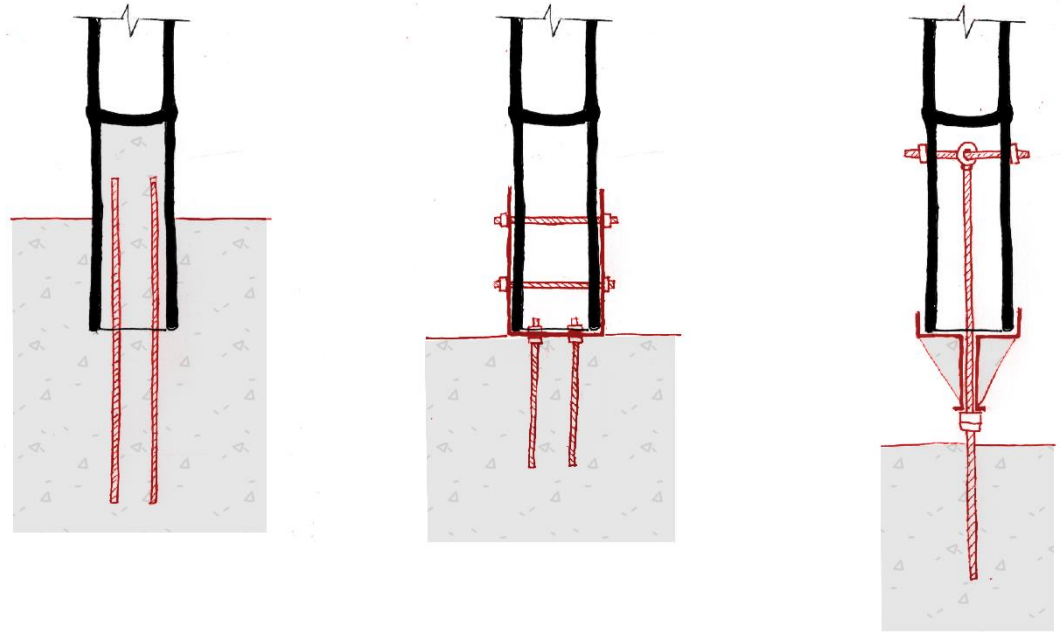


PILAR ESTRUTURA
DORMITÓRIO VIS.

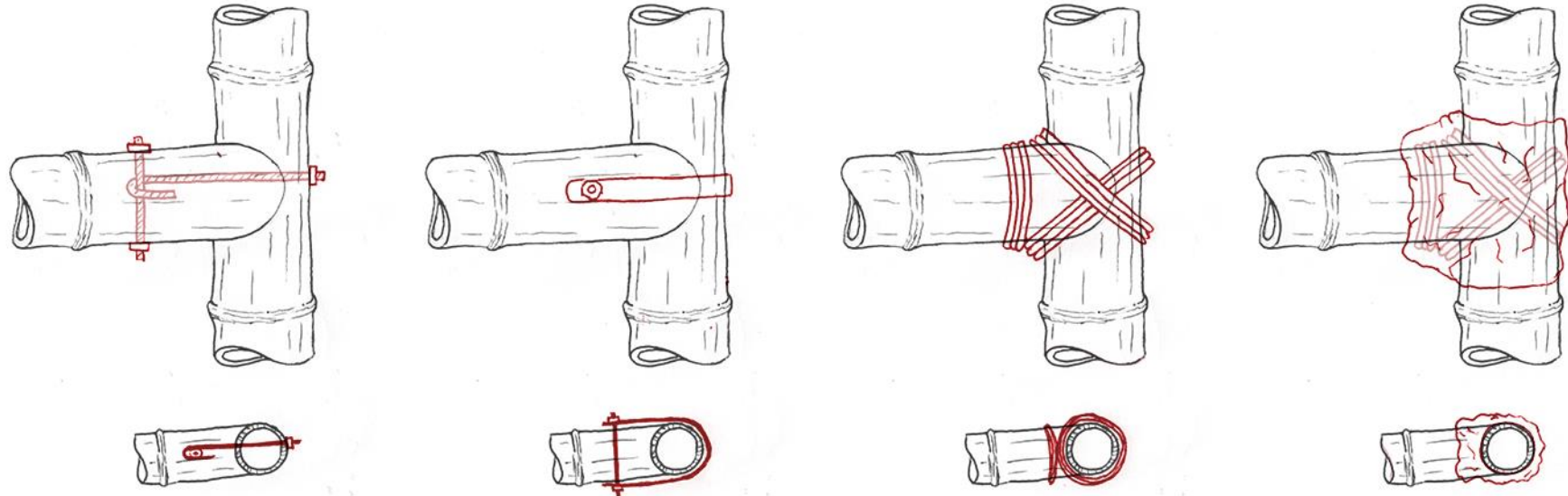


PORTÕES DE
ENTRADA

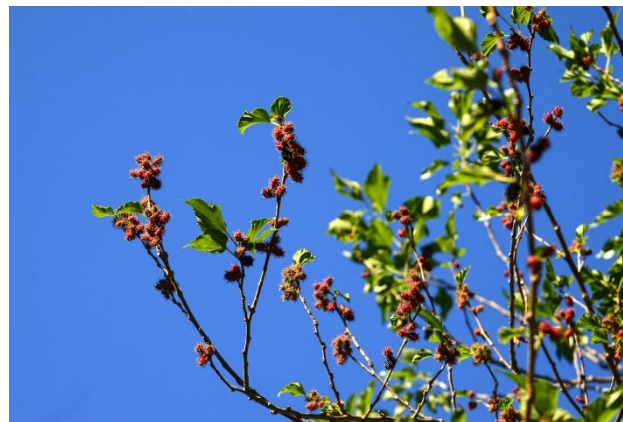
Exemplos de fixação e juntas de Bambu:



Encaixe “Boca de peixe”



VEGETAÇÃO

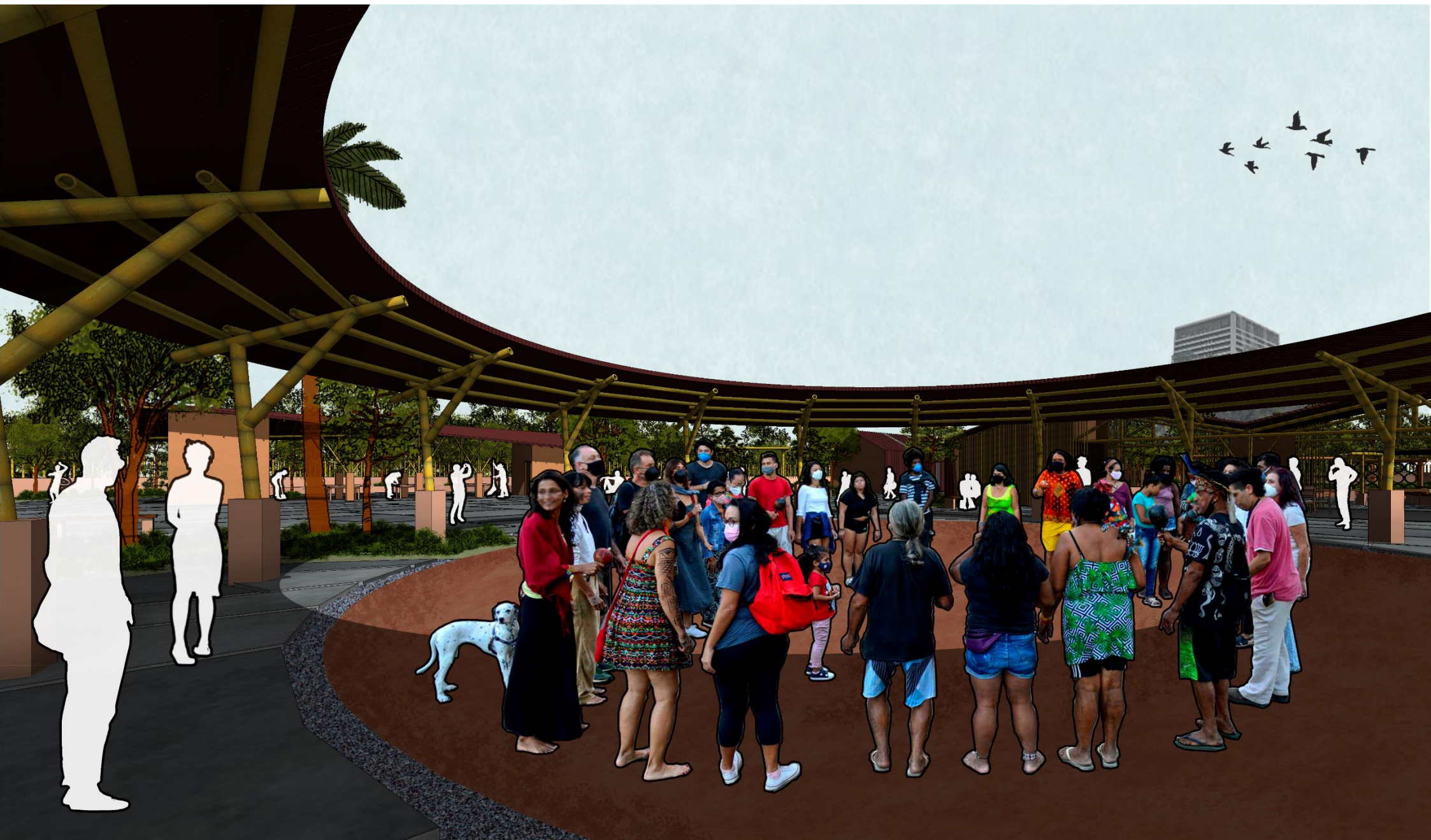












BIBLIOGRAFIA



Balanço para as crianças da Aldeia feito com pneu de carro usado.

BIBLIOGRAFIA

Abrigo Temporário no Nepal / Charles Lai + Takehiko Suzuki” [Temporary Shelter in Nepal / Charles Lai + Takehiko Suzuki] 07 Dez 2015. ArchDaily Brasil. Acessado 30 set 2021. <<https://www.archdaily.com.br/br/778030/abrigo-temporario-no-nepal-charles-lai-plus-takehiko-suzuki>> ISSN 0719-8906

ALBUQUERQUE, M. A. S. . Índigenas na Cidade do Rio de Janeiro. Cadernos do Desenvolvimento Fluminense , v. 0, p. 149-168, 2015.

BATISTA, Fabiana. ‘Ainda tem índio que aceita espelho’: Zé Urutau resiste na Aldeia Macaranã. TAB UOL, Rio de Janeiro, 26 de jun. de 2021. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2021/06/26/ainda-tem-indio-que-aceita-espelho-ze-urutau-resiste-na-aldeia-macarana.htm?cmpid=copiaecola>> Acesso em: 30 de ago. de 2021.

CALEFFI, Paula . O que é ser índio hoje? A questão indígena na América Latina/ Brasil no início do século XXI. Dialogos Latinoamericanos , Aarhus- Dinamarca, v. 07, p. 20-42, 2003.

Espírito Santo do Cerrado Church, Uberlândia. ArquiteturaViva Acessado 30 set 2021. <<https://arquiteturaviva.com/works/iglesia-espirito-santo-do-cerrado-10>>

FREIRE, Leticia de Luna. Uma aldeia na “cidade maravilhosa”: conflito e resistência indígena no Rio de Janeiro. Latitude, Maceió, v.13, n. 2, p.97-120, 2019.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Os indígenas no Censo Demográfico 2010: Primeiras considerações com base no quesito cor ou raça. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. 31p.

LIMA, T. O. G. . Levantamento arquitetônico do casarão localizado na rua Mata Machado 126, Bairro Maracanã, Rio de Janeiro/RJ. 2018.

MEDEIROS, Maíra. Perguntas que fazem para uma pessoa indígena. Youtube, 13 de jul de 21. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1qjkdfvknXg>>

OLIVEIRA, Humberto de. Coletânea de leis, atos e memoriais referentes ao indígena brasileiro. Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1947.

PENTEADO, Carlos. Índios na Cidade. Comissão Pró Índio de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<https://cpisp.org.br/indios-em-sao-paulo/terras-indigenas/indios-na-cidade/>> Acesso em: 30 de ago. de 2021.

REXISTE, Aldeia. Rio de Janeiro. Facebook: aldeia.rexiste. Disponível em: <<https://www.facebook.com/aldeia.rexiste/photos>>. Acesso em: 5 ago. 2021.

RIBEIRO, Darcy. Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas o Brasil moderno. São Paulo: Global, 2017.

SANTOS, Vinicius Pereira dos . Movimento de Resistência da Aldeia Maracanã. 2015.

SOUZA, DANIEL. Espaço Mandaru - Assembleia Xukuru. Behance, Rio de Janeiro, 21 de fev de 2018. Disponível em: <<https://www.behance.net/gallery/62366239/Espaco-Mandaru-Assembleia-Xukuru>> Acesso em: 30 de set. de 2021.

OBRIGADO!